



2020

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER
NO VALE DO MINHO



VENDE ARRENDA TRESPASSA

T.251 654 924

Publicações
Periódicas

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel



Taxa Paga
Portugal
Linda a Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXIV - N.º 1435 | 1 de Fevereiro de 2020 | Preço Avulso Euros 1,50
Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

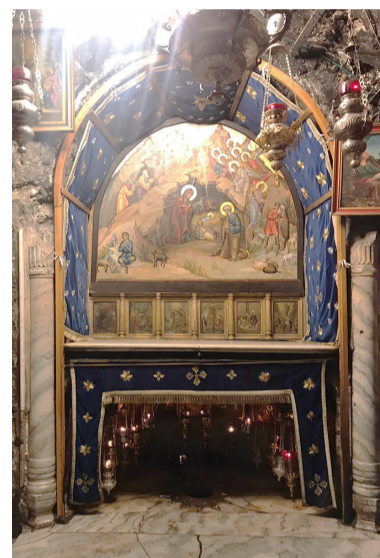
Presidente da Câmara visita Melgaço do Marajó

P.17



Ainda a Missa do Galo em Belém descrita por quem participou em tão Desafiante Aventura

P.14



Basilica da Natividade - Belém

PREVINA A GRIPE COM
EQUINÁCEA

P.4

POPULAÇÃO ESCOLAR
DISCUTIU VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA E NO
NAMORO

P.10

CARREIRAS PÚBLICAS:
CÂMARA QUER
RESOLVER LACUNA
ATÉ FINAL DE MARÇO

P.15

CTT VOLTA A ASSUMIR
GESTÃO DO SERVIÇO
EM MELGAÇO

P.20

GRUPOS ENTOARAM
CANTARES DE REIS E
JANEIRAS NA CASA DA
CULTURA

P.24

CARNAVAL-ENTRUDO
2020

P.26-27

ORIGEM DA CAPELA
DE BARATA NA
FREGUESIA DE SÃO
PAIO

P.32-33

VIAGENS:
EM TERRAS ALPINAS

SUL DE FRANÇA E
LYON

ARGÉLIA, O MAIS
EXTENSO PAÍS DE
ÁFRICA

42º Encontro de Pastoral Litúrgica de Viana do Castelo

P.16-17



A "Quintas de Melgaço" e os "lobbies" do mercado da água

P.6-7

Faleceu Padre António Domingues, natural de Alvaredo e grande amigo de Melgaço

P.15



Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor
a produzir vinhos gigantes

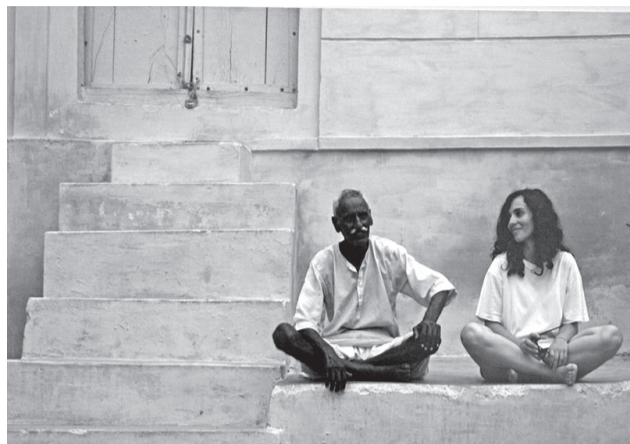
Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



Retrospectiva de exposições na Casa da Cultura e primeiras mostras de 2020

João Martinho



Fevereiro traz-nos a festa do entrudo, ou o Carnaval, como vem sendo mais apanágio, e a esse propósito a Casa da Cultura de Melgaço apresenta a exposição “Viage polo mundo da máscara”, da escritora e fotógrafa galega Mercedes Vázquez Saavedra.

A exposição abrange máscaras galegas e portuguesas e conta com a representação dos tradicionais “garruços” de Castro Laboreiro.

A este propósito, recordamos em retrospectiva dos últimos dois anos de exposições que estiveram patentes naquele espaço cultural do concelho.

JANEIRO DE 2020 – “Anfíbios: uma pata na água, outra na terra”, uma exposição de painéis informativos sobre o grupo de animais (rãs, sapos, relas, salamandras e tritões) que urge proteger. A mostra está integrada no projecto “Charcos com Vida - Investigadores na escola” do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto - CIBIO

EXPOSIÇÕES DO ANO 2019

JANEIRO – “Direitos Humanos”, da Escola Básica da Vila

No âmbito da Educação para a Cidadania e Desenvolvimento, as docentes solicitaram aos Encarregados de Educação do 1º Ano, a pintura e decoração de telas. Associando a área de Educação Ambiental, os Encarregados de Educação construíram suportes para as telas com materiais recicláveis.

FEVEREIRO – “Melgaço em Miniaturas”, de Óscar Marinho

Mostra de miniaturas, em cobre e latão, de vários monumentos de Melgaço, da autoria de Óscar Marinho. Homenagem ao criador melgacense que dedicou os últimos anos da sua vida à representação fiel, rigorosa e detalhada de Melgaço, através da arte de fazer miniaturas.

MARÇO / ABRIL – “Rio Minho é vida”

45 fotografias do espólio da Câmara Municipal de Melgaço e 17 esculturas de pesqueiras e lampreias do

Rio Minho, da autoria do artesão Vicente López Martínez, de Arbo.

MAIO – “Castelos”, do Agrupamento de Escolas de Melgaço e Santa Casa da Misericórdia

Os alunos do 4º ano, com a ajuda das respetivas famílias, foram convidados a construir castelos com materiais recicláveis. A acção decorreu em virtude da disciplina de Estudo do Meio.

JUNHO – “Um olhar retrospectivo”, da autoria de Nuno San-Payo.

JULHO – “Desenhos do Alto Minho: Sketching com História”

Ao longo de 12 meses, mais de meia centena de artistas e entusiastas do desenho passaram pelo Alto Minho, através de residências artísticas ou de encontros de sketching, para observar, sentir e registar de forma espontânea os principais recursos identitários deste território.

AGOSTO – Exposições dos projectos fotográficos Plano Frontal 2018, na Praça da República: EXTRA-CORPÓREO (Extracorporeal), de Sofia Espada; DESAPEGO (Detachment), de Clara Araújo, e QUEM FICA de João Gigante e LÁ, ONDE OS EXTREMOS SE TOCAM de Luís Miguel Portela.

SETEMBRO – “Puzzlemania”

Mostra composta por vários puzzles, de várias dimensões. A peça resulta de um projecto de Ana Leitão, uma artista amante de enigmas, teimosa e paciente na sua resolução.

OUTUBRO – Exposição de escultura de Jesus da Eira

Jesus da Eira expôs pela primeira vez na Casa da Cultura no ano de 2005 e fê-lo várias vezes ao longo dos anos, mostrando as suas aptidões na arte da escultura. Foi também na Casa da Cultura que, com esta exposição, encerrou a sua carreira.

NOVEMBRO – “Idade de Ouro do Cartaz de Cinema Polaco”

Exposição itinerante do Museu de Cinema Jean-Loup Passek no âmbito da comemoração do dia Mundial do Cinema (5 de Novembro)

Exposição Temporária

"BOCA NEGRA"

de Bruno Filipe Fernandes

7 a 29 SET

Casa da Cultura



DEZEMBRO – “Percurso do Pintor”, de Puskas
Puskas, (José Lima Monteiro Barros) mostrou várias vertentes, românticas e figurativas, com sabores lúdicos e poéticos.

EXPOSIÇÕES de 2018

JANEIRO – MAIS ALÁ, exposição de fotografias da associação Os Potiños.

FEVEREIRO – “Maria” da Associação “Os Potiños

MARÇO – “Eco escola - Eco biodiversidade”, uma mostra do Agrupamento de Escolas de Melgaço sobre a biodiversidade do recinto escolar; e “As Pesqueiras do Rio Minho”.

ABRIL – “Pródigo reconhecido”, do melgacense Fernando Azevedo

MAIO – 40 anos da diocese

JUNHO – “Pra Ti”... de Gabriel Cristiano

JULHO – Exposição do Óscar Marinho - Melgaço em miniatura

AGOSTO – “Pedra e Pele” de João Gigante; “Fôlego” de Ana Luisa Martins; “Descida do Rio Niger” de Jean Rouch.

SETEMBRO – “Boca Negra” de Bruno Fernandes.

OUTUBRO – exposição colectiva “Circo L’artes”, de AluaPolen

NOVEMBRO – “Pegadas em Pangeia – A Primeira Parte”, de Sara Alves

DEZEMBRO – Pinturas, de Fernando Magalhães

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Monção

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-imprensa:
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

O Segredo de Inês Negra (4ª parte)

Ramiro Costa

O DESEJO REALIZADO

– Estive a conversar com o teu pai e vamos ver o tal moinho de que falaste. Primeiro vamos perguntar onde fica. Depois escolhemos o melhor trajeto e, como estamos de férias, podíamos fazer um piquenique. Que achas, filha?

– Fixe, mãe, fixe!

Sofia estava sentada ao lado da mãe. Aproximou-se e deu-lhe um grande abraço, apertando-a fortemente contra si. Ao fim de alguns segundos de aconchego, encheu-a de beijos, manifestando a alegria que não conseguia conter, e disse emocionada:

– Adoro-te, mãe. És a melhor mãe do mundo!

Voltou a abraçá-la. E a mãe correspondeu, emocionada também.

– Ah! Também estive a pensar. Podias falar ao Pedro. O Pedro falava com os pais e podíamos ir todos juntos.

É claro que Sofia não cabia em si de contente. Entusiasmada com a proposta, foi logo à casa do Pedro. Este também ficou em pulgas com a ideia e prometeu falar aos pais e, se concordassem, era só marcar o dia.

A ideia foi aceite pelos pais do Pedro e começaram a planear o piquenique. Primeiro o trajeto. Fizeram algumas perguntas às pessoas mais velhas que conheciam o moinho e descobriram que só podiam ir de carro até uma determinada parte do percurso, próxima de uma vinha de alvarinho, um vinho delicioso da região. A outra parte teria de ser feita a pé. Depois pensaram no farnel. Uma vez que iam passar bastante tempo fora de casa, era bom levar comida para o almoço e para o lanche. Não podiam ser coisas muito pesadas, por causa do percurso que tinham de fazer a pé. Foi tudo planeado e ficou combinado para o fim da semana seguinte.

O tempo custava a passar. O fim de semana nunca mais chegava. Entretanto, os dois amigos iam conversando.

– Nunca mais chega o fim de semana! Achas que vamos conseguir ver Inês Negra? – perguntou Sofia.

– Não sei. Mas eu gostava mesmo que ela aparecesse! – respondeu Pedro.

– E eu também. Assim os nossos pais ficavam a conhecê-la. Ela podia contar as histórias que nos contou a nós. De certeza que iam ficar maravilhados com as histórias e a beleza de Inês Negra com seiscentos anos.

– Seiscentos anos! Mais de seiscentos anos! Então se a luta entre a Inês Negra e a Arrenegada foi no ano de 1388. Não tenho bem a certeza, mas parece-me que foi nesse ano. Ora, faz lá as contas! – desafiou Pedro.

– Está bem, está bem. Mas agora não me apetece fazer essas contas – respondeu Sofia, mostrando total desinteresse pelo desafio.

Os dias iam passando muito, muito devagar. E, finalmente, chegou o domingo do piquenique. Os dois amigos pouco dormiram nessa noite. Acordaram cedo, ainda o sol mal despontara. As casas ficaram rapidamente em alvoroço. Prepararam tudo ao pormenor. Como o moinho ficava perto do rio, também estavam preparados para tomar um bom banho. Acomodaram as coisas nos carros e partiram. As duas famílias encontraram-se no local onde tinham de deixar o carro, junto da vinha de alvarinho. Pegaram nas mochilas e meteram pés ao caminho. Entraram no passadiço que ladeava o rio e apreciavam a paisagem verdejante.

– Ali são as pesqueiras – disse o pai de Sofia.

– Pesqueiras! Que é isso, pai?

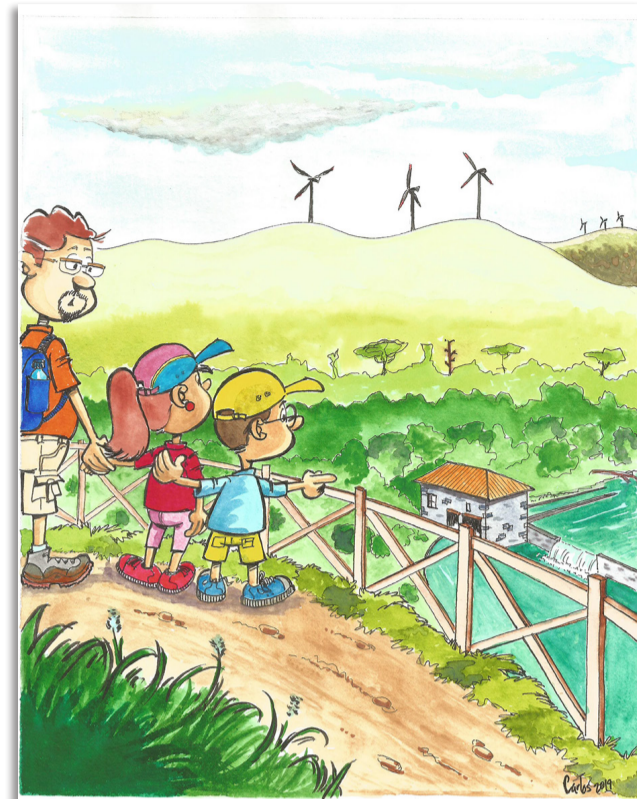
– As pesqueiras servem para apanhar as lampreias que sobem o rio. Este rio que corre ao nosso lado é o rio Minho. Aqui depositam os ovos donde nascerão outras lampreias. Mas muitas, ao subir o rio, ficam presas nas redes que estão montadas em locais próprios, nas tais pesqueiras e não conseguem escapar. Depois, os donos apanham-nas e vendem-nas. Com elas, faz-se um delicioso arroz de lampreia. É cá um petisco!

Conversando e apreciando a paisagem deslumbrante, chegaram ao fim do passadiço e começaram a descer ainda mais, por um caminho sinuoso, e avistaram, lá ao fundo, uma casinha restaurada, feita de pedra, com um telhado vermelho renovado. Estava ladeada por uns penedos e na direção da casinha corria uma pequena levada de água.

– Deve ser ali o moinho – comentou Pedro.

– Claro que é. Não pode ser noutro sítio – respondeu Sofia, com ar de convencida.

Aproximaram-se. Estavam na parte de trás do moinho, onde se via a parede de granito, com duas janelas, uma maior e outra mais pequena e, por baixo desta, o rodízio, onde a água batia e fazia o moinho trabalhar. Mas a água era pouca e o rodízio estava parado. Deram a volta e encontraram a porta de entrada. O Pedro ainda bateu à porta, depois empurrou-a, mas estava bem



fechada. Subiram a um dos penedos e conseguiram ver melhor o moinho. Só era pena não estar aberto para poderem ver o interior e observar o seu funcionamento! Exploraram o local e Sofia afastou-se ligeiramente dos mais velhos, aproximando-se de Pedro e segredou:

– Achas que Inês Negra vai aparecer?

– Não sei, mas gostava mesmo que aparecesse! – respondeu Pedro.

E continuaram a falar baixinho, enquanto os pais dos dois amigos conversavam animadamente. Todos juntos, caminharam ao lado da levada, por onde corria a água. Subiram ao monte sobranceiro ao moinho. Estavam cansados e decidiram sentar-se e descansar um pouco. Passados uns minutos, começaram a descer e estavam quase a chegar novamente ao moinho. Só faltava uma pequena descida, muito a pique e perigosa. Pedro e Sofia desceram com a ajuda dos pais.

(Continua)

ILUSTRAÇÃO: Carlos Duarte

‘Bom Dia Portugal’ entrevistou Dr. Antonino Gomes



Em 13 de Janeiro, às 8,30h, a partir dos estúdios do Porto da RTP, o Dr. Antonino Gomes foi entrevistado sobre os benefícios da ozonoterapia na medicina dentária porque muito menos invasiva e de grande efeito sobretudo no combate às cáries.

Dr. Antonino sublinhou ainda o grande nível de prevenção que se pode atingir, sobretudo em crianças, tratando as cáries e não só com o ozono, prática de que a sua clínica tem implementada já há anos e que suscita o interesse e atenção de outras clínicas espalhadas pelo país.

Ainda bem que Melgaço, em muitos aspetos marginalizado pela distância dos grandes centros, tem quem ponha em execução práticas pioneiras na medicina dentária.

Na Esthetic Smile temos à sua disposição a **Terapia de Ozono**. Marque a sua Consulta.

INDICAÇÕES CLÍNICAS DO OZONO NA MEDICINA DENTÁRIA:

- NO TRATAMENTO DE CÁRIES
- NA DESINFECÇÃO CIRÚRGICA
- NA PERIODONTITE
- NO TRATAMENTO DE AFTAS
- NA SENSIBILIDADE DENTINÁRIA
- NA ENDODONTIA
- DE SALIENTAR QUE A MAIORIA DOS TRATAMENTOS COM OZONO NÃO NECESSITA ANESTESIA.

Saiba mais na **EstheticSmile**
Tlf. +351251404002
808215415
Largo da feira - Melgaço

Terapia con Ozono
Generación de O₃ y métodos de aplicación

OZONO
La Odontología del Futuro
Incorpórese a la Odontología Biológica

Saiba mais na **EstheticSmile**
Tlf. +351251404002
808215415
Utilización del Ozono en Odontología
Beneficios y Ventajas
Largo da feira - Melgaço

Previna a gripe com Equinácea

Teresa Tábuas

O Inverno chegou e com ele chega novamente o frio, os agasalhos e, inevitavelmente, o catarro irritante e resfriados tão típicos deste tempo. O nosso sistema imunológico tem como função, entre outras coisas, proteger-nos de agentes patogénicos externos, sendo, por isso importante que ele funcione num equilíbrio correto.

Quando as nossas defesas ficam baixas, somos muito mais vulneráveis a infeções e doenças, por isso é importante fortalecer o nosso sistema imunológico sobretudo nessas situações.

A planta equinácea púrpura, *Echinacea purpúrea*, ajuda a prevenir e aliviar resfriados, porque estimula o sistema imunitário ao mesmo tempo que ajuda em problemas inflamatórios

Esta planta é a mais conhecida e estudada das plantas que ajudam o sistema imunológico. Possíveis mecanismos de ação foram descritos pelo qual modula o sistema imunológico, como, por exemplo, aumentando a produção de leucócitos e interferão e aumentando a mobilidade das células imunes para o foco da infeção.

O seu consumo é recomendado de forma preventiva em períodos anteriores a datas em que geralmente apanhamos frio como inverno ou primavera para evitar doenças a ele associado como resfriados, infeções, dores de garganta, tosse, gripe, etc.

A equinácea é um género de plantas, da família botânica Asteraceae, nativas da América do Norte, usadas desde a antiguidade pelos nativos índios, para tratar **externamente feridas, queimaduras e picadas de insetos**. A **raiz mastigada é usada para tratar infeções da boca**, dor de dentes e dor de garganta e, **internamente, o chá é usado para tratar dores em geral**, problemas respiratórios, tosse, dores de estômago e picadas de cobra.

Tanto as raízes como as partes aéreas das plantas são utilizadas e apresentam na sua composição açúcares complexos (polissacarídeos), óleos essenciais, alcaloides, poliacetilenos, compostos flavonóicos (ácido cafeico), entre outros. A sua especial composição química e nutricional confere ao extrato de equinácea reconhecidas propriedades imunoestimulantes e anti-inflamatórias, como já foi referido. A toma de equinácea durante o fim do outono e o início do inverno, pode aumentar a capacidade de defesa imunitária e diminuir aparecimento (ou gravidade) das infeções respiratórias e alergias características da época.

A equinácea é considerada uma planta herbácea e perene que possui muitas flores, de altura de 0,60 a 0,90 m, entouceirada, com rizomas quase à linha do solo.

Com o caule ereto e ramificado, a espécie forma



moitas densas e muito ramificadas. As folhas são lanceoladas verdes escuras opostas em entrenós marcados. A partir do estabelecimento da muda, o seu florescimento ocorre do verão até o inverno. Pode ser cultivada em quase todo o país, nas regiões de clima ameno a frio.

Do “Vale do Lima” XIV

P. M. Domingues

Um dia, nos primórdios do século XX, o Arcebispo de Braga fez a Visita Pastoral a Parada do Monte. Na igreja, perguntou se não haveria por ali alguns rapazes que quisessem ir estudar para o Seminário em ordem ao sacerdócio. Foi deste modo que surgiram os primeiros *estudantes* nesta freguesia. Dos três que ingressaram no seminário de Braga, todos foram padres: Justino Domingues, do lugar de Lagarteira, ordenado em 1936; António Domingues, de Chão do Bezerro, em 1937; Manuel Vieites de Carvalho, de Aldeia Grande, também em 1937.

Para chegarem a Braga, faziam o caminho a pé, descendo a Riba de Mouro, Merufe, até perto da vila de Arcos de Valdevez onde tomavam a camioneta. Quando eu fui, em 1950, também para o seminário, já só ia a pé, descendo e subindo a Minhoteira e na companhia do meu pai, até à vila de Melgaço. No fim das férias do Natal, para estar na vila por volta das oito horas da manhã, levávamos um candeeiro que o meu pai escondia numa berma da estrada, quando o amanhecer já trazia alguma luz solar. Na vila,

convergiam bastantes rapazes doutras freguesias que também demandavam o mesmo destino. A partir daí, na camioneta, no comboio apanhado em Monção com mudança em Nine, éramos um bando de rapazes pequenos e vozeiros em *transumância* da aldeia para a cidade. Estávamos por nossa conta e risco, até para contratar carreções, quando necessário, na estação de Braga. Dentro do Seminário, a vida era outra, com disciplina quase militar. Longas *formas* em silêncio pelos corredores, no refeitório, o mesmo nos salões de estudo. À mais pequena transgressão havia castigo a doer. Falar na capela podia ter como consequência a expulsão! Mas, apesar de tudo, poucos terão ficado traumatizados, como hoje parece acontecer aos meninos que levam uma pequena repreensão dos pais ou educadores! Será que nós éramos doutra espécie?

Estou a lembrar-me dum episódio sintomático da disciplina dos seminários do meu tempo. No regresso de férias, tínhamos de entrar até uma certa hora da tarde. Uma vez, andaria pelo terceiro ano (sétimo, actual), com o conterrâneo Justino Afonso, chegamos uns mi-

nutos atrasados. O porteiro foi chamar o padre Superior que nos disse que já não podíamos entrar, teríamos que regressar à nossa aldeia, bem longe de Braga, mas não nos oferecia qualquer tipo de acolhimento àquela hora do fim do dia. Incrível! O Justino começou a chorar e as lágrimas ainda tiveram algum crédito, o que nos valeu uma repreensão mas também direito de entrada. Eu, que estava numa fase de crise vocacional, quase me sentia contente com a recusa!...Tivemos alturas de ir de véspera para garantir o cumprimento do horário, porque a lonjura e a falta de transportes não eram tidas como atenuantes! Só que, doutra vez, o ecónomo do seminário não nos queria deixar entrar de véspera porque, dizia ele, “aquela casa não era uma estalagem”. Preso por ter cão, preso por não ter cão!...Mas estas memórias, contadas, tornam-se divertidas. Não ficámos com nenhuma animosidade ao rigor disciplinar daquele tempo. Até se justificariam, dado o número elevado de alunos. Muitas coisas prenderam o nosso coração e o nosso espírito aos Seminários Arquidiocesanos de Braga. E até à cidade. Bem hajam!

Flashes do Ciclo

O Processo de Tancos

Arménio Melo

A Novela do Processo de Tancos, prossegue o seu caminho, no ritmo lento, como aliás, é normal, nos processos que envolvem certos indivíduos. De facto, desde que aconteceu o assalto aos Paióis, quer no processo referente ao assalto, quer no processo, do aparecimento do material desviado foram, efectivamente, dois actos que, se não estivesse em causa um facto tão grave, seriam dois actos curiosos, de uma Novela. Com efeito, quem seguiu com atenção, os ditos e desditos, entre os elementos visados, quer entre os militares, entre estes e o Ministério Público, quer com o poder político, com realce para o ministro da Defesa, dizendo uma coisa à

segunda e o seu contrário à terça, mostrando nitidamente, não estar a falar verdade e, para culminar, estes factos lamentáveis, os inspectores, responsáveis pelos inquéritos, encontraram factos que mostravam que, o Presidente da República e o Primeiro Ministro, eram conhecedores, do presumível acordo, da entrega do material roubado, declarando ser conveniente, serem ouvidos. Porém, a Procuradora não autorizou, alegando respeito, por aquelas personalidades. Compreendo, por motivos óbvios, a atitude da PG, já não compreendo bem, a atitude do PR. De facto, quem usa sempre que lhe falam no caso de Tancos dizer: – O QUE É PRECISO

É SER TUDO BEM ESCLARECIDO DOA A QUEM DOER. – sendo ele também visado, no inquérito, devia ser o primeiro a desejar ser ouvido, solicitando a sua comparência, não se alheando, como fez. Agora surge novo imbróglio o então ministro da defesa, também acusado, apresentou, como testemunha defesa, o primeiro ministro, o qual, quer responder por escrito. Porém, o Juíz Carlos Alexandre quer ouvi-lo pessoalmente. Se o Juíz o quer ouvir pessoalmente, não há dúvida, haver matéria, com que deseja, confrontá-lo. Efectivamente, é óbvio que Costa, sabe disso, daí o seu medo. Agora veremos em que termina, esta lamentável Novela.

GAZETILHA

Álvaro Carvalho

Angola anda nas bocas do Mundo, e não pelas melhores razões!...

Só agora é que foi ateadado o “rastilho” que conduziu ao descalabro dos grandes interesses económicos daquele País tão rico com um povo a viver tão pobremente!...

Que pensará Agostinho Neto destes Luanda Leaks?!...

– **“Não basta que seja pura e justa a nossa causa. É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós”.**

Angola vê-se despojada de capitais que condicionam o normal funcionamento de toda uma Nação. A corrupção alastrou e mostrou os “tentáculos” que aprisionaram o progresso e desenvolvimento do povo angolano.

Que pensará Mário Soares de tudo isto?!...

– **“Que se há-de fazer desses brancos?”**

– **“Atirá-los aos tubarões!”**

É uma vergonha que tenham usado Portugal para branquear capitais tão levemente e descaradamente!...

Que pensa José Eduardo dos Santos de todo este imbróglio?!...

– **“Há duas maneiras de ser respeitado, uma é o medo e a outra é a confiança. O medo você impõe, a confiança você conquista”.**

Agora a justiça terá de mostrar que aos olhos da Lei todos são iguais e que não pode haver um peso e duas medidas.

Que diria Jonas Savimbi deste tempo que vive Angola?!...

– **“O Amanhã só será vosso, só será do povo, só será dos trabalhadores, se primeiro derrubarem o Dos Santos. O regime não forma os jovens para servirem à Pátria, mas para serem escravos do José Eduardo dos Santos”.**

Este é um tempo crucial para o Povo Angolano que espera ver a Democracia consolidada ao fim de quatro décadas.

Que pensa João Lourenço de todo este aparato?!...

– **“A luta contra a corrupção resume-se em duas palavras: coragem e determinação”.**

Haja coragem e determinação para devolver o seu a seu dono.

Com um pouco de sorte até pode ser que muitos familiares de “retornados” vislumbrem um “naco de pão” que lhes foi roubado na pseudo-descolonização!...

Feliz daquele que tem um Lar que o acolhe e uma Família que o recebe

Helena Matos

No final da tarde a porta entreaberta da Igreja convidou ao recolhimento e oração. Depois de um dia atribulado que parecia não dar descanso ao corpo, faz bem agarrar uns minutos e saborear o momento que nos toca.

A partida de alguém querido turva a mente e deixamos desamparados e crispados criando uma certa apatia que fere. Nem sempre somos bons ouvintes e, por vezes, não encontramos a melhor forma de ser prestáveis aos que nos rodeiam.

Cada um com sua dor caminha até onde pode!... Ninguém deve exigir mais do que é permitido e fazer juízo de valor!...

Elevo minha prece a Deus e fixo o olhar naquela Cruz tão repleta de sentido.

Na casa de Deus somos abençoados com o melhor que o Pai dá a seus filhos. A protecção divina dá-nos a força para carregarmos o nosso fardo.

Saio do Templo de Deus e dou de caras com aquele doce sorriso de criança que brinca no colo de sua mãe. As crianças são uma bênção em cada lar.

Já todos fomos crianças e nunca deixamos de o ser!... É o encanto e ternura dos mais pequenos que

ameniza a dureza do adulto.

Cruzo-me com aquele homem curvado e magro que estende a mão a pedir esmola. Não parece conformado com a sua sorte e o maldito vício vai consumindo suas entranhas. Esperemos que um milagre o faça ver o triste fado em que vive.

Um grupo de jovens faz-se ouvir e contagia com sua alegria e boa disposição. As aulas terminaram e de volta a casa sentem-se livres e despreocupados.

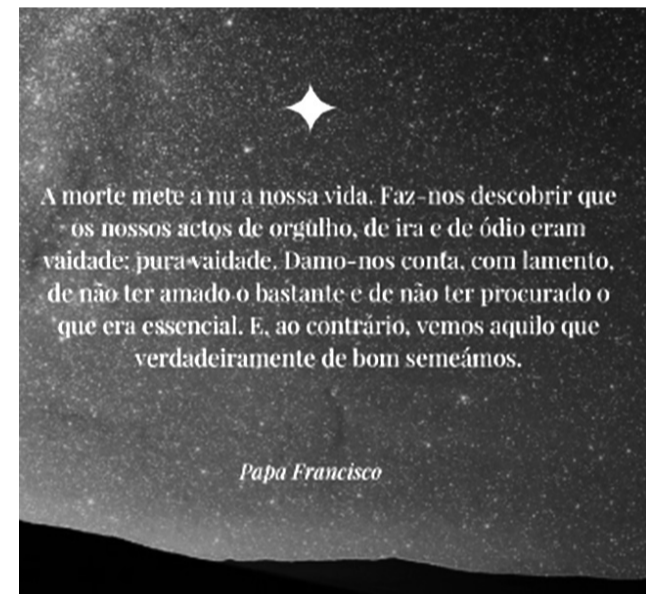
Sente-se o frio e o cair da noite!...

Feliz daquele que têm um lar que o acolhe e uma família que o recebe. A solidão entre portas é um dos flagelos dos nossos dias.

Chegados a casa é o nosso mundo que nos abraça. Partilhamos emoções e sentimentos na intimidade que nos cerca.

Se tens uma rotina saudável instalada ficas envolvido numa atmosfera familiar que dá razão de ser ao teu quotidiano. Talvez não valha a pena ligar o televisor e assistir ao telejornal. O telefone toca e a conversa de circunstância surge. É verdade que um Mês já passou. E entretanto mais amigos morreram.

Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje.



A morte mete a nu a nossa vida. Faz-nos descobrir que os nossos actos de orgulho, de ira e de ódio eram vaidade: pura vaidade. Damo-nos conta, com lamento, de não ter amado o bastante e de não ter procurado o que era essencial. E, ao contrário, vemos aquilo que verdadeiramente de bom semeámos.

Papa Francisco

Se tens tempo faz o telefonema que tens que fazer e não adies mais a visita que programaste. Nunca esqueças que é o Amor que dá sentido à Vida.

Os nossos amigos

Carlos Nuno

Sabem que não é mera retórica. Temos muitos e bons amigos: colaboradores, anunciantes e assinantes.

Permitam-me que destaque alguns dos que procuram ajudar nas dificuldades de que todos falam para encontrar verbas para as despesas que um jornal implica, mas que muitos não têm presentes no seu modo de proceder.

Pagaram 2020 como benfeitores: Manuel José Meleiro, de Oviedo; casal Maria Amélia e Henri Doutey, de França; António Mota Salgado, de Lisboa e eng. José Augusto Carvalho, de Viana, que pagou já 2021. António Manuel Pereira, da Maia, pagou 2020 como amigo. José Henrique Gomes, de Lisboa, pagou 2020 e 2021 como amigo. Alberto Manuel Gonçalves Esteves e Dr. José Fernandes, de Braga, pagaram 2020 como amigos. José Eduardo de Freitas, de Lisboa e Edite Fernandes, de Braga, pagaram 2020 como amigos. Jorge de Barros, de Lisboa, pagou 2020 como

amigo. O mesmo fez Manuel Valente Alves, de Ovar, e a d.ra Maria José Portela Ramos, do Porto. Emília Cordeiro Pereira de Araújo, de Penso, mas a residir em Lisboa, pagou até 2023 como amiga! Outros assinantes que se distinguiram: Teixeira Maria e Abilheira Domingues Soares, de França, pagaram já o ano 2022. Amado Jesus Veloso, de Vitry, França, pagou também já 2021. O mesmo fizeram José Luís Gonçalves, de Segude e Pedro Miguel Domingues Rodrigues, da Amadora, pagando 2020 e 2021. Pagaram ainda 2020 e 2021: D.ra Maria Ivone, de Lisboa e João Luís Domingues Gonçalves, de Gaia, pagaram 2020 e 2021. Ainda como amigo e palavras de incentivo e elogio para o trabalho efectuado, pagou 2020 o prezado assinante Valentim Camilo Afonso, de Afife.

Se todos pagarem directa e adiantadamente a assinatura, muito nos facilitam a vida em vários aspectos: a) sabemos com o que podemos realmente contar para arcar com as despesas a tempo e horas; b) Não

temos que estar a escrever a lembrar o pagamento em atraso; c) liberta-nos tempo e energias para outras actividades que a publicação de um jornal exige, quando a carga da administração e redacção recaí quase toda numa só pessoa. Mas um jornal regional de uma pequena e despovoada terra só poderá subsistir com muita carolice de alguns e a dádiva generosa de tempo deste que convosco fala todos os meses.

Aos que estão em atraso, sobretudo os que devem 2 e 3 anos, pedimos encarecidamente que não adiem mais o pagamento da assinatura. Hoje é tão fácil fazer isso por transferência bancária ou nos nossos correspondentes em Melgaço, ou para a Redacção em Braga.

Vamos a isso, amigos?

Obrigado de coração a todos quantos já nos presenteiam com a vossa carinhosa ajuda e o pagamento da assinatura a tempo e horas.

José Albano Domingues analisa orçamento dos técnicos de projectos”, a Quintas de M

João Martinho



José Albano Domingues, líder da bancada da coligação PPD/PSD-CDS/PP na Assembleia Municipal de Melgaço, tem ganho protagonismo na oposição política naquele órgão de decisão autárquico.

Em conversa com o jornal “A Voz de Melgaço”, o rosto mais visível da oposição diz que não tem como vocação “papéis de relevo” na vida política local e admite que o faz apenas “por amizade” às figuras locais que lhe propuseram esta intervenção activa, e o seu “amor à terra”.

Nasceu e cresceu em Melgaço, onde voltou após completar estudos na Faculdade de Coimbra e, a par das funções de advogado, já teve outras participações na vida política concelhia, nomeadamente, enquanto líder da Comissão Política da Secção de Melgaço entre 1995 e o início da década de 2000, e vereador durante quatro anos. Nunca concorreu para a liderança do executivo autárquico e tem recusado propostas porque, confessa, nunca teve “vocação nem ambição”.

Mas nunca recusou um debate político. “Há quinze anos, como vereador, já fazia o trabalho que faço hoje na Assembleia, exercendo o direito de voto de uma forma que eu entendia responsável”. Sozinho porque, naquela altura “não havia estrutura de apoio”.

Sempre contrariou o entendimento de que seria o candidato ‘natural’ da oposição à liderança da autarquia mas ainda hoje continua a ser, no papel de líder da bancada que confronta o executivo liderado por Manoel Batista, um dos mais activos questionadores das decisões estratégicas da gestão socialista para o concelho.

E não é brando nas críticas, como veremos na abordagem aos temas da actualidade propostos pelo jornal “A Voz de Melgaço” nesta conversa.

Orçamento para 2020 é “ambicioso”... mas “irrealista e ilusório”

Contestatário, e justificando sempre as abstenções ou voto contra com declarações de voto, José Albano Domingues critica a “ilusão” proposta pelo Orçamento e Grandes Opções do Plano do executivo autárquico para o ano corrente.

“Exequível não é. A história recente tem-nos dado razão àquilo que temos vindo a acusar. Os orçamentos são empolados. **Dezanove ou vinte milhões é muito dinheiro para um município como Melgaço, só que depois, em termos práticos, nada ou grande parte do que ali está acontece**”, considera o advogado.

Assegura que os orçamentos municipais dos anos anteriores têm dado razão à sua visão dos números.

“Salvo erro, no orçamento para 2018 havia uma verba que estava prevista ou cabimentada para realização de vários projectos na ordem dos 3,5 milhões de euros, que era de financiamento a assegurar por fundos comunitários, e que depois acabaram por não aparecer. Não havia ainda a garantia. Uma coisa é deixar a rubrica aberta para que possam ser apresentadas as candidaturas e obter-se financiamento, outra coisa é prever uma determinada verba que se vai receber para fazer face àqueles projectos e depois não se receber. Isso é que nos leva a estes orçamentos irrealistas. 3,5 milhões de euros é, do lado da receita, vinte por cento do total do orçamento. É uma loucura”.

Em 2020, alerta o líder da bancada da coligação, a autarquia terá que cumprir margens mais satisfatórias da receita, realizando investimento, sob risco de penalizações por parte da Direcção-Geral das Autarquias Locais (DGAL).

“Há uma chamada de atenção por parte da DGAL no sentido de que não pode haver três exercícios consecutivos em que a receita executada seja inferior a oitenta e cinco por cento. Foi em 2018, em 2019 e este ano prepara-se também para ser. Esta questão foi colocada ao senhor presidente e ele disse que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que não falhássemos, sob pena de haver consequências”, revelou.

Ainda acerca das metas a cumprir a cada ano, o deputado da coligação de direita volta a olhar para os últimos três anos para dar exemplos de incumprimentos no investimento.

“Num dos últimos exercícios anuais, de um investimento de capital na ordem dos oito milhões de euros, executou-se quatro. O ano passado foi assim e em 2018 ou 2017, ficou-se perto dos trinta por cento. Se o orçamento é um instrumento de rigor, como é que depois existem estas falhas, com uma amplitude que para mim é muito grande, seja a nível da cobrança da receita, seja a nível da realização da despesa de capital”, aponta José Albano Domingues.

Investimento: “O senhor presidente diz que a culpa é dos técnicos. Isso não fica bem”

“Eu acho que o executivo anda desemparelhado da realidade do concelho”, considera o deputado, analisando as áreas de investimento priorizadas pelo executivo autárquico.

“**Acho muito bem que o concelho tenha uma cobertura muito grande a nível de saneamento, mas estamos a gastar milhões em saneamento em aldeias e regiões que estão completamente despooadas** e dentro de uma dúzia de anos não tem absolutamente ninguém. Eu não sou contra, é investimento básico, estamos acima de outros concelhos, mas há outros concelhos que têm uma dinâmica completamente diferente da nossa”.

Diz que a estratégia municipal está a “começar a casa pelo telhado” e faltam políticas que atraiam investimentos e fixem população.

“Aquilo que é obra estrutural, como a nova zona industrial, não tem existido. **Pode dizer-se que não há maior investimento e maior realização porque não há privados mas, mesmo nesta perspectiva, pergunto se se está a fazer o trabalho de casa.** Nós sabemos – e nem sequer é a oposição que o diz nem é a oposição que afasta os investidores, como já ouvi o presidente dizer – que o município não tem criado as condições nem tem desenvolvido as competências para que o privado se fixe ou invista”.

Sobre a iniciativa privada, José Albano Domingues considera ser necessário descomplicar os processos para que os empresários de “maior” dimensão não optem por concelhos com menos burocracia.

Crítica ainda as declarações do presidente da Câmara relativamente à alegada morosidade na apreciação de projectos [noticiado na edição de 01 de Janeiro do jornal “A Voz de Melgaço” no texto intitulado “Revisão do PDM fará consolidação dos núcleos urbanos, apesar de lei restritiva”] considerando, com base no testemunho alguns técnicos, que a autarquia promove, “sob a capa do rigor”, um tratamento diferenciado consoante o técnico proponente e sede dos gabinetes.

“**A Voz de Melgaço tem um artigo sobre jovens empresários que estão a apostar aqui [“Empreendedorismo Antes dos 40”, publicado na edição de**



Janeiro 2020], mas outros com dimensão muito maior poderiam apostar, se lhes tivesse sido permitido. Foram para Valença ou para Monção empresas que trabalham com milhões (de euros) e dezenas de postos de trabalho porque aqui lhes foram colocados entraves”.

“E quem diz empresários, diz os construtores civis ou até os presidentes de junta, que querem fazer uma casa mortuária e são-lhes colocados ‘n’ entraves, e depois o senhor presidente diz que a culpa é dos técnicos. Isso não fica bem”, acrescenta o deputado.

Sobre a alegada ‘selecção’ de processos, José Albano Domingues diz que o rigor da lei não pode justificar atrasos.

“**É público, e não vamos falar em nomes de técnicos, ou de um técnico em particular, que coloca imensos entraves e problemas a projectos. Tem de haver, não violando a lei, uma forma de trabalhar que vá de encontro àquilo que são as aspirações das pessoas.** Temos o problema de empresários que optam por não construir porque tem receio dos problemas que vão ser colocados. Os privados estão preparados para arriscar o seu capital e há aqui gente com capital e com ideias, mas também tem de haver do outro lado um acarinamento”, sugeriu.

“Entendo que o presidente da Câmara veicula, na sua opinião, aquilo que alguém lhe transmitiu. Nós para podermos dizer algo com um critério temos de estar por dentro dos dossiers e saber como as coisas funcionam. **Há muitos técnicos que dizem que, sob a capa do rigor, há um tratamento mais célere ou até diferenciado para com os técnicos ‘da casa’** (do município) e para alguns técnicos que vem de fora, basta o nome ou o gabinete em tal cidade para, de certa forma... Não digo que com ou sem intenção. Sob essa capa do rigor e não violação da lei, situações iguais são tratadas de forma diferente. E não vou apontar casos concretos, que os conheço”, adianta ainda o deputado da oposição, face às declarações de Manoel Batista.

municipal “ambicioso” e “ilusório”, a “culpa melgaço e os ‘lobbies’ do mercado da água

Economia do vinho: “Se as nossas uvas são melhores, porque é que a Adega de Monção atingiu milhões em facturação e a Quintas de Melgaço não sai daquele patamar?”

Sobre a dinâmica empresarial e sectores essenciais para a economia do concelho, José Albano Domingues sugere que a autarquia não seja balizadora das áreas a explorar pelos eventuais investidores e que, mesmo na área do vinho, a Câmara “não está vocacionada para gerir áreas de negócio que deviam estar entregues a privados”.

Sobre a economia do vinho, questiona a estratégia da autarquia, a falta de união dos pequenos produtores e a “falta de vocação” da Câmara Municipal de Melgaço, enquanto accionista maioritária da empresa Quintas de Melgaço, defendendo a entrega da estrutura accionista aos produtores.

“Há trinta ou quarenta produtores, quantas adegas é que trabalham a sério e ganham dinheiro? **Conheço produtores que estão a usar o dinheiro das suas poupanças ou pensões para manterem uma marca de vinho. Isto é só uma decisão dos próprios? Tem de ser incutida uma mentalidade de união.** Se hou-

que a estrutura accionista fosse entregue aos produtores. Eles é que são as pessoas que conhecem o produto, conhecem o negócio e sabem como o hão-de rentabilizar. Mas são minoritários, não tem capacidade de decidir, quem decide é o município, que não quer abrir mão dessa estrutura e está a paralisar a actividade das Quintas de Melgaço”, considera ainda.

Como exemplo de boa prática, gerida por empresa privada, José Albano Domingues indica o caso da Quinta de Soalheiro. “O conhecimento que tenho é de que há um conjunto de produtores que fornece as suas uvas à quinta e é-lhe distribuída uma participação social também, a nível de acções. Portanto, eles (produtores) têm uma participação accionista na empresa, por pequena que seja e a verdade é que, pelo que sei, as pessoas estão tão satisfeitas que optam por esta via, em detrimento das Quintas de Melgaço, da qual também são accionistas. Porque não vêem a produção desqualificada, recebem a tempo e vêem uma estrutura organizativa que funciona”, reforçou.

“Não vou dizer que a culpa é do administrador que está lá colocado, por quem tenho respeito e apreço. O administrador está balizado pelas instruções que a estrutura accionista do município lhe transmite” entende o deputado sobre o alegado desconforto dos produtores com a gestão da adega Quintas de Melgaço. **“Se nos temos boa matéria-prima, boas condições endógenas, um terroir único, porque é que funciona num local e a meia dúzia de quilómetros dali já não funciona?”.**

Mini-hídrica de Lamas de Mouro: Proposta de construção “foi consensual a nível municipal” mas ‘lobbies’ não deixaram

Na Assembleia Municipal de Dezembro de 2019, a propósito das cedências da gestão do serviço de abastecimento de água para os serviços do município, o deputado José Albano Domingues trouxe à discussão a proposta de construção, “há cerca de quinze anos”, de uma central mini-hídrica em Lamas de Mouro, com vista ao fornecimento de água a grande parte do território melgacense.

Aflorando essa questão no período de esclarecimentos, o presidente da Câmara, Manoel Batista, explicava que a construção da central não avançou, **“não por falta de vontade da população de Melgaço, mas por contestação de associações pseudo ambientalistas”.**

“Para mim foi novidade, porque não ouvi isso naquela altura. Para mim foi uma questão política, a nível regional”, referiu, questionado por este jornal sobre o processo que à altura acompanhou de perto.

“Costumo dizer que a saúde e a água são os negócios do século XXI. Já na altura havia empresas que se perfilavam como as donas do mercado, como agora começa a acontecer. É um negócio apetecível e alguém, porque sabemos que a política está ligada a lobbies, a grupos de interesses, terá estado na base do abandono dessa decisão, que tinha todas as virtudes”, considera o deputado, frisando que **não terá sido por razões ambientais, “porque se assim fosse, não se construía uma única barragem neste país. E era uma mini-hídrica, o impacto seria limitado”.**

A proposta, que **“recolheu aceitação dos sete vendedores e foi consensual a nível municipal”**, previa “que fosse usada a nossa água, de base de montanha, pura, que viria para o território por gravidade, para abastecer Melgaço, e não só, e não a água que estamos a consumir, recolhida no Rio Minho, e sabemos o que para ali é escoado. Podem purificá-la, mas os produtos usados para a purificar ou o nível de purificação depois tem outras consequências para a saúde, não nos podemos esquecer disso”, ressaltou José Albano Domingues.



“Em Melgaço criou-se a cultura de que ninguém leva avante um investimento privado sem primeiro consultar a Câmara. É isto que está instituído, a pessoa não ganha asas, não vai por si próprio, busca aconselhamento ali, quando a Câmara não está ali para aconselhar nem para direccionar os investidores. Está para apoiar na medida que são as suas competências”, atirou.

“Ouvimos reiteradamente o presidente [da Câmara] dizer que Melgaço tem de apostar nesta dicotomia do Alvarinho e turismo. Concordamos, porque temos potencialidades endógenas a esse nível que são únicas no país. Mas a questão que coloco é: Isso é suficiente? Vamos esquecer a extracção de material lenhoso? Teríamos que implementar melhor a construção civil, de que estamos carecentes para o mercado habitacional e para quem está lá fora e que manter aqui o seu pouso”, acrescenta o deputado na assembleia melgacense.

vesse essa união e alguém que lhes tratasse do marketing, da distribuição, um enólogo, um técnico de apoio à produção, não tirariam daí economias de escala?”, propõe José Albano Domingues.

“O executivo não gosta que falemos de outros concelhos, mas é inevitável traçar este paralelismo: **Se as nossas uvas são melhores que as de Monção, porque é que a Adega de Monção atingiu a dimensão que tem, exporta para cinco continentes, com milhões de euros de facturação e a situação das Quintas de Melgaço não sai daquele patamar?** Porque é que as adegas privadas, como é o caso da Quinta de Soalheiro, estão a atingir uma dimensão que provavelmente ultrapassa já a Quintas de Melgaço? O município não está vocacionado para gerir áreas de negócio que deviam estar entregues a privados”, conclui o deputado.

“Na última campanha eleitoral, uma das nossas medidas, que acho estranho não ser mais acarinhada, era

‘Os Reis’ na América: Alvaredo cumpriu a tradição porta-a-porta... e em streaming

João Martinho



A tradição dos cantares dos Reis e Janeiras, neste início de ano, não é novidade nem segredo, mas na freguesia de Alvaredo o convívio estendeu-se das casas até ao Novo Mundo.

Convirá deixar a ressalva de que, apesar do título, em momento nenhum nos referimos aos membros da família real britânica, isto é, da ‘fuga’ do príncipe Harry e Meghan Markle para a América do Norte, abdicando dos títulos reais. Aqui a história é outra.

O cantar dos Reis já é aguardado com expectativa e até com alguma pompa pelos locais, que recheiam a

mesa com petiscos de fazer revigorar qualquer um do recobro, se for caso disso, mas em terras onde a emigração separa famílias, as tecnologias fazem o ‘milagre’ da aproximação.

Numa das casas da ronda de cantares, uma das habitantes transmitiu em directo, via online, para familiares nos Estados Unidos da América. Assim o sinal de internet o permitiu, mas mesmo em casos onde a transmissão em directo não é opção, os membros do grupo contam que há emigrantes que pedem que lhes enviem fotos da visita aos seus familiares.

Para isso vale o anúncio, geralmente feito no dia anterior, do trajecto por onde vai passar o grupo de cantores voluntários – musicados por quatro acordeonistas, também solidários – para cumprir a tradição de anúncio da boa nova.

“É muito giro, toda a comunidade vive o cantar de Reis, mesmo não estando presente fisicamente”, conta-nos Paula Fernandes, membro do extenso grupo que animou as noites frias de Janeiro pelas casas e ruas de Alvaredo.

Chaviães e Paços com MeCha para recuperar património “que é de todos e para todos”

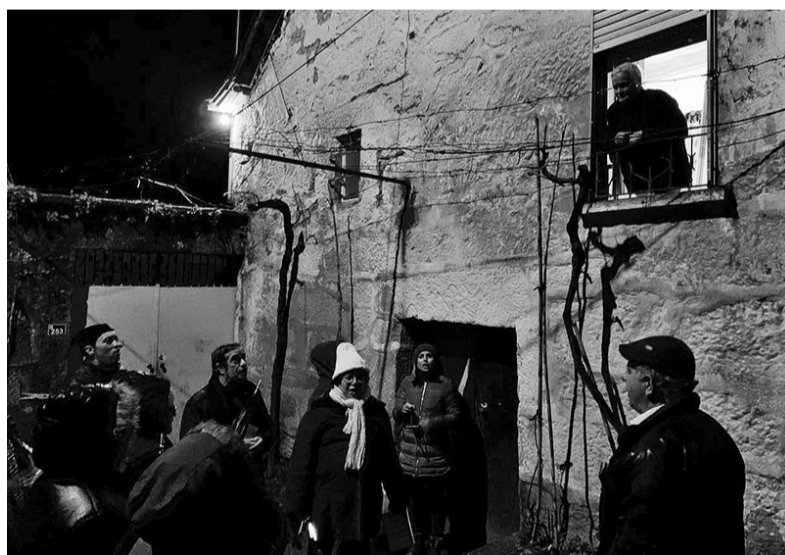
João Martinho

O MeCha – Grupo de Amigos de Chaviães continua a mexer-se em prol do património religioso da paróquia e durante o mês de Janeiro percorreram as ruas de Chaviães e Paços por uma causa que pretende honrar a comunidade.

Depois do restauro dos murais quinhentistas que resistiram ao tempo e ainda ornamentam as paredes da Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena de Chaviães, cujo trabalho foi pago pela paróquia com o apoio dos paroquianos, autarquia e entidades locais, um grupo de 17 elementos juntou-se para cantar as Janeiras, em visita às casas da União de Freguesias.

Sob o mote “VAMOS CANTAR AS JANEIRAS - Dar voz à tradição!”, a mensagem alegre do grupo contou por isso com doações que seriam aproveitadas para as obras de requalificação e reabilitação de adro e cobertura da Igreja Paroquial.

“Deixamos uma palavra de gratidão a todos os que nos receberam em suas casas com sorrisos rasgados, a palavra de conforto e de coragem que aqueceu os nossos corações nestas noites frias de Janeiro. A todos, obrigado!”, proclama o grupo na sua página Facebook.



Na mesma plataforma, a par de um vídeo em que entoam a cantiga que abriu portas neste período de anunciação, o texto endereça um pedido à comunidade emigrante e migrante, fazendo-lhes chegar os sons mas também o apelo para que participem nesta preservação de um património “que é de todos e para todos”.

Assim, junto da publicação do vídeo naquela rede social, o MeCha deixa os dados de identificação bancária – que transcrevemos conforme publicação: NIB: 0033 0000 4554 9260 4860 5 ou IBAN: PT50 0033 0000 4554 9260 4860 5 – para que os conterrâneos ou outros solidários possam colaborar e fazer parte da missão de reabilitação da cobertura e adro da Igreja.

Orçamentada em 66.800 euros e co-financiada em 50% pela DGAL – Direcção-Geral das Autarquias Locais, caberá à paróquia e entidades locais o financiamento dos restantes 33.400 euros necessários para a intervenção programada.

No dia 26 de Janeiro, domingo, após a Eucaristia Dominical na Igreja Paroquial, o MeCha promoveu um leilão dos produtos doados pela população no âmbito da actividade “Vamos cantar as Janeiras”, conseguindo ‘arrematar’ “todos os produtos” e cujo valor será tornado público numa próxima edição no Boletim Paroquial “O Vinhateiro”.

Uma carta de parabéns e agradecimento pela vida



De: Melissa
Para: o pai, Henrique Augusto Alves

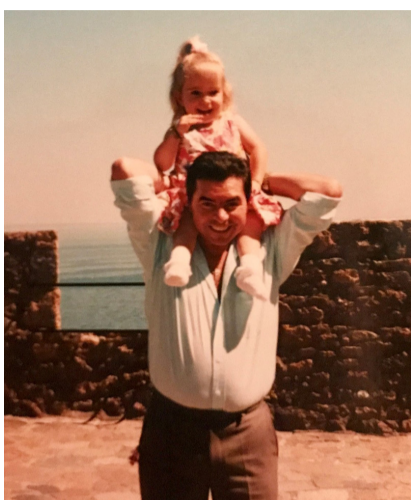
Meu querido pai, desde o início da minha vida sempre me ensinaste, apoiaste e lutaste diariamente para que eu crescesse e me tornasse uma mulher forte e independente.

Se hoje sou quem sou, tudo devo à força que tu me deste, juntamente com a mãe. As minhas conquistas e realizações são também tuas, cada sorriso meu é também teu.

A 10 de Janeiro de 2020 completaste 65 anos de vida e eu queria que soubesses que sou uma filha feliz e orgulhosa do meu pai e agradeço por tudo que fizeste e continuas a fazer por mim e pela nossa família.

Obrigada, pai, e parabéns pelo teu aniversário! Mereces ser muito feliz, e no que depender de mim, assim será.

Amo-te, pai, amigo e rei do meu coração.



Viajamos juntos!

DESDE 1987

Para Partidas entre 21/11/2019 e 31/03/2020 * Consulte as condições online

LINHAS REGULARES FRANÇA ⇌ PORTUGAL

PARIS - CHARENTON

PARIS - PORTE MAILLOT

VERSAILLES ETAMPES

LINAS ORLEANS

ARPAJON BLOIS

BALLANCOURT POITIERS

TOURS

LINHA DE PARIS

NOVA PROMOÇÃO!

115€*

I/V

50€*

IDA

ANGOULÊME | BORDEAUX | CASTETS

BAYONNE | HENDAYE

NORTE DE PORTUGAL

RESERVE JÁ!

🇵🇹 (+351) 258 454 303
🇫🇷 (+33) 06 65 51 57 71
✉ INFO@BARQUENSE.COM
 BARQUENSE - AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.
 SEDE: RUA DOUTOR JOAQUIM MOREIRA DE BARROS, 3
 4980-634 PONTE DA BARCA • PORTUGAL • CONTRIBUINTE: 500958785 • RNAVT: 1849



...onde a Osteopatia vale mais!!!

Clínica Osteo+ com nova imagem

Quase a completar 4 anos de existência, a Clínica Osteo+ em Melgaço remodelou as montras e duas das salas de tratamentos com equipamento modernizado e mobiliário ergonómico para os profissionais de saúde. Para a imagem da montra principal foram realizadas fotos com pacientes que frequentam as consultas de Osteopatia Pediátrica, Obstetrícia e também de Shiatsu, especialidades que têm vindo a ser cada vez mais procuradas pelos melgacenses.

Queremos que os nossos pacientes se sintam parte da nossa casa, tal como são parte da nossa história e cada vez mais o motor que faz crescer a nossa empresa.

Equilibrar a imagem de um espaço profissional e ao mesmo tempo familiar com ambiente cómodo para aqueles que nos procuram foi uma preocupação desde sempre e esta foi a forma de agradecer a confiança depositada na Osteo+, refrescando ao mesmo tempo a nossa imagem de marca.



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

OSTEOPATIA
Dra. Cátia Rocha

ORTOPEDIA
Dr. José Teixeira

PSICOLOGIA
Dra. Vanesa Alvarez

SHIATSU
Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

População escolar discutiu violência doméstica e no namoro

Vítimas do sexo masculino têm vindo a aumentar e já há casas-abrigo para homens

João Martinho



Nos anos de 2018 e 2019, o Centro de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica (CAVVD) para o distrito de Viana do Castelo **signalizou mais de duas dezenas de casos de violência no concelho de Melgaço.**

Os números, no entanto, representam apenas os casos em que a vítima, após queixa à GNR, dá consentimento às autoridades para que a equipa de apoio do CAVVD possa intervir e dar apoio psicológico, social e jurídico.

As autoridades têm por isso, na contagem de casos, números maiores do que os apresentados pelas técnicas Isabel Tristão, advogada e técnica no CAVVD, e Cláudia Cunha, psicóloga no mesmo centro de apoio sediado em Vila Praia de Âncora.

A discussão realizada no passado mês de Janeiro na Casa da Cultura de Melgaço, no âmbito das jornadas do Programa Parlamento dos Jovens 2019-2020, envolveu a comunidade escolar e uma vasta equipa de técnicos, autoridades, associação de estudantes, encarregados de educação e autarquia local.

O auditório encheu-se para ouvir e colocar questões, norteados pela temática que promovia a sensibilização e ação contra a violência doméstica e no namoro, mas também questões de convivência social com o outro, apontando formas de garantir o respeito e a igualdade.

Apesar dos casos registados e sinalizados ao centro de apoio, um indicador a lamentar por qualquer concelho, **Melgaço foi, entre 2011 e 2019, “o concelho em que tivemos menos sinalizações, dos oito concelhos que estávamos a acompanhar”, indicaram as técnicas do CAVVD.** “Não significa que o problema não exista, pode estar camuflado, escondido, as pessoas terem dificuldade em procurar ajuda”, frisam.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É CRIME PÚBLICO: PARA ONDE VAI A VÍTIMA DEPOIS DE APRESENTAR QUEIXA?

Com a Lei 7/2000 de 27.05, a violência doméstica assume a natureza de crime público. Esta medida, que pretende proteger as vítimas nos casos de “desistência forçada” da queixa, por coação do agressor, implica também uma melhor estruturação do apoio prestado após denúncia.

Assim, cumpre aos centros de apoio ser muitas vezes orientador da vítima e avaliar questões como: “Para onde vai a vítima? Quais as consequências de apresentar queixa? Vai voltar para o agressor? O agressor vai ter conhecimento da queixa quando a vítima está em casa? Isto é um cuidado que temos, e muitas vezes só apresenta queixa depois de ter saído de casa”, esclama-

recem as técnicas do CAVVD. “Há aqui uma avaliação constante do risco da vítima e da pertinência do timing em que apresenta a queixa”, asseguram.

As técnicas do CAVVD asseguram que “os mecanismos para proteger a vítima existem” assim como formas de conduzir um processo passível de detenção ainda que “fora do flagrante delito”, no entanto, **“o que muitas vezes verificamos é a resistência das instâncias judiciais em dar esse passo, em serem ousados no sentido de usar todos os mecanismos que a lei dá, com medo de processos disciplinares”, observam.**

VÍTIMAS DO SEXO MASCULINO TÊM VINDO A AUMENTAR

Sendo essencialmente casos de violência “entre quatro paredes”, que em muitas situações persistem “encobertos pela vergonha e não chegam nem à GNR”, as técnicas Isabel Tristão e Cláudia Cunha alertam para um crescimento do indicador de vítimas do sexo masculino.

“Apesar de a maior parte das vítimas serem do sexo feminino, o número de vítimas do sexo masculino que já apresenta denúncia e procura ajuda das equipas especializadas tem vindo a aumentar. Sintomático disso é a existência de uma casa-abrigo para homens, algo que não existia. Hoje há rede de casas-abrigo para mulheres e homens também”, notaram.

As técnicas do CAVVD revelam que os dados estatísticos mostram que nos casais adultos “a maior parte das vítimas são mulheres e os agressores são homens”, os mesmos indicadores verificam que “é no namoro que estamos a ver cada vez mais uma igualdade entre agressores mulheres e homens”.

Tendo em conta as campanhas de prevenção, o que é que está a funcionar mal, sobretudo nas camadas populacionais mais expostas a estes alertas?

“O que pode ter passado de forma errada ou ter sido mal interpretado foi a igualdade dos direitos da mulher. Explicando de forma mais fácil, a mulher pensa: Se ele me deu um estalo, eu também vou dar, e não era isso que se pretendia. E isso nota-se nas nossas ações de formação junto das crianças e jovens, o sentimento de: “Ele deu-me um estalo dei-lhe logo outro”, e dizem isto com orgulho de “homem não me bate”. E o que se pretendia era que denunciássem”, concluem.



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



— Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
— Casamentos e Baptizados.
— Celebrações familiares


BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

PLATEIOASIS
EXPLORAÇÃO FLORESTAL LDA

LIMPEZAS FLORESTAIS E VIAS PÚBLICAS
COMPRA E VENDA DE MADEIRA E LENHA

ELI T.939 508 863 LUCIANO T.939 873 745
Rua Dr. AUGUSTO CÉSAR ESTEVES | EDIFÍCIO 269 - 1º DTº
ROUSSAS | 4960 MELGAÇO



Os Nossos Serviços

- Imobiliária;
- Administração de Condomínios;
- Informática;
- Contabilidade.

Administração de Condomínios

- Organização de documentação;
- Registos e inscrições do Condomínio;
- Abertura de contas bancárias;
- Elaboração de orçamento anual;
- Criação de mapa de quotas;
- Criação de um Relatório de Contas anual;
- Realização de Assembleias;
- Gestão de contas e compromissos do Condomínio;
- Representação do Condomínio junto de várias autoridades.

Melgaço
R. Dr. António Durães
n.º 65 R/C Dto
4960 - 522 Melgaço
+351 251 418 322

Monção
Rua D. Afonso Henrique
Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950 - 446 Monção
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Ruína em Penso
Penso, Melgaço, Viana do Castelo
Ruína em pedra com 77m2 de área bruta de construção e 200m2 de área de terreno. Declaração de Ruína: SCE187018025



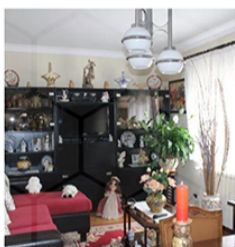
7.000€
00880 Declaração de Ruína

Terreno para construção
Vila Praia de Âncora, Caminha, Viana do Castelo
Terreno plano e murado, com aptidão construtiva. Área: 2620 m2. Possibilidade de construção de um edifício com cave, r/c, e 3 andares. Bem localizado, próximo da praia.



Sob Consulta
00346

Andar moradia T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
Andar moradia T3 em pleno centro histórico, com boas áreas. Possui aquecimento central e encontra-se em bom estado de conservação.



75.000€
00339 F

Moradia V3
Penso, Melgaço, Viana do Castelo
Moradia V3 em bom estado de conservação. Possui duas cozinhas, sala com lareira, aquecimento a pellets, anexos, terreno amplo e água própria. A propriedade está situada numa zona calma e com boas vistas.



180.000€
01341 A

Estabelecimento Comercial
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
Estabelecimento comercial, bem localizado, junto ao agrupamento escolar e Casa da Cultura. Área comercial de 30m2 e arrumos com 13m2.



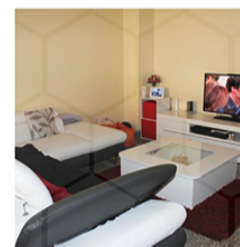
40.000€
00568 C

Moradia para restauro
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo
Moradia em pedra, para restauro, com rossios. Excelente localização e ótimas vistas. Declaração de ruína n.º: SCE192378434



70.000€
01009

Apartamento T2
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
Apartamento T2, situado na Vila. Possui cozinha americana mobilada e equipada, aquecimento central e um lugar de estacionamento.



99.000€
00341 B-

Moradia V4
São Paio, Melgaço, Viana do Castelo
Moradia V4, em excelente estado, mobilada e equipada. Possui áreas amplas, jardim, garagem fechada e rossios. Local sossegado e com boas vistas.



Sob Consulta
00815 B-



22
FEVEREIRO

CORTEJO E CONCURSO
DE MASCARADOS

17
HORAS

ENTRUDO
em **MELGAÇO**
Largo Hermenegildo Solheiro



O Natal celebrado em Belém, a cidade onde Jesus nasceu

Filomena Salgado

Na última edição do jornal “Voz de Melgaço”, o meu querido primo Padre Carlos Nuno, noticiou a visita de uma melgacense (a minha mãe) à Terra Santa; pois bem, vou descrever essa fantástica noite, uma noite longa que assinala o nascimento de Jesus naquele mesmo sítio e que com enorme entusiasmo o vivi.

A minha viagem a Jerusalém neste Natal, previa a ida à cidade palestina de Belém na Cisjordânia, na noite de 24 para participar na celebração da missa do galo; para tal a preparação “logística” foi o primeiro desafio...

O primeiro passo a dar, foi com algum tempo de antecedência e com alguma sorte – os bilhetes para a missa! O pedido tem que ser feito à “Custódia da Terra Santa” e são os frades menores franciscanos os principais protagonistas dos Lugares Santos.

A Custódia da Terra Santa (em latim: Custodia Terræ Sanctæ) é uma instituição católica que tem por objetivo proteger e zelar pelos locais cristãos na Terra Santa e está sediada em Jerusalém; eles cumprem a sua missão na Terra Santa, impulsionados por seu fundador, São Francisco de Assis. Os frades franciscanos da Custódia receberam a missão de custodiar os Lugares Santos do cristianismo na Terra Santa, por mandato papal com bula no século XIV.

Para regular a presença de tanta gente na missa da meia-noite, o número de bilhetes totalmente gratuitos são limitados.

Para regular a presença de tanta gente na missa da meia-noite, o número de bilhetes totalmente gratuitos são limitados.



Missa de Galo na Igreja da Natividade



Concelebração da Missa

A viagem de Jerusalem a Belém, cerca de 10km, foi feita por um taxista muito simpático e prestável que em Jerusalém conheci. Como condição tinha que ser muçulmano com passaporte israelita para poder passar a linha do armistício; este era filho de palestinianos da cidade de Jacob e nascido em Jerusalém.

Os israelitas não podem passar à Cisjordânia e os palestinianos não podem passar para Israel. Tudo combinado. Apareceu às horas previstas no Hotel em Jerusalém e levou-nos até Belém. Ficou planeado esperar por nós para nos trazer de volta. A noite ia ser longa.

Eram 20h e estávamos a jantar no “The Walled Off Hotel” (“Hotel Cercado”), um hotel repleto de obras de arte assinadas por Banksy, um pintor de graffiti, artista de rua britânico que usa a sua arte para questionar os

valores da sociedade e cujos trabalhos em todo o mundo combinam o humor negro com comentários sociais e políticos. Os trabalhos nesta cidade e neste hotel, questionam a existência do muro que divide a Palestina de Israel. A localização é, obviamente, a poucos metros do muro.

Às 22h fomos para a Igreja da Natividade. O frio era intenso. Belém é uma cidade no deserto, com altitude (ceca de 750m) e por isso de grandes amplitudes térmicas: durante o dia o termómetro chegou aos 18°C e à noite marcou apenas 4°C. O vento era intenso, frio e seco.

Em Belém o Natal tem o peso da história. É recordado onde realmente aconteceu. A terra, a paisagem, os lugares são os de 2000 anos atrás. As pessoas que celebram o Natal em Belém podem dizer para si mesmas: “Aqui nasceu Jesus”, experimentando, ao pronunciar aquela pequena palavra, “aqui”, uma grande comoção.

O Natal de Belém é um evento que faz manchetes. Dele falam os jornais e a televisão. A Missa de meia-noite celebrada no local onde Jesus nasceu, é transmitida a todo o mundo.

No coração da Terra Santa o aspecto religioso envolve todo um complexo de ritos, protocolos, vida social e política que não podem ser separados. Estão presentes seis sensibilidades cristãs – ortodoxos gregos, ortodoxos arménios, católicos romanos (franciscanos), coptas, sírios e etíopes.

As celebrações da Vigília, em Belém, tiveram início à meia-noite, quando Mons. Frei Pierbattista Pizzaballa, Administrador Apostólico do Patriarcado Latino, vindo de Jerusalém, entoou o Gloria in Excelsis Deo, na Igreja de Santa Catarina, a mais de um milhar de fieis peregrinos vindos de todas as partes do mundo e que esperavam pela Missa da meia-noite.

Os sinos tangiam festivamente. À entrada da igreja houve um apertado controlo de segurança para todos. A Igreja de Santa Catarina construída na idade média é hoje a igreja paroquial da comunidade católica latina de Belém. É aqui onde se celebra todos os anos a missa solene da Vigília de Natal à meia-noite, presidida pelo patriarca latino de Jerusalém. O claustro-átio da basílica, claustro de São Jerónimo, está adossado à Basílica da Natividade.



Gruta da Natividade e a estrela de prata no chão



Claustro de São Jerónimo adossado às igrejas de Santa Catarina e da Natividade

Continua na pág. seguinte

Faleceu o Padre António Domingues

Carlos Nuno

Este melgacense, natural de Alvaredo e sempre ligado à sua terra de naturalidade, nascido em 16 de Junho de 1933, faleceu no fim de tarde de 22 de Janeiro na Casa Sacerdotal, em Braga, onde estava acolhido há pouco mais de dois anos.

Frequentou os seminários arquidiocesanos de Braga e foi ordenado sacerdote em 29 de Setembro de 1957, em Braga. Em Novembro seguinte, foi nomeado pároco de São Lourenço da Montaria, no concelho de Caminha, paróquia a que pertence a Capela/Igreja da Senhora do Minho. Aí esteve cerca de 9 anos. Em Setembro de 1966, ainda com a actual diocese de Viana incluída na de Braga, foi nomeado colaborador da Acção Católica Rural, função que desempenhou durante 27 anos, acumulando com a de professor de Religião e Moral numa das escolas de Braga.

Entre Janeiro de 1984 e Agosto de 1992 foi pároco da recém criada paróquia de Santo Adrião, tendo como especial e espinhosa missão arranjar as estruturas necessárias para o funcionamento da mesma. Durante anos, a Missa foi celebrada num apartamento do rés-do-chão. Entretanto foi comprado terreno junto à já existente pequenina Capela de Santo Adrião, para a construção da nova Igreja e outros espaços para actividades da paróquia. Não pôde concluir a obra da nova igreja, mas esteve, como estive eu, na inauguração, anos mais tarde, sendo pároco o padre e cónego Cândido Pedrosa.

Durante o tempo em que foi pároco de Santo Adrião, que é paróquia, mas não freguesia, foi ainda administrador paroquial de Aveleda durante um ano, em 1992/1993. Em Setembro de 1993, foi nomeado assistente da Acção Católica Rural, com a qual já colaborava, assumindo esse papel até Julho de 2010, totalizando assim 43 anos de serviço à Acção Católica Rural. Entre

Outubro de 1993 e Julho de 2010 foi Reitor da Igreja dos Terceiros, em Braga.

Como o referiu uma das sobrinhas no momento final da celebração em Alvaredo, o padre António fazia tudo por passar as grandes festas familiares, como Natal e Páscoa, na sua terra natal. E aproveitava para se colocar à disposição do pároco para poder celebrar a hora mais convidativa para as pessoas, que bem agradeciam poder gozar mais um bocadinho da cama depois da noite de convívio familiar.

Na Casa Sacerdotal, teve eucaristia logo na manhã do dia 23, quinta-feira, às 10,30, presidida pelo padre Carlos Nuno Vaz, Presidente do IDAC, cuja Casa Sacerdotal é da sua responsabilidade. Concelebraram mais 16 sacerdotes. Nessa eucaristia, deram testemunho da sua actividade duas filhas do Dr. Bernardino, especial amigo do padre António e colega nas lides do ensino e também na paróquia de Santo Adrião. Também o cónego João Aguiar Campos e Monsenhor Silva Araújo estiveram presentes e lembraram no facebook a figura do padre António. Um outro que o recordou com especial afecto e apreço foi o actual Superior Provincial dos Espiritanos, padre Tony Neves, que, enquanto estudante no Seminário do Espírito Santo, participou activamente nas actividades da paróquia, mormente na catequese.

A celebração exequial em Alvaredo foi na sexta, dia 24, às 14 horas, presidida pelo padre Armando, pároco da Sé de Viana e Vigário do Clero. Concelebraram: padre Raúl Fernandes, arcepreste de Melgaço, padres Carlos Martins e César, párocos em Melgaço; padre Joel, de Paderne e a paroquiar 8 paróquias em Monção, que também dirigiu o grupo coral; padres António Esteves Carlos Vaz, Júlio Vaz, Cónego José Marques, naturais de Rouças, Melgaço, e ainda o padre Vasco Gonçalves, que

há anos paroquiou em 5 paróquias de Melgaço. Presença especial a do padre Manuel Reis Lima, grande amigo do padre António, que lá se deslocou em taxi, e que viria a falecer poucos dias depois, no dia 27! E foi a sepultar em Alvarães, Viana, no dia 29, dia de 7º Dia em Braga, em que tunha prometido à sobrinha do padre Antrónio, a Otilia, que estaria presente. São desígnios que nos ultrapassam. Recordamo-lo também como bom amigo.

O padre Raúl disse que havia duas virtudes que distinguem o padre António: a simplicidade e a humildade. Para quem com ele conviveu mais de 50 anos, sabe como tal afirmação é verdadeira. Acrescentaria o zelo e a entrega ao serviço de Deus e dos irmãos, e a abertura para acolher as pessoas cordialmente. Devo-lhe ainda sobradas provas de amizade e companheirismo, e o apreço em que tinha o jornal «A Voz de Melgaço», de que tanto se orgulhava e que procurava ajudar nas suas dificuldades.

Nos braços do Pai, que amorosamente te acolheram, continua a velar por nós, para que a nossa vida possa ser testemunho de entrega generosa ao serviço de Deus e dos irmãos. Só assim honraremos condignamente a tua doce memória.



Continuação da pág. anterior



Banksy mostra um cidadão de rosto coberto atirando um ramo de flores, ao invés de um objeto de guerra, no muro que separa a Palestina de Israel

Na primeira fila dos bancos, autoridades civis presentes: o Presidente da Palestina, Mahmud Abbas; o Primeiro Ministro da Autoridade Palestina, Mohammad Shtayyeh, o Primeiro Ministro de Malta, Joseph Muscat, e o Representante de Sua Majestade o Rei Abdullah II, o Senhor Musa Bek Al Daud, as autoridades políticas locais e os Cônsules gerais da Espanha, Itália, França e Bélgica, quatro nações definidas como católicas.

«Podemos dizer que o Natal é o dia em que somos chamados a interrogar-nos, mais uma vez, sobre onde nos colocamos – disse na homília o Administrador Apostólico do Patriarcado latino – se somos pastores a caminho, à procura do Emanuel, Deus Conosco, em nossa vida e na do mundo ou, ao contrário, estamos fechados nos nossos palácios».

O modelo a imitar na nossa vida quotidiana, segundo o Bispo administrador, deve ser aquele de Belém: humildade, pobreza e pequenez, mesmo que, frequentemente, isso nos seja pesado. «Isso acontece quando recusamos aceitar na nossa realidade a existência do outro, diferente de nós, seja ele hebreu, muçulmano ou cristão – continuou Mons. Pizzaballa – Acontece quando nos cansamos de falar de paz, de não a construir e a consideramos uma utopia irrealizável». Nessa situação, a única coisa a fazer é olhar para a criancinha. «Uma criança suscita ternura e sorriso, em toda pessoa, mesmo que tenha duro coração – afirmou Mons. Pizzaballa –. Aquele sorriso e aquela ternura são partes da glória com a qual os anjos envolveram os pastores. Que o Menino Jesus suscite em todos nós muita ternura e nos regale mais uma vez um sorriso. Mesmo que não resolva todos os nossos problemas, o Menino Jesus certamente nos fará felizes!».

Cá fora, na Praça da Manjedoura, ecrãs gigantes mostraram aos milhares de peregrinos de todo o mundo que ali se encontravam a missa que decorria no interior da Igreja.

No final da celebração, cantando “Gloria in excelsis Deo” e ao som dos sinos, o Patriarca levou em procissão a imagem do Menino Jesus até a manjedoura, na gruta da Natividade.

Nesta gruta, todos peregrinos desfilam até ao amanhecer, enquanto no altar da manjedoura são celebradas missas durante toda a noite.

É na basílica da Natividade, que data do séc.VI, que se encontra por baixo do presbitério, a gruta da Natividade, uma construção data do ano de 326, quando teria sido mandada construir por santa Helena, mãe do imperador romano Constantino. Atualmente ela pertence à Igreja Ortodoxa Oriental, à Igreja Arménia e à ordem dos monges franciscanos.

Na Gruta da Natividade, a Estrela de Prata, assinala o local do nascimento do Menino Jesus.

A emoção toma conta de nós. Chorei e rezei. Uma experiência única na vida. A energia que sentimos vai para além do especial...

Eram 03h00 da madrugada quando regressámos a Jerusalém.

Natal 2019



Check point na passagem de Israel para a Palestina.



A freguesia de Cubalhão (Melgaço) no tempo dos nossos antepassados

A antiga freguesia de Nossa Senhora da Natividade de Cubalhão tem origem antiga e foi curato da apresentação anual dos cônegos regrantes do Mosteiro do Divino Salvador de Paderne. No séc. XIII, Cubalhão não aparece referenciada como freguesia.

Em 1567, Cubalhão foi elevada a paróquia dependente de Paderne por D. Frei Bartolomeu dos Mártires. A este propósito, no livro "Santuário Mariano", publicado em 1712, refere-se que "Pelos tempos adiante, indo visitar aquelas igrejas o Venerável Arcebispo de Braga Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, visitando a Ermida da Senhora [da Natividade], a erigiu em paróquia, compadecido do trabalho que tinham aqueles moradores em ir ouvir missa ao Mosteiro de Paderne. Porque com a manifestação da Senhora se havia povoado muito aquele lugar e sítio de Cubalhão. Também nomeou o mesmo arcebispo a Senhora Padroeira do lugar, com o título de Nossa Senhora da Natividade e mandou que aos 8 de Setembro se lhe fizesse a sua festividade."

No mesmo livro, fala-se de uma lenda antiga e menciona que "é tradição constante, contínua e muito antiga naquela freguesia, que em tempos antigos, no lugar onde se vê edificada a sua igreja, eram campos e pastos dos gados de um lavrador do mesmo Couto de Paderne que, andando naqueles campos pastoreando o gado um seu filho pequeno, dissera este ao seu pai que lhe aparecera uma Senhora muito formosa. Com esta notícia, foram ao mesmo lugar examinar o que o rapaz pastorinho referia e que nele acharam uma imagem de Nossa Senhora de pedra, com o Menino Deus encostado ao peito esquerdo e que a imagem da Senhora não tinha bra-



ços. E que no mesmo lugar se lhe edificara Casa".

No início do século XVIII, a freguesia de Cubalhão é citada no livro "Corografia Portuguesa" do Padre Carvalho da Costa e publicado em 1706 nestes termos: "Nossa Senhora de Cubalhão, Curato do mesmo Mosteiro, rende trinta mil réis, e para os Frades [do mosteiro de Paderne] sessenta mil réis. tem oitenta vizinhos. Esta Imagem de Nossa Senhora he de pedra, e muy milagrosa. Ha aqui hum sítio, a que chamam o Castro, que mostra ser fortificação antiga dos Romanos."

Um importante documento que nos dá um retrato de Cubalhão em meados do século XVIII é o das Memórias Paroquiais. Em 1758, a 23 Maio, segundo o cura Manuel Gonçalves nas Memórias Paroquiais, a freguesia pertencia ao couto de Paderne, termo de Valadares, comarca de Valença, Arcebispado de Braga, sendo terra do Infante D. Pedro. A freguesia tinha "121 vizinhos, 49 casados, 52 viúvos e solteiros e 357 pessoas de sacramento". Confiando nestes dados, notamos que

houve significativo aumento da sua população entre o início deste século e meados da mesma centúria.

Em 1758, o pároco desta freguesia escreveu que a igreja de Santa Maria de Cubalhão, com orago de Nossa Senhora da Natividade, ficava no meio do lugar, tinha naquela época, três altares, o altar-mor e dois colaterais, um de Santo António e outro de São Sebastião. O pároco era cura anual, apresentado pelos padres de Paderne e tinha de ordenado 8\$000. A freguesia estava sujeita à justiça cível do couto de Paderne e o crime à vila de Valadares e também ao ouvidor de Valença. Não tinha correio, servindo-se do de Monção. O pároco menciona ainda que na época "frutos desta terra he centeio e milho pequeno e milho grosso e linho e feijão". Refere ainda que esta freguesia na época estava "poboada de tojos e carquejas", acrescentando que "nesta serra anda gado vacum e obelhas e cabras e cria perdizes e coelhos e algumas corsas, lobos e raposas e jabalis". O pároco refere-se ao clima em terras de Cubalhão e menciona que "he no Verão quente e no inverno muito fria por causa dos temporais e neves que nella permanecem quinze dias e mais".

Relativamente ao rio Mouro que cruza a freguesia, o pároco refere que "nasce na Portella do Lagarto, freguesia de Lamas de Mouro e nasce por várias fontes." Ainda em relação a este curso de água, refere-se que "todo corre fragoso e corre todo o ano", sendo que nas suas margens, na época, "todo he todo he silvestre de arboredo, urzes e silvas, só o lugar de Além e Cortelhas que dá milho grande e delle tiram prezas para muinhos e campos".

Em termos administrativos, Cubalhão pertenceu à comarca de Monção e concelho de Valadares até 1855. Neste ano, pelo Decreto de 24 de Outubro, este concelho foi suprimido, passando só nesta altura a integrar o de Melgaço.

Ainda no século XIX, a freguesia de Cubalhão é citada no livro "O Minho Pittoresco" onde lhe é dedicado um parágrafo e nele podemos ler: "Tomando a estrada antiga que de Castro Laboreiro seguia para esta villa sobre a margem direita do rio de Mouro, mas já em plena serra, encontra-se na confluência d'essa estrada com a que segue para Melgaço, CUBALHÃO, que outrora pertenceu também ao concelho de Valladares e foi curato do mosteiro de Paderne, recebendo o cura apenas os benesses.

No sítio do Crasto encontram-se vestígios de fortificação antiga, que, por não estudados ainda, não se sabe a que época atribui-los, sendo porém provável que sejam mais um marco da civilização romana na península. A freguesia é apenas fértil em centeio."

Atualmente, a freguesia de Cubalhão encontra-se unida à de Parada do Monte.

Informações extraídas de:

- COSTA, Padre António Carvalho da (1706) - Corografia Portuguesa, tomo I, Valentim da Costa Deslandes, Lisboa;
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de (1712) - Santuário Mariano e História das imagens milagrosas de Nossa Senhora. Tomo IV; Oficinas de António Pedrozo Galram; Lisboa.
- VIEIRA, José Augusto (1886) - O Minho Pittoresco, Tomo I, Livraria de António Maria Pereira-Editor, Lisboa.

(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES

TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro · Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro - Melgaço

Tomada de posse de três párocos em Mazarefes, Vila de Punhe, Castelo de Neiva e Darque

Nos dias 4 e 5 de Janeiro, nas Igrejas paroquiais de Mazarefes e Vila de Punhe tomaram posse os padres José Fernando Caldas Esteves e Xavier Amado Fernandes Moreira, naturais da Gave, juntamente com o padre José Meira, natural de Viana. Os três sacerdotes, que agora formam uma unidade sacerdotal e pastoral, foram bem e festivamente acolhidos pelas comunidades tendo-lhes sido dada a posse pelo Arcipreste de Viana do Castelo, P. Nuno Maria.

Os sacerdotes foram nomeados in solidum, quer dizer em conjunto nas obrigações e direitos, de quatro comunidades de Viana do Castelo. A 11 e a 12 de Janeiro tomaram também posse de Darque e Castelo de Neiva. Esta modalidade de nomear padres em conjunto não é nova na Diocese, mas, pela primeira vez, são nomeados 3 sacerdotes juntos, dois deles são da freguesia da Gave do nosso concelho de Melgaço, os Padres Fernando Caldas e Xavier Amado. O Padre Meira desempenhava funções em Paredes de Coura. O Padre Xavier Amado era já o pároco de Castelo de Neiva e Darque também em Viana do Castelo. Agora as quatro paróquias ficam ao cuidado destes três sacerdotes que também desempenham funções importantes a nível da estrutura diocesana.

Os padres Caldas, Xavier e Meira tiveram e têm responsabilidades a nível diocesano nos Secretariados de



Da esquerda para a direita: Padre Caldas, Padre Xavier Amado e Padre Meira

Catequese, Pastoral Juvenil e Pastoral Familiar. Esta será, portanto, uma ocasião para se procurar um modelo de nova evangelização das paróquias, envolvendo todos os agentes das comunidades.



P.º Caldas com membros da comunidade paroquial de Vila de Punhe

Carreiras públicas: Concurso para resolver lacuna, “até ao final de Março”

João Martinho

Com o fim da prestação do serviço de carreiras públicas, prestado pela empresa Auto-Viação Melgaço (do grupo AVIC) até à data em que anunciou a suspensão, a 20 de Setembro de 2019, cabia à autarquia uma solução que garantisse a continuidade de uma solução pública de transportes para os três circuitos internos do território do concelho.

A AVIC, que até Setembro do ano transacto garantia os circuitos de carreira pública, justificou a suspensão, em comunicado afixado nas instalações, que a transferência dos transportes escolares para os circuitos especiais – entregues após concurso a empresas de transportes locais – e a não participação dos bilhetes dos alunos na carreira pública, “inviabilizou de imediato a continuação das referidas carreiras, já antes deficitárias”.

Assim, os percursos Castro Laboreiro – Melgaço; Adedela – Melgaço (por São Gregório) e Penso – Melgaço deixaram de ter qualquer oferta de transporte

público, obrigado a população sem solução própria a recorrer ao serviço de táxi.

Enquanto a solução de transportes projectada a nível regional, no âmbito da CIM Alto Minho, está a ser ultimada, a Câmara Municipal de Melgaço prevê lançar até ao final próximo mês de Março, um concurso para resolver “pontualmente” a lacuna do serviço no concelho.

“Atrasamos um pouco porque tivemos um conjunto de outras prioridades, como a candidatura às zonas empresariais, que foi trabalhosa e envolveu toda a equipa da Câmara. Está a ser feito o caderno de encargos e o convite às empresas para que a breve trecho tenhamos a resposta de que falamos”, explicou o presidente da Câmara, Manoel Batista.

O concurso pretende assegurar o conjunto de carreiras públicas para os percursos já referidos três vezes por semana e será válido, “no mínimo”, até ao final de 2020.

Finalizadas as condições do caderno de encargos, a autarquia prevê convidar “três empresas a entrega-



rem uma proposta para desenvolverem este trabalho de carreira pública no concelho” durante o período de preparação da rede de transportes regional projectada pela CIM Alto Minho.

Festa de Natal dos Aposentados do Fisco, de Braga

JD



Decorreu com muita alegria e melhor disposição, o almoço de Natal/2019, no Campo de Tiro em Pevidém, de Guimarães.

Com a casa cheia, e um bom serviço de Restauração, participou o Grupo de Cavaquinhos da ATIB - Associação dos Trabalhadores dos Impostos do Distrito de Braga, com um rico Historial, como abaixo se pode ler, e o Senhor ex-Director de Finanças, Armindo Teixeira Borges marcou presença, que a todos agradou e sensibilizou...

Está pois de parabéns a ATIB nas pessoas de Domingos Marques e Gaspar Fernando de Oliveira, bem como de Joao Barata Soares e demais colaboradores.

Melgaço, esteve muito bem representado, com o colega Senhor Doutor Carlos, de Parada do Monte e com advocacia em Vila Verde, e o Júlio Domingues, de Rouças, a convite do amigo Domingos Marques.

A todos, um Bem Haja.

42º Encontro de Pastoral Litúrgica de Viana do Castelo

Carlos Vaz



Padre Tiago Rodrigues



Padre Amaro, da Senhora da Hora - Porto



Um aspeto da numerosa e atenta assembleia que participou nas jornadas de formação

Há sempre uma primeira vez. Assim aconteceu comigo este ano. Conhecendo de perto a valia intelectual do actual Superior Geral dos Jesuítas, padre José Frazão, de quem tinha frequentado algumas aulas de Cristologia na Faculdade de Teologia de Braga, quis ir ouvir a palestra que tinha como título: «A Liturgia cristã – Materialização do acolhimento de Deus».

Sábado, dia 18 de Janeiro, lá apareci no Centro Pastoral de Darque. Fiquei muito agradavelmente surpreendido com o número de inscritos. À hora de iniciar publicamente o Encontro, havia mais de 600 inscritos, mas estavam a chegar ainda mais. Terá havido cerca de 680 pessoas que lá se juntaram.

O grande responsável pelo Secretariado Diocesano de Liturgia de Viana é o nosso caro padre Tiago Rodrigues, natural de Cubalhão e pároco de Serreleis, em Viana.

Para memória futura aqui ficam alguns dados que o próprio padre Tiago forneceu na apresentação dos inscritos por arciprestados. Ponte da Barca, 7; Cerveira, 9; Coura, 10; Monção, 20; Valença, 31; Melgaço, 48; Arcos, 51; Caminha, 59; Ponte de Lima, 128; Viana, 255. Dá um total de 618. E uma primeira conclusão: Melgaço, sendo o arciprestado mais distante e dos menos populosos, aparece num mais que honroso 5º lugar em número de inscritos.

Foi entronizada uma imagem da Senhora da Penada para assinalar a Mãe de Deus como o modelo de uma Igreja que se quer acolhedora, de acordo com o título geral do encontro: «Liturgia: Acolhidos para Acolher». Aqui não é indiferente que seja A maiúsculo. Não. O Acolhimento tem que ser sempre com maiúscula, isto é, com a máxima abertura e disponibilidade para acolher. Isso mesmo referiu o primeiro orador, o padre Amaro Gonçalves Pereira, pároco da Senhora da Hora, no Porto, uma paróquia com mais de 30 mil habitantes, ou seja, mais que as paróquias todas de Melgaço e Monção juntas.

Já tinha ouvido em Braga o padre Amaro a falar da sua experiência na grande paróquia, ele que primeiro esteve como pároco de Amarante. Não se cansa de dizer que, se de verdade quisermos acolher e ser acolhedores, não podemos impor os horários que mais nos convêm. Cada vez há mais gente que, por motivos familiares e de trabalho, não consegue tratar dos assuntos paroquiais nos horários estabelecidos. Contou vários casos, inclusive de pessoas que, para poderem ser atendidas, só ao domingo à tarde, ou noite dentro conseguem algum tempo disponível. Mas por aí passa o sinal de uma paróquia que de verdade quer acolher, ou se, pelo contrário, funciona mais como os serviços públicos que obrigam todas as pessoas a irem das 9 às 12 e das 15 às 18. Quando não se dá o caso de nem sequer haver horário de atendimento e dificilmente se atende a quem liga por telefone.

Mas a falta de acolhimento não existe apenas pela parte de muitos sacerdotes. Existe também por parte dos sacristães, dos funcionários de atendimento, dos can-

tores, dos leitores, das zeladoras dos altares, e até dos simples fiéis que ocupam os espaços dentro da Igreja e dificilmente deixam passar quem chega depois. Que têm dificuldade em saudarem-se de verdade.

A verdadeira hospitalidade traduz-se em amizade pelo convidado, à imagem de Cristo, hóspede e peregrino no meio de nós. Tal como Maria, verdadeiro modelo de uma Igreja que acolhe porque se desinstala. Acolhimento à maneira como o viandante faz com os discípulos de Emaús: falar da Escritura e levar à partilha gozosa do pão. «Não nos ardia o coração enquanto ele nos falava no caminho?», questionaram-se mutuamente os dois já em casa e depois da refeição.

Acolher é estar disponível para se deixar afectar por um acontecimento que nos obriga a refazer tudo. Numa palavra: acolher é um acto de amor. As pessoas devem ser acolhidas quando elas podem e não quando nos dá mais jeito a nós.

A qualidade do primeiro acolhimento, sobretudo a quem vem pedir um sacramento, é absolutamente vital para desenvolver dinamismos que tornam a paróquia uma casa acolhedora, onde as pessoas se sentem bem e gostam de estar. É preciso fazer tudo para que as pessoas não esbarrem com a burocracia, mas encontrem pessoas que as recebem com cordialidade e simpatia.

Referiu-se ainda aos três H que devem distinguir uma paróquia acolhedora: Hospitalidade, Hinos, isto é, a música; Homilias.

Depois do intervalo, foi a vez da denominada «Escola dos Ministérios». Dirigi-me então para a devida sala, onde o padre Frazão ia falar aos sacerdotes.

Honestamente, esperava um maior número de presenças. Devíamos estar uns 18 a 20. Mas valeu a pena. Como sempre acontece com o padre Frazão.

Algumas das afirmações/provoações: 1.- Urge fazer uma apropriação mais consciente da Teologia da Liturgia dos Sacramentos. 2.- É necessário fazer um trabalho efectivo sobre a prática dos sacramentos. Se calhar, a catequese devia estar fundamentalmente orientada para ir explicando às crianças o que se celebra, sobretudo a riqueza da eucaristia, nas suas acções, palavras, ritos e gestos..

Serviu-se das considerações do Liturgista de Santo Anselmo, em Roma, Andrea Grillo, no livro 'Ritos que educam'. É na liturgia, na maneira como a vivemos, que se revela a compreensão que temos da Igreja. E é

Continua na pág. seguinte

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RAO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

Um ‘Salto’... A Melgaço do Marajó

José da Silva Ribeiro



O Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, realizou uma visita ao Estado do Pará (Brasil) entre os dias 24 e 28 de Janeiro.

Em Belém visitou a cidade e o Ecomuseu da Amazônia e Escola Bosque na Ilha de Caratateua, visita Guida pela Diretora do Museu, a professora Maria Terezinha Resende Martins e pela investigadora do Museu Paraense Emílio Goeldi Graça Santana.

Seguiu posteriormente, numa viagem de doze horas de navio pelos rios paranaenses para o arquipélago do Marajó, tendo sido recebido na cidade de Breves pelo Prefeito do Município de Melgaço, ‘Tica’ Viegas (José Delcicley Pacheco Viegas). Ambos seguiram para a cidade de Melgaço acompanhados por uma extensa equipa de pesquisadores das Universidades Federais do Pará e de Goiânia e do Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais da AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual que desenvolvem o projeto Salto a Melgaço do Marajó, projeto integrado no MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço.

O Prefeito de Melgaço convidou ainda o Presidente da Câmara e toda a equipa de pesquisa a visitar a Estação Científica Ferreira Pena, na Floresta Nacional de Caxiuanã do Museu Goeldi, onde pesquisadores de diversos países desenvolvem projetos de pesquisa sobre o ambiente, a fauna e a flora, as mudanças climáticas e projetos de extensão de apoio às escolas e comunidades ribeirinhas.

De regresso a Melgaço aportou à comunidade ribeirinha Fazenda do Cafezal, onde experimentou produtos da gastronomia local e assistiu à reparação dos navios/barcos tradicionais dos rios do Pará e da Amazônia. Em Melgaço percorreu as ruas da cidade.

No dia 27 de Janeiro participou num programa de rádio e de tarde numa receção na Câmara de Melgaço (Assembleia Municipal) onde apresentou aos vereadores e à equipa de pesquisa o Concelho de Melgaço, os três motores de desenvolvimento do município, os programas culturais e a relevância do MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço e do Museu de Cinema Jean Loup Passek para o Município.

Seguiu para a cidade de Breves para uma reunião de trabalho com o Prefeito de Melgaço onde fez o convite formal para a visita de Prefeito a Melgaço e debateu formas de cooperação entre os dois municípios, como já tinha apresentado aos vereadores na Câmara Municipal (assembleia Municipal).

A visita teve um excelente acolhimento da população com quem o Presidente Manoel Batista interagiu com frequência.

A equipa de pesquisa, composta por pesquisadores do Brasil e de Portugal, continuará o projeto Salto a Melgaço do Marajó com uma mostra de cinema, oficinas de formação de professores sobre Cinema na Escola e trabalho de campo nas áreas de antropologias, artes e cinema. Os resultados deste trabalho serão apresentados no final de Julho em Melgaço, no projecto “Fora de Campo”, integrado no 7º MDOC.

**Melgaço do Pará
Marajó, 28 de janeiro de 2020**

Continuação da pág. anterior

necessário ter uma verdadeira sabedoria ritual, isto é, saber realmente o que se está a fazer e como se deve fazer, juntamente com uma finura espiritual, para que os ritos, na sua eloquente expressividade, toquem as mentes e os corações das pessoas.

Sendo nós uma comunidade sacerdotal, a presença nos sacramentos não pode ser meramente passiva. E nós, fruto de mais de 1000 anos de um ritualismo vazio e em latim, estamos muito longe ainda de atingir uma participação activa de todos, a todos os níveis. O registo é ainda individual e devocional. Baste ver a maneira como as pessoas encaram a comunhão eucarística e esquecem a comunhão nas orações, nos cantos, na escuta da palavra de Deus, nos gestos de acolhimento, etc.

A Eucaristia não é apenas nem sobretudo um preceito a cumprir. É a reunião festiva de uma comunidade que celebra com alegria o dia do Senhor Ressuscitado. Na celebração, é preciso dar a máxima importância às dinâmicas e formas litúrgicas não verbais. Como diz Babolin: «Com os meus gestos e o meu modo de fazer posso anular aquilo que disse com a boca. O contrário não acontece. Por isso temos de trabalhar muitos estes aspectos, pois que é a Palavra de Deus que muda as pessoas, mas para a tornar viva e interpelante, é preciso que quem a prega tenha feito uma entrega plena a Jesus, uma entrega absoluta e sem reservas».

O centro da Liturgia é uma prática. A acção é significativa. A linguagem nela utilizada é performativa, isto é, realiza aquilo que diz. É muito importante fazer bem todos os gestos litúrgicos para que eles falem por si e realizem aquilo que significam.. O mais importante é o modo como se celebra e não tanto a formulação dos

conteúdos. A Liturgia verdadeira é algo que acontece, que muda a vida. O encontro de Deus com a humanidade acontece no modo como celebramos a liturgia. E uma coisa é celebrar pia e devotamente; outra coisa é ser mecanicamente rigorista nas formas.

O padre Frazão alertou ainda para aquilo que denominou de pirotecnia litúrgica, conjunto de quadros, papéis, marcadores, projecções, com os quais se procura entreter sobretudo as crianças. Isso não significa que elas participem de verdade e apreciem a celebração. A prova é que a maioria abandona depois da festa da 1ª comunhão.

Foi ainda de opinião que é urgente haver uma iniciação à prática litúrgica no seu conjunto. A graça incide no corpo, implica uma mediação estética, isto é, tudo fazer para que os 5 sentidos participem na acção litúrgica.

Os sacramentos da iniciação cristã: baptismo, eucaristia e confirmação correspondem a três necessidades básicas: lavar = baptismo; alimentar = eucaristia; perfumar = confirmação. Mas, na verdade, a que cheira, se cheira, por exemplo, o óleo do crisma utilizado no baptismo e na confirmação? E o pão, na eucaristia, na forma arredondada de totalidade, e não fragmento de um pão maior, a que nos induz? As hóstias redondas contradizem aquilo que queremos exprimir, que é o pão que se fracciona e parte para poder ser repartido. E comunhão não é apenas quando vamos comungar sacramentalmente a hóstia, mas é também o estar juntos, o rezar, o cantar, o saudar-se, o escutar a Palavra, etc. É necessário ‘perder tempo’ para dar valor ao tempo. Daí que o padre Frazão alvitrasse que talvez fosse de abandonar a catequese como está a funcionar e apostar

numa verdadeira iniciação à liturgia e à participação activa nela.

A participação na liturgia separa-nos momentaneamente da vida quotidiana para depois voltar com nova energia à vida para que nela se manifeste aquilo que chamamos graça e que quisemos celebrar e receber na eucaristia para a levar para a vida.

Tenho a certeza que nas palestras para os representantes dos vários ministérios: Músicos, Ministros Extraordinários da Comunhão e Acólitos; Catequistas e escuteiros, e leitores, houve também palestras do maior interesse. Realçaria a conferência aos MEC’s de José Carlos Bermejo, religioso camilo, de Madrid, apresentado pelo nosso conterrâneo, enfermeiro Artur Caldas, sob o tema: «Acolher o desespero e a solidão».

O bispo Dom Anacleto, como síntese e compromisso deste 42º encontro, apelou aos novos ministros extraordinários da comunhão para que saibam ir ao encontro de quantos sofrem o ‘drama da solidão’. Deixar as pessoas na solidão é um dos maiores pecados de quem professa ser família e querer fazer da Igreja uma família de famílias.

Se todos os elementos dos vários ministérios laicais estiverem devidamente formados para e no acolhimento à maneira de Jesus e Maria, a presença física dos sacerdotes, tão difícil nos meios rurais por escassez de clero, terá nesses colaboradores uma das melhores formas de evangelizar e comprometer as pessoas na sua própria formação. O sacerdote poderá não estar tão fisicamente presente como outrora, mas pode estar realmente presente nas múltiplas actividades que os leigos podem e devem desenvolver se neles apostarmos de verdade.

Em terras alpinas, pelo centro da Europa | 3

Suíça, Áustria, Budapeste

Júlio Vaz

Lucerna: o lago, as pontes, o leão moribundo...

A primeira noite na Suíça correu tranquila. Às 7.30 horas, soou o despertador. Urgia andar ligeiro: às 8.45, com o estômago já confortado com a toma do pequeno-almoço, o autocarro partiria connosco rumo a Lucerna.

A chuva, que de noite anunciara a sua visita, juntou-se ao grupo, copiosa e persistente, acompanhando-nos durante a maior parte da manhã.

O programa deste dia anunciava, promissor: “Excursão a Lucerna, destacando a Ponte da Capela, a Torre da Água e o Leão moribundo. Tour Alpino Klewenalp com *fondue* e teleférico.”

Após cerca de uma hora de viagem, o autocarro deixou-nos à entrada do centro histórico da cidade.

Cautelosamente apeados, de guarda-chuva aberto, começámos o nosso passeio por Lucerna, sob a expe-



Lago dos Quatro Cantões

riente orientação de um bem disposto guia local, que, sob chuva, se apresentou de calção e sandálias...

A 50 Km de Zurique, situada nas margens do rio *Reuss* e banhada pelo *Lago dos Quatro Cantões*, Lucerna – a 436 metros de altitude e com uma população à volta dos 80.000 habitantes – tem a sua história ligada à formação da Suíça actual: ela integrou a primeira “*Confederação Suíça*”, no ano de 1332, em que foi ali recebida como aliada. Tendo como língua oficial o alemão, da Alemanha, como da Itália e da França, recebeu também Lucerna uma relevante influência cultural e arquitectónica, por toda a parte manifesta.

Considerada uma «síntese da Suíça» – pela cultura, pela gastronomia, pelas beleza das paisagens, onde se mistura a medonha grandeza dos Alpes com a serena pacatez do Lago dos Quatro Cantões – Lucerna é um dos principais centros turísticos do país: **não por acaso**, recebe anualmente mais de dois milhões de visitantes.

O Lago dos Quatro Cantões

Dissemos, na crónica introdutória, que, dos 41.285 Km² da área total do território suíço, 1.520 estão cobertos de água e dois terços desse mesmo território são ocupados pelos majestosos Alpes Suíços. E a chegada a Lucerna apressa-se a mostrar-nos a justeza desta singularidade, ao colocar diante dos nossos deslumbrados olhos o espectáculo grandioso do *Lago dos Quatro Cantões*: uma inabarcável massa de água de 38 Km de comprimento, 113,6 Km² de superfície e uma profundidade de até 214 metros, de cujas margens abruptamente se elevam enormes montanhas densamente povoadas de viçosa vegetação autóctone, generosamente oferecendo aos maravilhados visitantes pitorescos panoramas de surpreendente beleza.

Também conhecido como *Lago de Lucerna* e maioritariamente alimentado pelo rio *Reuss*, o *Lago dos Quatro Cantões* deve o seu nome aos quatro cantões com que confina e que estiveram na «fundação» da Suíça federal: os cantões de *Uri*, *Schwyz*, *Unterwalden* (hoje dividido nos cantões de *Obwald* e *Nidwald*) e *Lucerna*.

Não admira, então, que as principais atracções turísticas de Lucerna se prendam com a água: é o lago dos Quatro Cantões e o rio *Reuss*, por um lado, e **são**, por outro, as diversas pontes que unem as duas partes da cidade que aqueles separam.

Ponte da Capela (Kapellbrucke) e a Torre da Água (Wasserturm)

O conjunto formado pela *Ponte da Capela* e pela *Torre da Água* constitui o mais popular ponto turístico da cidade.



Ponte da Capela

Particularmente notável é a original *Ponte da Capela*: uma ponte para peões, feita em madeira, cujo nome constitui uma referência à *capela de São Pedro*, que fica numa das extremidades.

Construída, em 1365, como parte das fortificações da cidade, a mais importante das pontes de Lucerna passou por diversas reformas, mas conseguiu preservar a sua traça original. Sobretudo, ela viria a ser enriquecida, no século XVII, com um grande número de pinturas em forma triangular, que decoram o tecto da cobertura e representam cenas da história do país, além das biografias dos patronos da cidade, S. Leodegário e S. Maurício.

A maior intervenção, porém, seria a levada a cabo para reparar os estragos provocados pelo devastador incêndio que, deflagrado na noite de 18 de Agosto de 1993 – alegadamente fruto da distraída negligência de algum fumador –, dela se apoderou de tal modo que pouco se salvou daquela que é considerada a ponte de madeira coberta mais antiga da Europa. Nomeadamente, das mais de cem referidas pinturas que, desde o século XVII, ricamente decoravam e embelezavam o tecto, apenas 46 escaparam à voracidade das chamas.

Aquela emblemática estrutura foi, então, objecto de profunda intervenção, levada a cabo com tal empenho que, após tão exigentes obras de restauro e três milhões de euros de investimento, ela pôde ser de novo devolvida à fruição pública, cerca de oito meses depois – a 14 de abril de 1994 – desta feita, porém, com a segurança reforçada pela colocação de um moderno sistema de vigilância e a proibição de fumar.

Durante a primavera e verão, aquela já de si tão linda ponte apresenta-se toda ornamentada com lindíssimas flores naturalmente rubras. Um verdadeiro espectáculo para os sentidos!

A *Torre da Água* (*Wasserturm*), à qual se acede através da Ponte da Capela, em cujo extremo sul se situa, é um pedaço de castelo colocado no meio do rio, que teve variados usos ao longo dos tempos: ela já serviu de prisão, já foi câmara de tortura, cofre de tesouros, arquivo municipal.

Ponte da Capela e *Torre da Água*, que no passado protegeram a cidade do afoito inimigo invasor, são hoje alvo de contínuos «ataques» pacíficos, desferidos por multidões de visitantes munidos de câmaras fotográficas, ávidas de arte, cultura, história.

A Spreuerbrucke.

Outra interessante ponte para peões, também em madeira e muito semelhante à anterior, embora turisticamente um pouco ofuscada pelo brilho daquela, é a *Spreuerbrucke*.

O seu nome deve-se ao facto de ser o único lugar donde era permitido atirar ao rio a palha do trigo, tam-



Pradaria de Rutli

bém chamada «*joio*» (*spreu* em alemão).

Concluída em 1408, igualmente como parte das fortificações da cidade, também ela exhibe, no interior, várias pinturas barrocas (67!) do sec. XVII, em formato triangular, da autoria de *Kaspar Meglinger*, preenchidas com motivos católicos – representam a dança da morte (*Totentanz*) –, para reforçar a crença católica da região frente aos avanços da reforma protestante. Concretamente, mostrando a morte a levar para junto do túmulo pessoas das mais diversas classes sociais, essas pinturas transmitem a mensagem de que, independentemente das suas riquezas e prestígio em vida, todos serão iguais na hora da morte.

É deslumbrante a vista que da cidade se alcança a partir desta ponte, onde também é proibido fumar.

Várias outras pontes unem as duas partes da cidade que o lago e o rio separam.

É o caso da *Seebrucke* ou ponte do lago: destinada ao trânsito automóvel, é uma estrutura moderna sem grande apelo visual, turisticamente pouco interessante; ou o da *Rathaussteg*: assim chamada por terminar em frente à *rathaus* (a prefeitura da cidade), é uma travessia para peões, construída em 1961, diariamente utilizada por milhares de transeuntes; como é ainda o caso da *Reussbrucke* ou ponte do rio *Reuss*: a ponte mais antiga da cidade (há dela registo no ano de 1168) e de todo o rio *Reuss*, de que foi a única ponte durante cerca de cem anos.

A Pradaria de Rutli e a estância de Klewenalp

Entretanto, a chuva parece querer deixar-nos. A organização brinda-nos, então, com uma surpresa, antes do almoço na estância de Klewenalp: a visita à *pradaria*

Continua na pág. seguinte

de Rutli, que atrai pela curiosidade histórica e impressiona pelo sufoco da viagem.

Situada nas margens do Lago dos Quatro Cantões, na comuna de Seelisberg, no Cantão de Uri, a prado de Rutli faz parte dos mitos fundadores da Suíça federal: segundo a lenda, ali se terão reunido os primeiros confederados, quando, através do Juramento de Rutli, se comprometeram a resistir aos opressores austríacos.

Esta, a curiosidade histórica, cuja satisfação, porém, implicou passar um mau bocado. O acesso, muito íngreme, implica inúmeras curvas muito apertadas, a vencer por um autocarro potente e seguro, conduzido por experiente e hábil motorista. Fiados no apuro tecnológico, na diligência assistencial e no pleno domínio das faculdades humanas dos diversos operadores, lá fomos subindo, contraídos de medo, de coração nas mãos e a respiração mais curta e rápida, deixando atrás o perigo assustador, muito mais impressionantemente temível, porém, no regresso, ao olhar de frente o precipício em que a todo o momento parecia podermos cair. Um sufoco a custo compensado pela ímpar paisagem contemplada.



Leão moribundo

Algo muito semelhante aconteceu com a prevista subida à estância de Klewentalp, aqui, porém, com recurso ao teleférico. É que trata-se de um teleférico de grandes dimensões, com capacidade para mais de 40 passageiros, vencendo uma encosta vertiginosamente íngreme: qual autocarro dependurado num cabo sobre que roda, ele vai percorrendo sucessivos lanços lisos de 'escadas rolantes', aqui e além alternando com pequenos patamares quase planos, até descansar aliviado no cimo distante. Entretanto, vamos olhando de soslaio, receosos, o precipício que abaixo nos espreita, com o pensamento sempre n'Aquele que tudo pode e tudo rege.

A chegada ao alto é um alívio; a paisagem, deslumbrante, convida a estender a vista, a respirar fundo, a louvar o Onnipotente. Recebidos, jubilosamente, por uns simpáticos animaizinhos tipo esquilos – que logo nos disseram serem *marmotas* ⁽¹⁾ – dirigimo-nos ao restaurante previamente contactado para nos servir. Tive, então, oportunidade de saborear o típico *fondue* de queijo, que comi sem desconforto, mas também sem exaltação; seguiu-se *salsichão* com batata, que degustei com agrado; dispensei a sobremesa, saltando para o café.

Entretanto, com o tempo a parecer melhorar, regressámos ao teleférico, para descer a Lucerna e retomar as visitas. Desta feita, porém, a outros centros de interesse, que nem só de água e de pontes se compõe a ementa turística da cidade.

No coração do centro histórico (a que se chega cruzando a Spreuerbrücke), abundam residências antigas, fontes de água pura e cristalina, pinturas, brasões. Particularmente notáveis, as suas fachadas profusamente adornadas (de há muito, tradição na cidade) contam histórias de famílias, da cultura, da religião e da vida da cidade. Basta erguer um pouco o olhar para deparar com algumas dessas maravilhas.

Entre muitos outros, merecem especial menção o *edifício da câmara municipal* e o *palácio do governo cantonal*, ambos renascentistas.

E uma curiosidade cultural explica a especial notoriedade do bairro de *Tribschen*: é que ali viveu, entre 30 de Março de 1866 e 22 de Abril de 1872, o compositor alemão *Richard Wagner*, cuja residência foi transformada em museu.

Além de tudo isto, também algumas igrejas compõem bem uma, ainda que fugaz, visita, de que damos agora breve nota, que a chuva repentina não consente delongas.

É o caso da *Hofkirche* ou *Igreja de São Leodegário*: uma igreja católica romana, com estatuto de catedral até ao século XIX e que é um dos mais notáveis exemplares da arquitetura renascentista na Suíça.

Localizada na margem norte do rio Reuss, com ampla vista para a cidade velha, chamam particularmente a atenção as suas duas torres gémeas imponentemente agudas, visíveis de qualquer ponto da cidade.

Erguida sobre as ruínas de uma basílica românica do século VIII, é uma das poucas igrejas construídas, ao norte dos Alpes, durante a Guerra dos Trinta Anos,



Lago de Uri

que assolou a Europa Central na primeira metade do século XVII.

Como é o da *Igreja Jesuíta (Jesuitenkirche)*: uma igreja católica construída na segunda metade do século XVII, para fortalecer a fé católica contra as investidas da Reforma Protestante que avançava no norte da Suíça.

Primeiro grande monumento barroco surgido nos Alpes Suíços, esta Igreja Jesuíta, que tem como padroeiro São Francisco Xavier, é um monumento notável pela sua arquitetura e história: enfatizando a tradição católica de venerar os santos e suas imagens, na sua construção intervieram arquitectos italianos e austríacos, tendo deste trabalho conjunto resultado o que se acredita ser a mais bela igreja barroca da Suíça.

Como é, ainda, o caso da bem mais modesta, mas igualmente impressionante *Igreja Franciscana*: uma igreja do século XIII, em estilo gótico, mas com altares e capelas laterais em estilo barroco, ela ostenta o púlpito mais ricamente adornado do país.

O leão de Lucerna

Por último, na mesma zona da *Hofkirsch*, é visita imperdível o *Leão de Lucerna* ou *Leão Moribundo*: uma escultura lavrada na pedra, que mostra um leão mortalmente ferido com uma lança cravada no corpo, numa agonia sem fim.

Com ela se pretendeu perpetuar na rocha a trágica perda de 700 vidas, de homens da *Guarda Suíça* ⁽¹⁾ que, ao serviço de Luís XVI, foram massacrados durante a Revolução Francesa, em 10 de Agosto de 1792, em Paris, no assalto ao Palácio das Tulherias.

A iniciativa do monumento foi de *Karl Pfyffer von Altshofen*, um oficial da Guarda Suíça que estava de licença em Lucerna, quando ocorreu o trágico evento

ali perpetuado. Tão chocado ele ficou com a morte dos seus companheiros que decidiu criar algo que homenageasse condignamente a bravura e lealdade daqueles homens.

Concebido pelo escultor dinamarquês *Bertel Thorvaldsen*, o monumento foi, porém, por indisponibilidade deste, realizado pelo escultor alemão *Lukas Ahorn*.

Esculpida directamente na parede vertical da rocha, numa antiga pedreira donde, ao longo de séculos, foi sendo extraída pedra para a construção da cidade, a obra foi terminada em Agosto de 1821, exactamente 29 anos depois dos infaustos acontecimentos ali recordados.

Por cima da escultura – que, uma vez pronta, logo se tornou uma das mais famosas da Europa e da qual disse um dia *Mark Twain* ser “o pedaço de pedra mais triste e comovente do mundo” – pode ler-se, inscrita, a seguinte dedicatória: «*HELVETIORUM FIDEI AC VIRTUTI*», isto é, “à fidelidade e valentia dos suíços”.

O dia estava a esgotar-se. Zurique esperava-nos para jantar e descansar. Foi o que tratámos de fazer, sem demora, entrando no autocarro e deixando-nos conduzir. ⁽⁵⁾



Hotel - fachada típica

⁽¹⁾ A *Guarda suíça* era um dos melhores exércitos da Europa, formado por mercenários. Famosos pela sua *disciplina, lealdade e valentia*, eram contratados por várias famílias reais da França, Espanha, Itália. Hoje, são ainda eles que cuidam do Vaticano.

⁽²⁾ As *marmotas* são roedores da família dos esquilos, mas de menores dimensões. Vivem em tocas, que também utilizam para hibernar. A hibernação começa no Inverno, mas pode durar até sete meses.

⁽⁵⁾ *Obs.*: a chuva – que, durante a manhã deste dia, inclemente, nos acompanhou – impediu a tomada de fotografias de que gostaríamos de dispor, para melhor ilustrar algumas outras referências do texto: caso, sobretudo, das pontes de madeira cobertas e das *Hofkirche* e *Jesuitenkirche*.

Fotos: Ester Taveira



Fontanário

Depois da retirada 'discreta', CTT volta a assumir gestão do serviço em Melgaço

UKUBO sai da operação mas é agora proprietária do edifício dos Correios

João Martinho

A partir de 3 de Fevereiro, Melgaço volta a ter Loja CTT. Os mais desatentos ou utilizadores esporádicos do serviço postal poderão não perceber a diferença, uma vez que se manterá no mesmo edifício da Rua Dr Afonso Costa, mas desde o início do corrente mês, o Posto de Correios gerido pela empresa de mediação imobiliária contabilidade e informática UKUBO desde finais de 2018, passará novamente para gestão da empresa CTT.

A reversão do processo de encerramento de Estações CTT, com foi o caso de Melgaço há cerca de um ano, volta a tornar possível operar os serviços financeiros dos CTT como qualquer outra estação. Nesta fase de reabertura será feita remodelação do espaço (e horário de funcionamento, voltando a entrar em vigor o horário 09h-12h30 e 14h- 17h30) e algum ajuste da equipa de atendimento.

No entanto, a retirada da empresa local do serviço CTT não libertou totalmente a UKUBO deste negócio entre privados. **A solução para Melgaço, mediada pela Câmara Municipal de Melgaço em meados de 2018, "sinalizando" à empresa CTT a empresa que oferecia uma "opção qualificadora" do serviço, mantendo-o no mesmo local, acabou por gerar um compromisso de longo prazo (a manter-se nestes moldes) entre as empresas.**

Com a compra do imóvel levada a efeito pela UKUBO, que previa avançar com projecto de "reestruturação do edifício" dos Correios para instalação de serviços na área de atendimento ao público e uma extensão das áreas técnicas da empresa no piso superior, o retorno dos serviços para a gestão da empresa CTT para o mesmo local implica agora que o grupo empresarial de expressão nacional, de capital privado, tenha de pagar renda pela ocupação do espaço.

Desta forma, o recuo e avanço dos CTT para o serviço local traduziu-se, para a UKUBO, na compra de um imóvel – que agora procura capitalizar com a cedência e arrendamento de um apartamento no piso superior a estudantes – e para os CTT... No pagamento de uma renda.

Para a empresa de informática e mediação imobiliária, **as notícias de reversão implicaram suspender "tudo o que era arquitectura e planos para aquele edifício"**, conta Daniel Carvalho, da UKUBO, a este jornal. O gerente esclarece ainda que, mesmo sendo legalmente proprietário do imóvel, tem intervenção limitada na remodelação dos espaços, uma vez que se mantém no edifício o centro de distribuição postal, por

não ter avançado a centralização dos serviços de distribuição prevista pelos CTT a partir deste ano.

Face à inevitabilidade da reversão, Daniel Carvalho diz que procurou que as duas colaboradoras que faziam o atendimento ao público, especialmente dedicado ao serviço CTT, fossem integradas na equipa de trabalhadores da empresa CTT.

Com (novo) acordo firmado no final do ano 2019, um dos elementos da equipa, Patrícia Pereira, manter-se-á no serviço em Melgaço, tendo a segunda colaboradora (Tiffany Esteves) sido mobilizada para o serviço CTT de Valença. Para colmatar esta saída, volta para o atendimento em Melgaço uma funcionária já afecta aos CTT, proveniente de Monção mas "natural de Melgaço".

Uma solução que Daniel Carvalho considera cumprir as ambições da empresa e das trabalhadoras em questão, uma vez que "o quadro profissional delas não se enquadra" com as áreas de negócio que são foco da empresa que lidera.

Um ano "perdido"

"Para nós, a nível de gestão interna, de equipa e de foco, foi perdido. Tínhamos ali já alguns serviços, como os contratos de energia, de plataformas digitais para seguros e agora vamos ter de pensar como aproveitar essas questões nas instalações que temos", refere Daniel Carvalho.

Apesar deste investimento, que não cumpre o projecto inicial da empresa e representará um rendimento "a médio/longo prazo", obrigou a empresa a **"re pensar" espaços e reforçar a representação em polos fora do concelho, nomeadamente em Braga, onde tem dez colaboradores, e Monção, que aumentará para quatro elementos a breve trecho.**

Manoel Batista: "Para nós foi fundamental que a operação se mantivesse no mesmo espaço e um parceiro que a qualificasse"

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, congratulou os CTT pelo regresso à gestão do serviço em Melgaço e garante que "para o muni-



cípio, desde o princípio que essa solução era a mais adequada".

Congratula também o Governo por, "no meio deste processo todo", ter conseguido "chamar à razão a empresa" para reverter as situações de fecho, mas assume que em 2018, perante o cenário de encerramentos, também a autarquia melgacense "procurou encontrar uma solução que defendesse os interesses dos melgacenses".

"Para nós foi fundamental que a operação se mantivesse no mesmo espaço e conseguindo um parceiro que, agarrando na operação, a qualificasse. Julgo que fomos muito felizes com o trabalho que fizemos, que foi conversar com a empresa CTT e procurar sinalizar aquela que seria uma opção qualificadora em Melgaço", considerou Manoel Batista.

"Evitamos aquilo que noutros municípios não se conseguiu, que foi o encerramento da Estação e a abertura (de um Posto) num quiosque, numa livraria ou num café. Isso aconteceu em muitos municípios deste país e em Melgaço não aconteceu porque eu, enquanto presidente de Câmara, fui capaz de, a tempo, fazer esta conversa com a empresa e encontrar uma empresa local que fosse capaz de agarrar no projecto", esclarece ainda o autarca.

Com o regresso da gestão dos CTT à operação, Manoel Batista congratula, mas deixa a empresa de sobreaviso: "Congratulamos, desejamos, esperamos e de alguma maneira exigimos que a empresa CTT seja capaz de manter a operação com a qualidade que teve neste último ano".



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

Vendem-se

Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:
251 414 973 / 969623094

Passagem de Ano 2019 | Um Bom Destino



O concelho de Melgaço, continua a ser um bom destino, por excelência, para a passagem de ano, com ofertas variadas e de boa qualidade.

Este ano findo, um bom grupo de amigos, da área do Distrito de Viana do Castelo, optou pela passagem de ano, com alojamento, no HOTEL DE 3 Estrelas - MIRA CASTRO, em Castro Laboreiro.

Contudo, tinha a possibilidade de, também nos Montes Altos de Melgaço, ir até ao “Brandeiro”, com as suas “Casas de Turismo Rural – Cardenhas”, localizado na Branda da Aveleira (Senhora da Guia), na freguesia de Gave, com as nascentes do Rio Vez/Arcos de Valdevez, ali mesmo a seus pés. E, na Freguesia de Paderne, a “Tasquinha de Paderne” – Largo da Feira, com uma oferta de boa qualidade e melhor serviço, bem como o “Hotel Villa de Castrum”, com animação e o “Miradouro do Castelo”, estes em Castro Laboreiro.

Por sua vez, ali pertinho da Vila de Melgaço, tinham a oportunidade de se deslocarem até às Termas de Melgaço, onde a Passagem de Ano era enriquecida com um especial e bom Programa de Animação, cheio de actividades. Por sua vez, tinham também o “Chafarix”, mesmo na Vila e o “Hotel Monte de Prado”, casas já com referência de bem servir...

Mas, Castro Laboreiro continua a ser um destino excepcional, dada a sua boa localização e com oferta e possibilidade de se conhecerem locais ímpares, de um sossego único, com ares puros e umas vistas deslumbrantes, com actividades variadas, desde as caminha-

das, escaladas, ao parque de campismo, rappel, Slide, e o percurso dos Marcos de Fronteira, desde o nº 3/4, na PORTELINHA, pelo Planalto fora.

Castro Laboreiro, no dia 30 de Dezembro, à semelhança de anos anteriores, com um sol radiante (e temperaturas frescas pela noite..), teve a Despedida do Ano Velho, com a sua Queima e onde não faltou a “Queimada Galega” (bebida tradicional Galega, do lado de lá do Rio Trancoso e da Fronteira seca, com os seus Marcos Divisórios de Fronteira, com a Espanha.

Assim, o referido Grupo de amigos, passeou pela Porta de Entrada de Lamas de Mouro, do P.N. da Peneda/Soajo/Gerês, e visita ao Santuário de N. S^a da Peneda, Branda de S. Bento do Cando e Batateiro, tendo ido almoçar, no dia 31 DEZ., ao Restaurante de Santo António de Vale de Poldros, do Senhor Fernando (ambiente familiar), com um bom serviço e melhor qualidade, cujas vistas sobre os Montes do Pedrinho e o Vale do Rio Vez, é de uma panorâmica a não perder...

O “Mira Castro” teve casa cheia, e o Grupo Musical “Renascer”, de V.P. de Âncora, como já vem sendo hábito há anos, soube animar todos os presentes. Não faltou um Grupo de Concertinas, com o jovem Diogo, ali nascido, que brinca com a concertina, e a todos fez relembrar os tempos de juventude, dos mais velhos, é evidente...

Os parabéns pois, para a Gerência, e toda a sua Equipa com o seu proprietário Senhor Fernando e senhora Dona Rosa e o profissional jovem filho José Carlos Pires e sua esposa Dona Diana, sempre com uma boa dispo-



sição e melhor sorriso para todos os clientes. que se vêem na fotografia junto da mesa de sobremesas.. O bacalhau com brôa (seu pioneiro..) e o cabrito no forno, não faltando a sua especialidade das “Tetas Castrejas”, foram pratos que a todos agradou..

Valeu a pena subir até à Serra.

Um bom ano de 2020, e até ao dia 31Dezembro.

“um veterano”



Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI

TRANQUILIDADE

ZURICH



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Manuel A. Rodrigues (Tostas)
Condufe - Chaviães | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



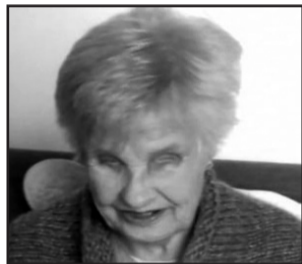
Maria da Glória Esteves
Chaviães - Melgaço | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



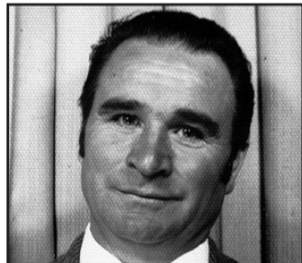
Maria Helena Lourenço
Cristóval - Melgaço | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Júlio José D'Abreu
Cristóval - Melgaço | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Serafim da Silva
P.Couto - Chaviães | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Laurinda Rosa Gonçalves
Eira - Roussas | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Fátima Esteves
Pomares - Paderne | 54 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Lourdes Esteves
Paços - Melgaço | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA**

Maria Luísa Calheiros
Outeiro - Prado | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Avelino Bialão Rodrigues
Paços Megaço | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Rosa Lourdes Domingues
Remoães - Melgaço | 71 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



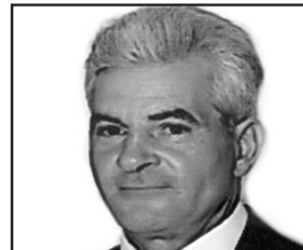
Maria da Conceição Afonso
Paderne - Melgaço | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Augusto M. Costa
Vila - Melgaço | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Adélia Augusta L. Nogueira
Vila - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Sousa Brito
Roussas - Melgaço | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA**

Maria de Jesus R. Esteves
Terreiro - Fiães | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Palmira Soares
Jugaria - Fiães | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel de Jesus Vieira
Portela - Chaviães | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



«A Voz de Melgaço» 01/02/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **nove de janeiro de dois mil e vinte**, exarado a **folhas duas e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CATORZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **EMILIANO GONÇALVES DE SOUZA** e mulher **ADÉLIA ESTEVES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Alvaredo, ela da freguesia de Penso, onde residem no Recanto da Rabosa, número 38, ambas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito na dita freguesia de **Penso**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "**SADORNIL**", sito no lugar de **Cortinhas**, composto de terreno de vinha, com a **área de mil setecentos e noventa e sete metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Custódio Luciano Lourenço, de **SUL** com Caminho Público, de **NASCENTE** com Maria de Fátima Esteves e de **POENTE** com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3228**, que teve origem no artigo 1590 rústico da referida matriz, com o valor **patrimo-**

nial tributário de € 1950,00, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta**, já no estado de **casados**, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, que lhes foi feita por Delfim da Rocha, solteiro, maior, residente que foi no lugar de Pio, na indicada freguesia de Penso, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, na verdade, eles justificantes são quem de forma ininterrupta e há mais de **vinete anos**, se têm mantido na posse e fruição do identificado prédio, sempre usufruindo de todas as utilidades por ele proporcionadas, designadamente sulfatando e podando a vinha, cultivando-o e colhendo os respetivos frutos, pagando as contribuições e impostos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, sem violência, pública e continuamente, tudo sempre à vista de toda a gente e sem oposição de ninguém, pois todos reconhecem neles os verdadeiros e únicos possuidores do imóvel, posse que sempre foi exercida no convencimento e com a intenção de estarem a exercer os poderes correspondentes ao seu direito de propriedade sobre coisa própria;

Que a presente justificação não constitui fracionamento ilícito e dadas as enumeradas características de tal posse adquiriram o mencionado prédio por **usucapião**, que invocam, justificando o seu direito de propriedade, para efeitos de primeira inscrição



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

no registo predial, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, nove de janeiro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dezassete de janeiro de dois mil e vinte**, exarado a **folhas dezassete e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CATORZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ANTÓNIO DE JESUS LOURENÇO** e mulher **PALMIRA DO ROSÁRIO LOURENÇO**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais, ele da freguesia de São Paio, ela da freguesia de Paderne, onde residem na Rua da Aldeia de Baixo, número 60, ambas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do **Prédio Rústico**, denominado **“TOJEIRAS”**, sito no lugar de **ALDEIA**, na dita freguesia de **PADERNE**, composto por terreno de cultivo e vinha, com área de **setecentos e trinta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Luís de Abreu, de **SUL** com Venâncio José Gonçalves, de **NASCENTE** com Gilberto Gomes e de **POENTE** com Luísa de Abreu, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5759**, com o valor patrimonial tributário de **€ 72,48**;

Que desconhecem o artigo da anterior matriz rústica e o dito prédio foi por eles adquirido, já no estado de casados, em dia e mês que não consegue precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e seis**, por partilha verbal, feita com os demais herdeiros, por óbito da mãe da justificante mulher, Rosa dos Prazeres Lourenço, solteira, residente que foi no lugar de Aldeia, da citada freguesia de Paderne, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a

mesma, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória;

Que, no entanto, entraram desde essa altura na posse e fruição do mencionado prédio em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, sulfatando e tratando a vinha, procedendo à sua limpeza, cultivando-o, limpando-o, usufruindo de todas as utilidades possíveis, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a **posse pública, pacífica, contínua** e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e seis** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezassete de janeiro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves)



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e sete de Janeiro de dois mil e vinte**, exarado a **folhas trinta e cinco e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CATORZE-M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **OLIVEIROS RODRIGUES** e mulher **MARIA ALBERTA ALVES PIRES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da extinta freguesia de Castro Laboreiro, ela da freguesia de Fiães, residentes no Lugar de Alote, freguesia de São Paio, todas freguesias do concelho de Melgaço, declararam que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na dita freguesia de **São Paio**:

VERBA UM: **Prédio Rústico**, denominado **“MATO DA TOJEIRA”**, sito no lugar de **LOURENÇOS**, composto por terreno de pinhal e mata de carvalhos, **com a área de três mil duzentos e noventa e nove metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Serafim Esteves, de **SUL** com Manuel Nunes de Castro, de **NASCENTE** com Caminho de servidão e de **POENTE** com Ribeiro, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 4797, com o valor patrimonial e atribuído de **€ 145,01**;

VERBA DOIS: **Prédio Rústico**, denominado **“CAMPO DOS BALUARTES”**, sito no lugar de **CRUZEIRO**, composto por terreno de cultivo, vinha e um palheiro com trinta metros quadrados, **com a área de três mil e trezentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com João Alves e outro, de **SUL** com Alcino Alves, de **NASCENTE** com Ribeiro e de **POENTE** com Caminho e Levada, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5992**, com o valor patrimonial e atribuído de **€ 438,07**;

VERBA TRÊS: **Prédio Rústico**, denominado **“CAMPO DA CORGA”**, sito no lugar de **CRUZEIRO**, composto por terreno de cultivo, **com a área de mil seiscentos e sessenta e três metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Estrada Municipal, de **SUL** com Oliveiros Rodrigues, de **NASCENTE** com Corga e de **POENTE** com João Joaquim Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 6373**, com o valor patrimonial e atribuído de **€ 800,00**;

VERBA QUATRO: **Prédio Rústico**, denominado **“CAMPO DO LINHEIRO”**, sito no lugar de **CRUZEIRO**, composto por terreno de vinhas **com a área de mil seiscentos e quarenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Herdeiros de José Alves, de **SUL** e **POENTE** com Maria da Conceição Rodrigues e de **NASCENTE** com Maria da Conceição Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 6374**, com o valor patrimonial e atribuído de **€ 1260,00**;

E ainda que na dita escritura **ANÍBAL RODRIGUES** e mulher **MARIA ROSA ALVES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da dita extinta freguesia de Castro Laboreiro, ela da referida freguesia de Fiães, residentes no lugar de Cortinhas, União das Freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço declararam que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na dita freguesia de São Paio:

VERBA CINCO: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado **“MATO DA VILA”**, sito no lugar de **Lajendo**, composto por terreno de mata de carvalhos e pinhal, **com o área de mil e quinhentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Herdeiros de Artur Augusto Carpinteiro, de **SUL** com Her-

deiros de Virgínia Gonçalves, de **NASCENTE** com Caminho e de **POENTE** com Ribeiro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 4495** com o valor patrimonial e atribuído de **€ 58,94**;

VERBA SEIS: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado **“CAMPOS DA EIRA E REIRIGA”**, sito no lugar de **CRUZEIRO**, composto por terreno de cultivo e vinha, **com a área de três mil e duzentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com Maria da Conceição Alves e filha, de **SUL** e **POENTE** com Caminho, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5108**, como valor patrimonial e atribuído de **€ 371,36**;

VERBA SETE: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado **“CAMPO DA TOJEIRA”**, sito no lugar de **LOURENÇOS**, composto por terreno de pastagem, **com a área de dois mil e cem metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Júlio Rodrigues, de **SUL** e **POENTE** com Corga e de **NASCENTE** com Aníbal Rodrigues e outro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5993**, com o valor patrimonial e atribuído de **€ 13,58**; e

VERBA OITO: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado **“CAMPO DO ALAMBIQUE”**, sito no lugar de **Cruzeiro**, composto por terreno de vinha com uma dependência agrícola com cinquenta e três metros quadrados, **com a área total de quatrocentos e cinquenta e seis metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com João Joaquim Alves, de **SUL** com Maria da Conceição Alves e de **POENTE** com Levada, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 6375**, com o valor patrimonial e atribuído de **€ 420,00**;

Que quanto aos prédios ora identificados desconhecem os artigos da anterior matriz rústica, tendo os **primeiros outorgantes** quanto aos indicados sob as verbas **um a quatro**, e os **segundos outorgantes**, quanto aos indicados sob as verbas **cinco a oito**, entrado na posse dos mesmos em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e sete**, ambos já no estado de casados, por partilha verbal feita com os demais herdeiros, por óbito dos pais dos justificantes maridos, Júlio Rodrigues e mulher Rosalina Domingues, residentes que foram no mencionado lugar de Cruzeiro, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as

suas utilidades, cultivando-os, amanhando a terra e colhendo os seus frutos, nos de cultivo, podando, sulfatando a vinha e colhendo as uvas no de vinha, roçando o mato e cortando a lenha, que aproveitam, nos demais, e em todos suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos respetivos prédios desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e sete** conduziu à aquisição dos mesmos por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, vinte e sete de janeiro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **trinta e um de janeiro de dois mil e vinte**, exarado a **folhas quarenta e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CATORZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL JOSÉ DOMINGUES**, e mulher **ROSA DAS DORES RODRIGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da extinta freguesia de Parada do Monte, residentes no lugar de Tablado, na União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhã, todas freguesias do concelho de Melgaço, declararam que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do **Prédio Urbano**, sito no referido lugar de **Tablado**, composto por casa de morada de três pisos e riossios, com a área total de duzentos e cinquenta metros quadrados e área coberta de cento e vinte e dois metros quadrados, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com Estrada e de **SUL** e **POENTE** com Manuel José Domingues, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e inscrito na

respetiva matriz sob o **artigo 9500**, que teve origem no artigo 532 urbano da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor patrimonial tributário de € 41 939,80;

Que o prédio veio à sua posse, já no estado de casados, ainda como prédio rústico, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e dois**, por entrega material em cumprimento de compra verbal que não chegou a ser devidamente formalizada feita a **José Esteves e mulher Maria Esteves**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes que foram no lugar de Trigueira, na referida extinta freguesia de Parada do Monte, e que posteriormente, apresentaram na Câmara Municipal de Melgaço um projeto de licenciamento para edificação nesse terreno de uma casa de morada, correspondente ao prédio atualmente existente e a coberto da licença camarária número seiscentos e cinquenta e três de dezassete de outubro de mil novecentos e oitenta e cinco, emitida no processo duzentos e noventa e quatro barra oitenta e cinco, tendo concluído as obras e passado a habitá-lo em doze de maio de mil novecentos e noventa e três e sido emitida a respetiva licença de utilização para habitação em dois de julho do referido ano, pelo que tendo construído a casa a expensas suas, deste modo realizaram benfeitorias no terreno; Que, não obstante a falta de título, sempre têm possuído o mencionado prédio, inicialmente como rústico, procedendo à sua limpeza, e posteriormente como urbano, habitando-o, usufruindo do imóvel, gozando de todas as utilidades por ele proporcionadas, fazendo obras de reparação e conservação sempre que necessário, participando nas suas vantagens e encargos, exercendo todos os direitos e deveres correspondentes ao direito de propriedade, sempre com ânimo de quem exercita direito próprio, sendo reconhecidos como seus donos por toda a gente, fazendo-o de forma pacífica, contínua e pública, sem oposição de ninguém e tudo isto por um lapso de tempo superior a **vinte anos**; Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o dito prédio por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, trinta e um de janeiro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **onze de Dezembro de dois mil e dezanove**, exarado a folas oitenta e duas seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **TREZE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ANTERO BAPTISTA ESTEVES** e mulher **ROSA RODRIGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da extinta freguesia de Roussas, residentes no lugar de Carvalhos, União das Freguesias de Vila e Roussas, ambas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, **com exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito na aludida União de Freguesias de **Vila e Roussas**, não descrito na conservatória do Registo Predial de Melgaço: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado **“Leira do Campo”**, sito no lugar de Carvalhos, composto de terreno de cultivo e vinha e um albio, com a área de **quatrocentos e sessenta e quatro metros quadrados**, a confrontar de Norte com João Batista Esteves, de Sul e Poente com Antero Baptista Esteves e de Nascente com Manuel Marques, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5470**, que teve origem no artigo 4542 rústico da extinta freguesia Roussas, com o valor **patrimonial tributário de € 240,00**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e cinco**, já no estado de **casados**, por doação verbal que lhes foi feita pela mãe do justificante marido, **Ludovina Rosa Esteves**, viúva, residente que foi no lugar de Carvalhos, na referida extinta freguesia de Roussas, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, assim, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cultivando-o, tratando a vinha, podando-a, sulfatando-a e colhendo as uvas, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da justificação não resulta nenhum fraccionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e cinco** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extracto, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, onze de Dezembro de dois mil e dezanove.

O Notário

Marco Paulo Lima Gonçalves



CARTÓRIO
NOTARIAL
DE MONÇÃO

CÁTIA SOFIA DE CARVALHO
CORREIA MAGALHÃES GRANCHO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2020

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de Justificação Notarial outorgada no dia vinte e quatro de Outubro de dois mil e dezanove, exarada de folhas setenta e dois a folhas setenta e três verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número duzentos e seis - E, **ILDA ALBERTA DOMINGUES**, solteira, maior, natural da freguesia de Fiães, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Adedela, declarou ser dona e legítima possuidora, do seguinte bem imóvel;

Prédio urbano sito no lugar de Adedela, freguesia de Fiães, concelho de Melgaço, composto de casa com dois pavimentos e rossios, com a área coberta de cinquenta e três metros quadrados e a área descoberta de quatrocentos e quarenta e sete metros quadrados, a confrontar a norte com José Pereira, a sul e a poente com Monte Baldio e a nascente com Estrada, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 411, a favor de Aurora de Fátima Bravo, com o valor patrimonial tributário de catorze mil seiscentos e vinte euros, igual ao atribuído.

Que este prédio veio à sua posse e fruição no ano de mil novecentos e oitenta e oito, por compra verbal, que nunca foi devidamente formalizada, efectuada a Aurora de Fátima Bravo e marido, Casimiro Augusto Pinheiro, residentes no lugar de Soutomendo de Cima,

freguesia de Fiães, concelho de Melgaço.

Que, desde aquela data, entrou na posse e fruição do referido prédio, ocupando-o e habitando-o, nele fazendo obras de manutenção quando necessárias, aproveitando as suas utilidades, pagando as contribuições fiscais e suportando os demais encargos e despesas de fruição, ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, que reiteradamente tem exercido, até à presente data, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aquele prédio, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião, que invoca na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Monção, vinte e quatro de Outubro de dois mil e dezanove. A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho.



CARTÓRIO
NOTARIAL
DE MONÇÃO

CÁTIA SOFIA DE CARVALHO
CORREIA MAGALHÃES GRANCHO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2020

CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de **três** folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial exarada de folhas **noventa** a folhas **noventa e dois verso** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **duzentos e oito - E**, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

Monção, oito de Janeiro de dois mil e vinte.

A Colaboradora da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8.º n.º1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respectivas alterações

Ana Paula Rodrigues Cunha
Pedreira

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de Justificação Notarial outorgada no dia oito de Janeiro de dois mil e vinte, exarada de folhas noventa a folhas noventa e dois verso do Livro de No-

tas para Escrituras Diversas número duzentos e oito-E, **ANÍBAL DOMINGUES** e mulher, **MARIA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES DOMINGUES**, ambos naturais da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Virtelo, casados que são sob o regime de comunhão geral de bens, declararam serem donos e legítimos possuidores, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico denominado “Chousa de Baixo”, sito no lugar de Virtelo, freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto de terreno de vinha alvarinha em cordão, com a área de mil oitocentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar a norte e a nascente com Fernando Veloso, a sul com Ernestina Duque e a poente com Maria Domingues, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 3047, a favor de Cabeça de Casal da Herança de António Luís Gonçalves, com o valor patrimonial tributário de dois mil seiscentos e setenta euros, igual ao atribuído.

Que ignoram o artigo da anterior matriz, segundo declaram sob sua inteira responsabilidade.

Que este prédio veio à sua posse e fruição no ano de mil novecentos e noventa e quatro, em dia e mês que não conseguem precisar, por doação verbal, que nunca chegou a ser devidamente formalizada, que lhes foi efectuada pelos pais da justificante mulher, António Luís Gonçalves, actualmente já falecido e mulher, Rosa Domingues, residente que foi e é respectivamente, no lugar de Virtelo, freguesia de Couso, concelho de Melgaço.

Que, desde aquela data, entraram na posse e fruição do referido prédio, cultivando-o e recolhendo os respectivos frutos, pagando as contribuições fiscais, ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aquele prédio, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela usucapião, que invocam na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Monção, de oito de Janeiro de dois mil e vinte.

A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho.

Grupos entoaram cantares de Reis e Janeiras na Casa da Cultura

A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, representada pelo grupo “Os Meninos da Santa Casa”, os utentes da APPACDM de Melgaço, a Associação Melgaço em Patins, “Os Cucos – Associação Cultural, Recreativa e Desportiva” e elementos da Escola e Casa de Concertinas de Melgaço foram os grupos que este ano animaram o Encontro de Reis e Janeiras, que decorreu no final de Janeiro.

Fotos: CM Melgaço



“Estórias do Minho – Narrativas no Feminino de uma Geografia Identitária”

Ciclo de Conferências vai percorrer os 24 municípios do Minho

João Martinho

Arranca no próximo dia 12 de Fevereiro, em Vila Verde, o Ciclo de Conferências “Estórias do Minho – Narrativas no Feminino de uma Geografia Identitária” no âmbito do projeto âncora “PA2. Touring Cultural – Identidade Cultural do Minho”, cofinanciado pelo Norte 2020 e que está ser desenvolvida pelo Consórcio Minho Inovação, que integra as três Comunidades Intermunicipais do Alto Minho, Cávado e Ave.

Neste ciclo de conferências, que percorrerá os 24 municípios do Minho, pretende-se valorizar um olhar inovador sobre a herança cultural do Minho rememorada no feminino, enquanto sociedade de forte tradição matriarcal, propiciando uma narrativa congregadora de saberes e valores identitários que importam estudar, conhecer, cuidar, preservar, valorizar e divulgar.

A primeira conferência, a realizar na Casa do Conhecimento, em Vila Verde, às 14h00, subordinada ao tema Uma arte de bordar por “Aqueles Mulheres do Minho”, pretende constituir um momento de reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas mulheres (artesãs) que bordam os Lenços de Namorados e que assim ajudam a manter viva a identidade cultural da região do Minho.

A conferência irá contar com a participação de um reputado painel de investigadores, constituído, nomeadamente, Ana Pires, investigadora na área do Bordado, Jean-Yves Durand e Micaela Ramon, ambos docentes na Universidade do Minho, nas áreas da Antropologia e da Literatura Portuguesa, respetivamente e Isabel Maria Fernandes, diretora do Museu de Alberto Sampaio, do Paço dos Duques e do Castelo de Guimarães / DRCN. Haverá ainda um momento musical interpretado pela Academia de Música de Vila Verde e a performance teatral “Lenços Damore” pelo Grupo de Teatro Itinerantenredo.

Para estas conferências serão convidadas personalidades académicas com trabalho de investigação de grande relevo na área em análise – Identidade Cultural do Minho. A organização pretende, além de fornecer aos participantes os conteúdos sobre os temas propostos, promover para uma experiência identitária do território, através da dinamização de um momento cultural ligado a cada uma das conferências.

A participação nestas sessões é gratuita, sendo de assinalar, no caso de professores, a possibilidade de poderem vir a ser acreditadas como ações de curta duração (3h). Programa e inscrições em: www.minhoim.com



Uma inusitada carta de agradecimento

João Martinho

Habitualmente, um colaborador endereça uma carta ao seu empregador para oficializar um despedimento ou um pedido de aumento, mas Mariana Domingues Soares contrariou a tendência e elaborou uma carta de agradecimento. Prova será de que um bom ambiente de trabalho tornará patrões e trabalhadores mais felizes e produtivos.

Depois de dois meses a prestar serviço de atendimento ao cliente no restaurante Adegas Regionais Sabino, a jovem melgacense quis deixar registado o seu agradecimento pela experiência proporcionada durante o Verão de 2019.

Na missiva, Mariana Soares confessa os temores dos primeiros dias, a adaptação ao método de trabalho e à equipa com que lidou diariamente durante os meses de maior movimento turístico no concelho e consequente número de clientes no restaurante localizado no cora-

ção da vila de Melgaço.

Confessa como foi conquistando e fazendo parte da equipa, dos pré-conceitos que tinha em relação aos patrões, das “conversas filosóficas” que foi estabelecendo e das confissões que partilhou.

“Obrigada a todos vós (...), por todos estes momentos e por me ensinarem tanta coisa, porque hoje apercebo-me de algo. O Mini Zip ensinou-me a trabalhar mas a Adegas Sabino ensinou-me a ser uma mulher”.

Sobre o espaço, a Adegas Regionais Sabino é um líder consolidado no top local de restaurantes recomendados pelo site de viagens Tripadvisor, com mais de seiscentas avaliações pelos utilizadores daquela plataforma

Foi também distinguido com o selo “Boa Cama Boa Mesa”, uma iniciativa do jornal Expresso que premeia com esta recomendação os melhores em cada um dos serviços do sector.





ADEGA SABINO

Visite o nosso Website!



Tlf.: 251 404 576 | Tlm.: 963 452 031



Carnaval - Entrudo 2020

Rituas Cósmitos de Inversão na Memória da Humanidade

José Rodrigues Lima

No território do Alto-Minho os trabalhos e os dias decorrem entre o ritual e o simbólico; o mítico e o histórico; a intimidade e a sociabilidade; a contenção e a catarse; a morte e a regeneração; a consoada e o mendeiro; a saudade e o encontro; o regular e o caos; a tradição e a pós modernidade; a memória e a fronteira.

O Entrudo é festa da abundância: “Ruge o pote e o prato”; “Haja vinho na caneca e porco na salgadeira”; “O Entrudo é comilão, se queres saber ao certo dá-me carne, vinho e pão”; “Alegria, alegrote, que está o rabo de porco no pote”.

Ainda se ouve: “No Carnaval ninguém leva a mal”.

Os festejos variados encerram rituais cósmitos, de inversão, de ostentação e fertilidade.

REGENERAR O MUNDO

No dizer de Roger Caillois, a festa pretende restaurar o caos primordial, reatualizar as cosmogonias, teatralizando e mimando os gestos dos deuses e antepassados, porque o tempo mítico da desordem é um tempo criador, e necessariamente será também renovador do cosmos envelhecido. “A festa é assim celebrada no espaço-tempo do mito e assume a função de regenerar o mundo”.

As teses referentes à origem do Carnaval podem-se sintetizar em quatro: vegetalista, celta, greco-romana e medievalista.

As origens do Carnaval perdem-se no tempo profundo da pré-história e, naturalmente, nem todos os antropólogos aceitam as teses existentes (cf. COCHO):

VEGETALISTA

O Antropólogo irlandês J. Georges Frazer e o seu contemporâneo alemão Mannhardt estão de acordo, constituindo o que poderia denominar-se de “escola vegetalista”.

Em síntese, Frazer sustenta que os ritos do Carnaval não são mais do que versões endoculturadas de outros ritos comuns a todos os povos primitivos pré-históricos e que estavam vocacionados a favorecer o renascimento vegetal, a fertilidade da terra e das mulheres quando chegava a Primavera.

Fazer e seus discípulos argumentam que este tipo de festas foram comuns a todos os “povos primitivos” e chegaram em forma de sobrevivência através dos “povos históricos”, de modo especial inserido nas festividades Saturnais, comemoradas pelos romanos.

A representação do enterro, ou queima do Carnaval, é mais uma forma de introduzir a morte e a ressurreição do espírito de vegetação.

Esta tese vegetalista, sobre a origem do Carnaval, apoiam-se, por exemplo, o antropólogo galego Fermim Bouza Brey e o próprio Risco. Aliás, Caro Baroja afirma que o Carnaval “queira-se ou não, é um filho, embora pródigo, do cristianismo”. Este antropólogo também disse que o Carnaval é uma festa em que se sintetizam e juntam muitos interesses, e rejeitou a teoria de que o Carnaval é uma sobrevivência dos ritos animistas ancestrais.

CELTA

A tese celta leva-nos a registar alguns dados. Assim, E.Powell sublinha que os celtas acreditam em poderes mágicos que envolviam todos os aspetos da vida e do ambiente. O ano celta achava-se, certamente, dividido em duas estações, quente e fria, sendo os períodos de transição marcados por quatro festas: Samain, Beltaine, Lugnasad e Imbolc.

No início da estação clara, Beltain, celebra-se a festa do deus Lug. Era a data das grandes assembleias druidas, em que se faziam fogueiras cerimoniais.

No início de Fevereiro tinha a festa da purificação do fim do Inverno, IMBOLC.

Antigamente explicavam-na como sendo o começo da lactação das ovelhas. A festividade foi substituída pela festa cristã de Santa Brígida, seguida pela Festa das Candeias, como explica E. Powell, H. Hubert, F. le Roux e J. Guyonvarch.

O investigador C. Gaignebet, autor do livro “Le Carnaval. Esais de mytologie populaire” (1974), sustenta:



“Há pois motivos para perguntar por que um conjunto de ritos indoeuropeus, as purificações de raxão em especial, no início de Fevereiro, se conservam porventura inseridos na festa celta, especialmente Imbolc”.

Sem pretendermos fazer doutrina, não será que nos rituais do Carnaval, e mesmo nas comemorações do Enterro do Pai Velho, se conjugam reminiscências ancestrais dos Celtas? É de referir que no Lindoso há bastantes marcas celtas.

Aliás, seria aprofundar o bestiário mítico da quadra carnavalesca, em que figuram o urso, o boi, a vaca, o porco, o galo e outros animais, uns considerados puros e outros impuros.

Segundo alguns autores, a palavra Carnaval procede do termo “carnavale”, e este, de expressão latina “carnem vale” (adeus carne), que significa retirar a carne, numa alusão ao carácter introdutório da quaresma cristã que se avizinha.

Caro Baroja introduz esta argumentação na tese sobre a origem do Carnaval Medieval. Ele mesmo demonstrou a existência documental deste termo em Espanha, no século XV, concretamente no Dicionário Nebrija.

GRECO-ROMANA

É interessante fazer uma alusão às festividades greco-romanas, em honra de Dionísio, às Saturnais e Luperciais, festas de grande interesse para o estudo dos antecedentes do Carnaval.

Durante as Saturnais, os escravos e patrões trocavam e invertiam os seus papéis. A habitual ordem social sofria uma brusca convulsão, praticando-se uma infinidade de jogos; o centro de ensino e os tribunais paralisava, A atividade comercial detinha-se e os cidadãos trocavam presentes.

Organizavam-se ceias com grande consumo de vinhos. O excesso generaliza-se com orgias proibidas ao longo do ano. A distinção entre classes livres e servis estava abolida temporariamente. Nesses dias, era eleito o “Rei da Farsa”, cuja reminiscência hoje pode ser encontrada no rei do Carnaval, efígies e nos bonecos do Entrudo que acabam sendo enterrados e queimados, acompanhados por testemunhas, lamentos ou vindictas.

A modos de conclusão, podemos dizer que a festa carnavalesca com o sentido burlesco e paródico, é própria do estilo celebrações lúdicas da Idade Média, etapa da história, na que se configura como contraponto festivo aos rigores que vão vigorar na quaresma cristã. Paródia, alegria, igualdade social, álcool, regabofe, e toda a forma de excesso são elementos carnavalescos.

Porém, não se pode negar que determinados elementos pagão, próprios do começo da Primavera, e como a finalidade de estimular a fecundidade, não estejam incluídos nos carnavais rurais mais antigos.

O conjunto de ritos que se entrelaçam nas festividades carnavalescas, segundo o antropólogo Joan Prat, “podem ser sintetizados em cósmitos, de inversão, de ostentação e fertilidade, reafirmando a identificação coletiva”.

Para além das teses referidas, devemos acrescentar “a celta”, relembrando a festa “IMBOLC”.

MEDIEVALISTA

Os antropólogos Van Gennepe, V. Risco, Bajtin e outros, defendem que o Carnaval é uma manifestação que se estrutura ao longo de uma etapa medieval da história da civilização ocidental, conforme o contexto social, político e religioso, que decorre entre os séculos V e XV. Aliás, como já afirmamos, Caro Baroja corrobora esta opinião.

Precisamente a partir do século IV começa a divulgar-se no mundo cristão o tempo litúrgico da Quaresma preparando a Pascoa, mediante a penitência e a frugalidade gastronómica e sexual. O citado antropólogo, grande autoridade nesta temática, reforça, o seu pensamento, afirmando que nos festejos carnavalescos, estudados na generalidade, e dentro do ciclo europeu, “encontram-se todos os precedentes pré-históricos, pagãos e antigos, que queiram”. Porém, parece indiscutível que, como tal, o carnaval consolidou na Idade Média, debaixo da influência cristã. Esta doutrina é, aliás, confirmada pelo russo, Mijail Bajtin, defendendo “que o Carnaval era, por excelência, a expressão mais sublime e espetacular dessa cultura grotesca e irreverente, que caracteriza a Idade Média”.

Ainda segundo Bajtin, “o Carnaval é a segunda vida do povo, baseada no principio do humor”.

Retomando o pensamento de Caro Baroja, diríamos que o Carnaval é uma festa de grande significação, muito para além de uma sobrevivência da adaptação de uma crença pagã. É muito mais, é quase a representação do paganismo frente ao cristianismo”.

Existem indicadores que convidam a encarar o carnaval moderno como uma espécie de “eco moribundo” das festas antigas do tempo das Saturnais.

O grande antropólogo Caro Baroja, autor do livro “El Carnaval”, verdadeira bíblia deste ciclo festivo, escreveu que “quando o homem acreditou de uma forma ou de outra que a sua vida estava submetida a formas sobrenaturais surgiu o Carnaval”. O mesmo investigador afirma que “o Carnaval merece respeito”, estudo e análise, não só como fonte de grandes criações plásticas, sendo de mencionar Brueghel e Goya, mas também musicais, recordando Schuman, Berlioz e Paganini.

É de referenciar a obra “Festas de loucos e carnavais” de Jacques Heers.

O ENTERRO DO PAI VELHO

O Carnaval é uma festa de todos, dos simples e dos pobres.

Uma boa oportunidade para os sisudos se extrovertem e para os grupos realizarem uma “catarse colectiva”, esquecendo o quotidiano que esmaga para reinar a alegria, com “rituais cósmitos, de inversão, ostentação e fertilidade”, reafirmando a identidade colectiva, conforme o antropólogo Joan Prat.

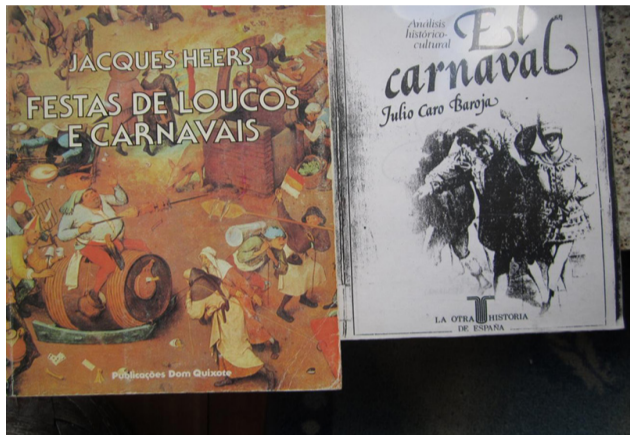
As festividades carnavalescas no Lindoso, aldeia do concelho da Ponte da Barca, celebrizada pela sua história e respectiva barragem premiada, revestem-se de particularidades, que lhes concedem características do Carnaval da tradição portuguesa.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Os octogenários, eles e elas, são pontos de referência obrigatória, para ajuizar se tudo está a ser preparado conforme a tradição. Existe uma sabedoria estratégica que passa pela escolha dos carros de tracção animal, do gado, pelo jogo das campainhas, pelos jugos, pelos enfeites, pelas cantigas, pelos tocadores de concertina, pelo horário dos cortejos, pelo trajeto definido, pelos bailes, pelas dádivas comestíveis durante os desfiles, pelos “barredouros”, pelos disfarces, pela choradeira na queima do Pai Velho, pelo testamento onde constam as ofertas do falecido, pelas referências de índole social e pela ocultação da escultura simbólica, como autêntico “churinga” de povos australianos.

As festividades do Enterro do Pai Velho, que “apesar de não ter festeiros, sempre tem festa”, são consideradas as mais típicas da povoação, e podemos dizer, únicas no norte do país.



Trata-se de uma vivência ancestral, que contribui expressivamente para a “coesão social da aldeia”, e para revigorar a identidade colectiva de uma povoação histórica e tradicional, que mantém vivências comunitárias.

O cortejo, para além de outros elementos, é constituído por carros adornados, “simbólicos e chiadouros”, puxados pelo melhor gado da aldeia, belamente engalanado, sendo um deles o do “Pai Velho”, e o outro o “Carro das Ervas”.

O largo junto do Castelo do Lindoso, mesmo ao lado do conjunto dos espigueiros e a eira comum, é o espaço privilegiado onde se desenrolam as importantes cerimónias anuais de transição, do ciclo do Inverno, frio e estéril, para o ciclo da Primavera, mais quente e fértil, e que fazem parte do “inconsciente colectivo”.

Se pretendermos estabelecer uma rota dos cerimoniais carnavalescos, para além do Enterro do Pai Velho, teríamos que participar, também, na Dança dos Carpin-

teiros, na freguesia de Gandra, e nas Mecadas de Verdoejo, do concelho de Valença. Esta trilogia constitui o Entrudo do Alto-Minho.

A FOGUEIRA SIMBÓLICA

O grande investigador e filósofo das religiões J.Frazer, na sua notável obra “RAMA DOURADA”, dedica um capítulo aos festivais ígneos. Afirma que em quase toda a Europa existe “a crença de que o fogo promove o crescimento dos meses, o bem-estar dos homens e dos animais, quer estimulando-os positivamente quer evitando os perigos e as calamidades”.

Refere que os celtas tinham festivais ígneos, queimando imagens cobertas de ervas, no meio das quais os druidas encerravam vítimas.

W.Mannhart interpreta o costume de queimar as vítimas como uma cerimónia mágica com a intenção de



assegurar a luz solar suficiente para as colheitas, levando-nos a concluir a importância agrária destes rituais.

É de sublinhar a grande festa “Beltaine, (fogo de Bel), no primeiro de Maio, em honra do Deus Lug, sob aparência da luz. Era a data das assembleias druidas, em que se faziam grandes fogueiras cerimoniais.

Parece-nos que a grande fogueira que no Lindoso queima o corpo empalhado do Pai Velho, os enfeites e as ervas, tem um fundo celta.

Aliás, é de acrescentar que inúmeros ritos de purificação pelo fogo, geralmente ritos de passagem, são característicos das comunidades agrárias, e simbolizam os incêndios dos campos que se adornam, depois, com um manto verde da natureza viva, de acordo com J.Chevalier.

O fogo é, acima de tudo, o motor de regeneração e simboliza a acção fecundante.

O Padre António Vieira salienta nos “Sermões” que “o maior”, o mais nobre e o mais nobre escondido tesouro do universo é o quarto elemento, o fogo.

É crença popular que o fogo e o fumo têm a virtude de purificar os campos e os animais, e livrar os homens da influência dos maus espíritos.

A PALAVRA ENTRUDO

É oportuno referir que o Concílio de Benevento no século XI, fixou a Quarta-feira de Cinzas como limite para as festas de Carnaval.

Daí, a palavra Carnaval, vinda da expressão latina “carne vale”, que significa retirar a carne, numa alusão ao carácter introdutório da quaresma cristã que se avizinha.

A palavra entrudo deriva do latim “introitus” que significa entrada no período de contenção que é a designada quaresma cristã.

Ainda nos tempos de hoje se ouve dizer: Parece um entrudo, comentário quando uma pessoa é gorda; ou en-



tão parece uma quaresma, sublinhando uma pessoa que é magra. Um entrudo também o pode ser uma pessoa vestida com roupa velha ou desajeitada.

Da etnografia do final do período do entrudo, e de transição para o tempo quaresmal, registamos: “Adeus entrudo, / Adeus meu entrudinho; / Até ao domingo de Páscoa, / Não comerei mais toucinho.”

Bibliografia

- BAROJA, Caro – El Carnaval, Madrid, Ed Taurus, 1983
 COCHO, Frederico – O Carnaval em Galicia, Vigo, Edições Xerais, 1995.
 FERRO, X R. Marino – “O Entroide ou Praceres da Carne”, “Coruna, Edições do Castro, 2000.
 FRAZER, J.G. - “La Rama Dourada”, unda da Cultura Económica de Espanha, 8ª ed., 1995.
 HEERS, Jacques – Carnaval y Fiestas de Locos, Barcelona Edições Peninsula, 1988
 VEIGA DE OLIVEIRA – Festividades cíclicas em Portugal, Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1984.
 IZQUIERDO, Paulino – Los orígenes de el carnaval, Ourense, Sociedade Cultural Albor, 1985.

Allianz | Liberty Seguros | LUSITANIA SEGUROS | ageas seguros

MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Eseritório:
 Rua Fonte da Vila S/n
 4960-546 Melgaço
 Tel : 251402903 Fax : 251402907
 mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
 4950-855 Cortes - Monção
 Tel / Fax : 251 656232
 Tlm 936060133

CLÍNICA DE OTORRINO
 LARINGOLOGIA
 Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
 Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular viana do castelo 258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º 4950 - Monção 251 652 756

Já Disponível... NOVOS SERVIÇOS

PEDRO SEGUROS
 GESTOR DE SEGUROS | PROMOTOR ASSURFINANCE

Ter tudo numa só loja, nunca foi tão fácil!!!!

Allianz | Liberty Seguros | una seguros | PRÉVOIR Assureur Solutions Vie

Documentação Auto

- > Registo Automóvel, Legalização de viaturas, CANCELAMENTO de matrículas
- > Carta de condução, Revalidação, Alteração de dados, 2ª Via Links Uteis e Manuais

Cartões

- > Pedido de Cartão Jovem
- > Pedido Certidão Registo Predial, Pedido Certidão Registo Comercial
- > Pedido Certidão Registo Automóvel, Pedido de Via Verde

Contratos

- > Contratos de electricidade (novos e alterações)
- > Consultadoria e Contratos de telecomunicações (Nos, Vodafone, Nowo e Meo)
- > Pedidos certificação energética
- > Inspeções de Gás

Segurança

- > Soluções alarmes (Prosecur/Securitas)

Seguros

- > Seguros Automóvel, Multiriscos, Vida, Acidentes Pessoais, Acidentes Trabalho, Etc

Pagamentos

- > Pagamentos, através de um TPA do Agente (em numerário ou com cartão MB)
- > Pagamento de faturas Electricidade, Água, Gás, Telecomunicações, Etc...
- > Carregamento de telemóveis, Todas as operadoras
- > Pagamento de impostos, IUC, IMI, Finanças
- > Pagamento de SCUTS

Marketing/Publicidade

- > Criação de sites,
- > Flyers, cartões visita, posters, vinil, etc
- > Criação de logótipo e imagem corporativa

Bilheteira on-line

- > Compra de Bilhetes para espectáculos
- > Imobiliária
- > Base de dados com imóveis provenientes da Banca
- > Compra e Venda de Imóveis
- > Aluguer de Imóveis

Projectos de Investimento Portugal 2020

E Muito Mais... Venha Descobrir!!!!

FRANÇA - Sul de França e Lyon

(27 de Agosto de 2019)

Marselha – Nice e Mónaco – Marselha

M. Nadalete da C. Lopes Faria.



Marselha. Retomando o nosso percurso pela Cidade, lembramos alguns lugares, bairros e museus: via *Canebière* (nome provençal associado à indústria de cordame); Porto Velho; *Panier*; *Cours Julien*...

O Porto Velho tornou-se mais familiar por ficar relativamente perto do hotel onde nos hospedámos. Para lá caminhávamos no fim do jantar, agradados pelos cenários de arte moderna que muito nos empolgaram, referimo-nos ao MuCEM, atrás referido, e ao Museu *Villa Méditerranée*. Este, próximo do MuCEM, impõe-se por via da sua estrutura externa a evidenciar a grande pala como que a significar “acolhimento”, ou seja, o Mar visto como “casa” e não como morte. Na esplanada marítima, o arquitecto Stefano Boeri, em 2013, implantou este espaço público, ligado ao mar Mediterrâneo, para que dele se pudesse sair, e entrar sem barreiras, navegar, até; depois criou espaços para entretenimento, festas e comércio, mas, em todos eles, o elemento água como ligação está presente.

Perto do Forte de St-Nicolas, e a sul do Porto Velho, está a Abadia de St-Victor, edificada nos princípios do século IV, para receber os restos mortais deste Santo mártir. Entretanto fora destruída pelos Muçulmanos, e reedificada no século XI. Durante a Revolução Francesa, converteu-se em caserna e prisão. Actualmente no dia da celebração da Purificação de Nossa Senhora (2 de Fevereiro), a sua imagem sai da Basílica em procissão abençoando assim a Cidade e o Mar.

Saindo do Porto Velho rumando para o centro e para este, fomos ao encontro do Museu das Belas Artes, que ocupa o Palácio *Longchamp*. É o Museu mais antigo de Marselha, e guarda tesouros encontrados de pintura e de escultura italiana e provençal, desde o século XVII até aos nossos dias. A pé percorremos a belíssima e monumental escadaria, de granito do século XIX, museu ao ar livre! Surpreendem particularmente as fontes de 1860, construídas em parte para disfarçar a torre, onde terminava um aqueduto, vindo do rio *Durance*. O Palácio, rodeado de árvores e jardins, é um dos poucos espaços verdes do centro da Cidade.

La Cité Radieuse - Cidade Radiosa - é um complexo habitacional conhecido internacionalmente, saído das mãos do famoso arquitecto francês de origem suíça *Le Corbusier* (Charles Édouard Jeanneret-Gris). Concebi-

do entre 1947-1952, revela um novo conceito de vida urbana que une urbanismo, arquitectura e mobiliário num todo indissociável, capaz de facilitar a vida na cidade. Hoje, além dos apartamentos privados, um há hotel, *Le Corbusier*; um restaurante de grande qualidade, *Le Ventre de l'Architecte*; e um terraço lá no cimo. Foi considerado Património Mundial pela UNESCO!

Sensivelmente a 5km do centro da Cidade para sul, quando o autocarro percorria a Avenida do Prado, a imagem destas unidades habitacionais (337 apartamentos) ficou memorizada!

O mesmo se pode dizer da extensa Costa escarpada e muito recortada, o litoral propriamente dito. Na rotunda do Prado, o famoso parque Borély desvendou-se. Deve o seu nome a uma família poderosa de Marselha, que cedeu toda a área ocupada para Campo de Golfe, Hipódromo, Museu de Artes Decorativas, Jardim Botânico e Lago Artificial.

Uma das artérias do Prado, construída na década de setenta, conflui na avenida *Promenade Georges Pompidou*, dando acesso às praias artificiais. Curiosamente uma delas chama-se praia de David por nela estar levantada a réplica da estátua do *David* de Miguel Ângelo, esculpida, em 1903, por Jules Cantini.

Continuando para sul, encontra-se o Parque Nacional *des Calanques* (promontórios), selvagem, conhecido internacionalmente pela qualidade do seu património natural, paisagístico e cultural. A linha dos seus penhascos íngremes é aqui e ali interrompida por pequenas praias paradisíacas, cujo acesso se faz apenas de kayak (canoa).

Finalmente o *Château d'If*! Situado nesta ilha a 3,5km a oeste do Porto Velho, a imponente fortaleza foi imortalizada em 1844 por Alexandre Dumas, quando o herói da novela – *O Conde de Monte Cristo* – teve aqui a sua prisão!

Mas muitos prisioneiros políticos foram nela encarcerados, principalmente em 1871.

Regressámos ao hotel para jantar e descansar.

De manhã, em ânsias, rumámos a **Nice**, quinta cidade do Sul de França com 343000 habitantes (2017). Antiga *Nicaea* começou por ser fundada pelos Fócios a partir de Massília (Marselha). Os Romanos depois aqui também deixaram o seu testemunho nas ruínas de uma

importante cidade, são os vestígios de banhos e de um anfiteatro.

No ano de 1388 começou a prosperar, ao passar para o domínio da Casa de Sabóia; e em 1860 é cedida pela Sardenha à França.

Mas o grande incremento de Nice iniciou-se com o surto de turismo em 1820 que fez desenvolver as indústrias a ele ligadas, aos perfumes (com os saberes dos Egípcios e dos Árabes) e à indústria têxtil, sobretudo.

Do alto das montanhas, e perto da Cidade, três aspectos nos surpreenderam: os Alpes-Marítimos que iam progressivamente perdendo a sua altura até mergulharem no Mar - braços a acolherem a massa de água da grande Baía de Nice; depois, o céu muito azul que Henri Matisse, pintor francês (1869-1954), pôs em tela; e por fim o Mar calmo, igualmente azul - a Côte d'Azur.

Já em Nice sentimo-nos agradados com a marginal - *Promenade des Anglais* (Passeio dos Ingleses) -, nome atribuído à colónia inglesa da Cidade, que a ajudou a construir em 1822. Hoje, uma via rápida com 4km até à Baía dos Anjos, mas a estender-se por mais 4km e com oito faixas de rodagem. Tem via para peões, ciclistas e *skaters* e está ladeada de elegantes lojas, galerias de arte, de praças e de hotéis, como o famoso “Negresco”. Logo que saímos do autocarro o nosso grupo dividiu-se: uns foram tomar banho, outros visitar Nice. Optámos por deambular pela Cidade, apinhada de casas em ruas estreitas e escuras, por via da sua altura e cor castanha acentuada, mas muito elegantes: restaurantes, *boutiques* e bares. Percorremos o *Cours Saleya* com uma praça de mercado cheia de gente. Depois deliciámo-nos com as lojas de comércio: *food market* com produtos frescos, *souvenirs*; a venda de flores, lindas pela cor, variedade e cheiro. Encontrámos a Catedral de *Ste-Réparate*, exuberante conjunto barroco, em honra da patrona da Cidade e uma farmácia do século XVIII.

Com o tempo sempre a correr, não pudemos perscrutar mais e melhor a Cidade, nem entrar em alguns dos seus museus, a saber: Musée Matisse, Musée Chagall, Musée d'Art Moderne et d'Art Contemporain (MAMAC), entre outros.

De novo no autocarro, preparámo-nos para visitar a cidade e principado do **Mónaco**, encravado nos Al-

Continua na pág. seguinte

Espanha: Igreja promete colaboração crítica com PSOE e Unidas Podemos

Costa Guimarães

Os cristãos do PSOE e Unidas Podemos também se podem abraçar, na nova fase da política espanhola e com a tomada de posse do Governo de coligação. Trata-se de uma novidade para a poderosa Igreja Católica, a convivência com o Podemos e seus aliados, uma vez que o diálogo com o PSOE data de décadas atrás.

Bispos espanhóis prometem “colaboração crítica” com o governo PSOE-Podemos e estão confiantes de que a Igreja não será excluída da participação na educação, saúde, serviços sociais e acolhimento de migrantes.

O secretário geral do Episcopado assegura que eles “dormem em paz” perante o Executivo da Coligação.

Em entrevista à agência Europa Press, defendeu que a Igreja acolhe e acolherá “qualquer” governo “legalmente constituído, após os resultados das eleições”. “A Igreja congratula-se com o governo, seja ele qual for”, reitera o bispo auxiliar de Valladolid. Além disso, renovou o compromisso dos prelados espanhóis de “orar pelos governantes”.

Argüello reconhece que até agora, a Conferência episcopal nunca manteve uma relação “institucional” com Pablo Iglésias ou ao nível do partido Unidas Podemos, mas isso não significa que estejam cortados os canais de comunicação entre a Igreja e esta formação política: “a maioria dos bispos espanhóis têm nas suas dioceses contacto com todos os políticos, homens e mulheres de qualquer área do arco parlamentar.

Mais, quando lhe perguntaram se os bispos dormem tranquilos face a este primeiro Governo de coligação, após a República, Argüello responde: “Claramente, porque os bispos, se são bons crentes, dormem tranquilos porque colocam a sua confiança no Senhor do Universo. Quem não te pode dar a confiança total, não ta retira, quem te dá confiança é quem ta pode dar”.

“Valorizamos o acordo PSOE-UP como um compromisso esperançoso e emocionante, focado em responder aos principais desafios da sociedade como um todo”, dizem eles.

Este governo garante emprego decente, protege os serviços públicos e também é “um instrumento necessário para acabar com as várias violências e desigualdades sofridas por mulheres, migrantes e boa parte da nossa sociedade”.

Os cristãos também valorizam o compromisso de entender que essa coligação de esquerdas, a primeira da recente democracia espanhola, “promove a diversidade e solidariedade entre as diferentes comunidades que compõem nosso país e consolidam uma autêntica convivência política”, que, na sua opinião, “favorece a redução da tensão acumulada nos últimos anos e re-

toma o único caminho possível: um caminho sério de diálogo que permita encontrar uma solução política e social adequada”.

Para os líderes políticos, os militantes dessas formações reivindicam “lealdade mútua, esforços conjuntos, corresponsabilidade e estabilidade, conscientes da necessidade de mostrar aos cidadãos a utilidade de uma alternativa de política democrática ao neoliberalismo”.

O texto do acordo, datado de 2 de janeiro, conclui com o desejo de “tornar visível aos milhões de eleitores que se consideram cristãos e os comprometidos com outras sensibilidades espirituais que votaram no PSOE e no Podemos, porque acreditam nas suas propostas políticas e elas implicam o crescimento da fraternidade social e fomentam a solidariedade com o vizinho mais carente, com o objetivo de construir um país que é a referência em direitos humanos, com cuidado e respeito pela vida.”

O Executivo não prevê denunciar acordos entre Igreja e Estado, nem violará a educação concertada, mas controlará as contribuições dos pais.

O PSOE e a Unidas Podemos apresentaram no Congresso dos Deputados o documento “Coligação Progressista: um novo acordo para a Espanha”, no qual explicam o programa que começará a ser aplicado nos próximos meses.

Assim, o parágrafo que refere a Igreja Católica propõe abordar “as modificações legislativas apropriadas para facilitar a recuperação de bens registados indevidamente pela Igreja, com base no privilégio de registar propriedades no Registo de Propriedades a partir de simples declarações de seus próprios membros”.

Não há referência no texto à denúncia dos acordos Igreja-Estado, que sempre estiveram entre as petições da formação púrpura e que os socialistas incluíram no último minuto o programa eleitoral das últimas eleições gerais. Em troca, é anunciada a aprovação de “uma Lei sobre Liberdade de Consciência que garanta a secularidade do Estado e sua neutralidade contra todas as denominações religiosas”. Este é um ponto em que os socialistas trabalham há anos, conforme explicado pela New Life.

Também não há nenhuma referência ao fim do atual sistema de acordos em questões educacionais ou ao princípio da “demanda social” dos pais na escolha de uma escola, assunto que ficou na vanguarda das informações após as declarações controversas da Ministra interina da Educação, Isabel Celaá, no Congresso das Escolas Católicas em novembro passado.

No documento do programa, PSOE e Podemos, ga-



rantem: “promoveremos a co-educação em todo o sistema educacional”, mas esclarece dois outros aspectos. Por um lado, alertam que avaliarão todos os centros privados e exigem que informem “estudantes e famílias que as contribuições são voluntárias e nunca condicionam a prestação do serviço educacional”. Por outro lado, alertam que “segregação educacional devido ao sexo em centros apoiados por fundos públicos” será evitada.

Também é declarado no texto que “a disciplina de religião será voluntária para os estudantes, sem que haja uma disciplina alternativa ou a nota seja computável para fins académicos”.

Na educação, e de acordo com as leis regionais que já estão em andamento, é incluída uma proposta que pode impactar a liberdade da ideologia: “a educação afetivo-sexual será aprimorada, de acordo com uma abordagem de direitos, igualdade e liberdade”, afirma o texto.

Mas estes não são os únicos problemas que, de uma maneira ou de outra, têm implicações para a comunidade cristã. Entre as principais medidas que os dois parceiros anunciam há muito tempo, está a criação de “uma lei de direitos e garantias da dignidade da pessoa antes do processo final da sua vida, bem como a lei orgânica de regulação da eutanásia e sua inclusão nos serviços do Sistema Nacional de Saúde”.

Nos outros temas mais relacionados com a Doutrina Social da Igreja, o governo apresenta-se como um campeão na luta contra a mudança climática, o tráfico de pessoas, toma medidas contra barrigas de aluguer e garante que aplicará “uma política de imigração justa e solidária” que inclui “a implementação do Pacto Global para Migração (Acordos de Marraquexe) e o Pacto Global da ONU sobre Refugiados”.

Sobre a pobreza infantil, apenas uma referência é feita para promover “alimentação e material escolar” sem um plano estrutural para resolver esse problema, embora seja anunciada uma “proteção 100% das famílias vulneráveis em situações de pobreza energética”.

Continuação da pág. anterior

pes Marítimos e porto do Mar Mediterrâneo. Pequeno estado - 200 hectares (mais pequeno, só o Vaticano) -, rodeado por território francês, com 37800 habitantes. A entrada é controlada por *checkpoint*. A língua oficial é o Francês!

Há a considerar três zonas urbanas com funções distintas: Velha Mônaco (O Rochedo) é o centro político e administrativo, implantado num promontório, no lado sul do porto. A Velha Cidade está resguardada dos arranha-céus, e nela se encontram a sede do governo - Hôtel de Ville -, palácio da família Grimaldi, Museu das Recordações Napoleónicas, Museu Oceanográfico, Catedral, e Jardim Exótico.

La Condamine, zona comercial e residencial, é uma faixa estreita de terra, que contorna a praia. A economia é baseada fundamentalmente no turismo, tendo menor relevo as indústrias alimentares, por exemplo. O seu porto, semelhante a um quadrado, abre um dos seus lados na baía, e abriga também iates de luxo. Além disso, todos conhecemos o Grande Prémio de Fórmula

1, que lá se realiza anualmente em Maio desde 1929, e o seu significado do ponto de vista económico. Abundam hotéis e arranha-céus luxuosos, os quais sobem colina acima, como filas de dominós, e dominam! É um espaço o custo do metro quadrado: 250 mil euros, assim nos foi dito! Mas se tivermos em conta que se trata de um paraíso fiscal atraente, entendemos melhor a “exígua” quantia!

Monte Carlo, na vertente de uma colina oposta à Velha Mônaco, fica a norte do porto. Aqui se encontra o Casino e vivendas de luxo! É o centro turístico cosmopolita.

O Mônaco começou por ser uma colónia dos Fenícios. No século I foi ocupado pelos Romanos. Chamaram-lhe *Portus Herculis Monocci*. Atravessou um período difícil até 1191, ao ser devastado várias vezes por Sarracenos. A partir dessa altura foi dado aos Genoveses pelo imperador Henrique VI. Mas foi reclamado pelos Grimaldi, poderosa família de Génova, que ali se fixara em 1297, arguindo que lhe fora atribuído por Otão, o Grande. Nessa altura em lutas a reclamar o poder, e

cobiçado pela Provença e pela França, viu finalmente, em 1512, reconhecida a sua autonomia por este país.

Entretanto a linha masculina dos Grimaldi extinguiu-se em 1731, mas o conde Goyon-Matignon, ao casar com a filha herdeira da Casa, adoptou o nome Grimaldi, garantindo a sucessão. Houve novo problema de sucessão que foi ultrapassado, quando Carlota filha natural de Luís XII casou com o conde Polignac, que se tornou Grimaldi. Deste casal nasceu Rainier III, proclamado príncipe em 1962, que veio a casar com a atriz Grace Kelly, a qual morreu numa das ravinas do Mônaco, em 1982. Em 2005 o filho Alberto assumiu o Principado, quando o pai faleceu aos 81 anos.

No caso de extinção dinástica, o principado do Mônaco será anexado à França, por acordo assinado com este país.

Regressámos ao autocarro rumo a Marselha com os olhos colados no Mediterrâneo, tão azul e tão calmo! Mas também com os olhos tão tristes, tão manchados de naufrágios...!

Licenciamento obrigatório para modernizar? A ‘industrialização’ das pequenas produções

João Martinho

Herdei do meu pai, nos anos 80, uma exploração agrícola com cerca de dois hectares, em Melgaço. Produzia-se tudo o que era necessário para viver.

Entre os produtos produzidos, o vinho era o que tinha mais importância económica. Produziam-se cerca de vinte e cinco pipas/ano: 12.500 litros. A adega funcionava num anexo, a dois metros da casa, na cave e R/C da Casa de habitação.

Para continuar a poder vender legalmente essa produção, tive de criar uma marca e rotular as garrafas. Recorri à Comissão de Viticultura e ao IVV – Instituto da Vinha e do Vinho e informaram-me que tinha de me colectar como vitivinicultor engarrafador (CAE 1.1021), mas como não tinha licenciamento industrial não podia produzir vinho espumante.

Fiz uma remodelação da adega na parte do anexo, modernizei – gastei umas boas dezenas de milhares de euros – e agora, há cerca de cinco, seis anos comecei a dizer-se que não se pode produzir vinho na cave e outras divisões das habitações – baseado numa Lei, salvo erro, do Governo de José Sócrates – quando 95% das adegas no Minho eram na cave ou rés-do-chão das casas. Como eu tinha a adega num anexo com mais de oitenta anos, criei um artigo urbano para ele.

Houve um certo movimento contra a referida Lei e em 2013, no Governo de Passos Coelho, há uma modificação e, até 2500 litros, poder-se-ia manter a adega no rés-do-chão da casa dos produtores, a fazer fé nas declarações do deputado Eduardo Teixeira, do PSD, que segundo notícia da Agência Lusa, dizia que através deste novo diploma, as adegas típicas, que funcionam no rés-do-chão das habitações e que apresentem uma produção anual até 2500 litros de vinho (cinco pipas) poderão manter-se “praticamente sem necessidade de licenciamento”, explicou o deputado.

Estas adegas passariam a ser consideradas, enquadradas neste novo regime, como destinadas a “auto-consumo ou pequenas vendas”.

“Acima desse valor, podem continuar a funcionar no rés-do-chão, necessitando apenas de um licenciamento municipal, acrescentando a natureza empresarial à de habitação”, disse ainda o deputado social-democrata.

No entanto, a Câmara Municipal de Melgaço tem outra opinião: “Com o novo regime, todas as adegas passam a ser obrigadas a licenciar-se”.

“Visto que a CAE 11021 (Produção de vinhos comuns e licorosos) não se encontra listada na secção 2 do Anexo I do REAI, não poderá ser considerada actividade produtiva local, pelo que não pode beneficiar do regime previsto no número 2 do artigo 41º, ou seja, não pode ser instalada em prédio urbano cujo alvará permita habitação.

Por outro lado, já aparece listada na Secção 3 do mesmo anexo, pelo que pode ser enquadrada como actividade produtiva similar. Não obstante, não pode ser instalada em fracção autónoma de prédio urbano. Por outro lado, a produção de vinhos espumantes não pode ser enquadrada nem como actividade produtiva local nem como actividade produtiva similar, pelo que apenas é instalável em edifício destinado à indústria.

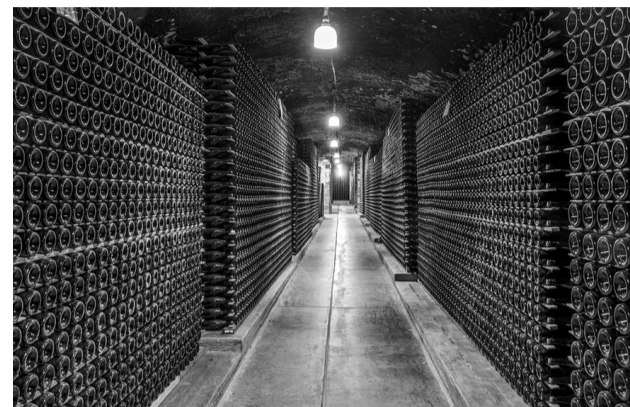
Por outras palavras, as adegas não se podem instalar no R/C das habitações.”

Assim:

Para poder continuar a produzir e vender vinho, tenho, de deixar de ser vitivinicultor engarrafador e passar a ser industrial e de regularizar a minha situação, o que implica ter de fazer casas de banho e vestiários para homens e as mesmas condições para mulheres – curioso numa altura em que cada pessoa pode escolher o género que entender – quando ainda há poucos anos algumas pequenas indústrias só tinham uma casa de banho.

Dada a dimensão da empresa, não tenho funcionários, não dá para sustentar. No início, na época do meu pai, a adega funcionava na cave da casa, agora, desde 1980, funciona a dois metros da casa rural, uma casa de arrumos adaptada a adega. Na casa rural há quatro casas de banho, destinadas a visitas, trabalhadores eventuais e utentes da casa.

Acresce que para ter uma adega a funcionar é preciso: Ter água. No meu caso, fui eu que a explorei e gastei milhares de euros; ter local para a água resultante da actividade (lavagem das cubas e de outros materiais da



adega) ser lançada. Comprei o terreno e depois de decantada é aí lançada.

As borras da decantação dos mostos são filtradas e o mosto obtido é aproveitado para fermentação. As borras da fermentação são lançadas em alguns locais, para funcionarem como herbicida. Utilizo a água da minha de nascente para controlar a temperatura da fermentação. Agora querem (não sei bem o que querem...) que as borras e a água da lavagem sejam transportadas para uma central de tratamento. A pegada carbónica, neste caso, não interessa.

Resumindo: Para poder ter a adega em funcionamento gastei quantia avultada na captação e transporte da água, gastei para ter escoamento dos resíduos agrícolas, e agora tenho que pagar para transportar os produtos residuais da adega, alguns dos quais com interesse para a minha exploração, para outro local.

São estas as medidas para a manutenção do meio ambiente? Os 12.500/15.000 litros por ano são produzidos há cerca de 85 anos. Pode vir alguém verificar se o meio ambiente foi prejudicado?

São estas medidas amigas do interior? Que incentivam o empreendedorismo? Será que o empresário para ter sucesso terá de ter muitos trabalhadores? O trabalhador agrícola não pode ser empresário? Teremos de ter a indústria toda concentrada numa zona?

Continuam a brincar com as pessoas que vivem na zona rural.

CIM Alto Minho lidera projecto de cooperação europeu de melhoria da qualidade da água dos rios

João Martinho

A Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) promoveu no dia 27 de Janeiro, em Ponte de Lima, uma reunião com o grupo de *stakeholders* locais do projecto “BIGDATA 4RIVERS - Melhorar a qualidade da água dos rios europeus através de políticas inteligentes de gestão da água”, no intuito de envolvê-los neste projecto que visa a adopção de medidas inteligentes de gestão de água.

Co-financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), no âmbito do programa de cooperação inter-regional Interreg Europa, o BIGDATA 4RIVERS tem como objectivo a troca de experiências e boas práticas entre parceiros no campo da eficiência dos sistemas de gestão da água.

Liderado pela CIM Alto Minho, inclui outros parceiros europeus como a Associação Ibérica de Municípios

Ribeirinhos do Rio Douro (Espanha); o Fundo de Desenvolvimento Regional em Nome da Região da Ática (Grécia); a União Nacional de Empresários Romenos (Roménia); o Conselho Administrativo do Condado de Östergötland (Suécia); o DREAM - Cluster de competitividade em Água e Meio Ambiente (França); e a Universidade de Tecnologia Kaunas (Lituânia).

Desde a sua aprovação, em finais de Junho de 2019, foi já dado início à primeira fase, que incide no intercâmbio de experiências e na formulação de políticas, culminando com a apresentação de uma proposta de plano de acção, que poderá vir a ser posteriormente apoiado numa segunda fase, em 2022-2023.

A primeira reunião de trabalho do projecto decorreu nos dias 29 e 30 de Julho de 2019, em Viana do Castelo. Em 2020 realizaram-se a segunda reunião e



a primeira visita de estudo a Atenas, estando previstas ainda neste ano mais reuniões e visitas de trabalho, assim como um seminário inter-regional em Portugal.

Memórias XXVI

Memórias de um ex-Presidente de Câmara O Meu Reino por um Aplauso...

Alberto Pereira de Castro

1. Não há ainda muito tempo, escrevi alguma coisa sobre isto; precisamente a propósito das eleições municipais.

Cuida muita gente que é coisa fácil, e vai daí candidata-se a presidente de Município com a leviandade de pensar serem “favas contadas”. Talvez pela falta de concorrentes (dizem eles) não credíveis. Nada, com efeito, mais enganador, pois o exercício de um tal cargo, diga-se desde já, exige sacrifício, espírito de missão, doação total e sem limites. Os valores que estão em causa, além dos económicos e sociais, são também éticos e devem pautar as condutas dos eleitos. Como requisitos principais, está o conhecimento do território e das suas populações, os seus anseios e as suas legítimas expectativas. Candidatar-se a presidente de uma Câmara num território que não se conhece é, pois, dar um enorme salto no escuro, enganador, muitas vezes de consequências imprevisíveis. Outra, muito diferente, mas não menos importante, é conhecer o meio político em que se move com seus enormes e misteriosos labirintos. E sabermos o contributo que podemos dar *para alterar a situação*. Foi este o conceito que me levou em 1993 a candidatar-me a Presidente da Câmara de Valença, facto que agora, passados cerca de 25 anos, e neste raiar de um novo ano, pretendo recordar.

2. A formulação de uma candidatura é um processo especial que é preciso ter em linha de conta; ou seja, como se surge candidato, apoiado por quem e quais os caminhos a seguir. E nisto os processos são muito distintos, isto é, pode candidatar-se o presidente local do Partido, ou um elemento de preponderância local que faça, pela sua qualidade, a diferença entre vários possíveis candidatos, ou o oportunista que pelos seus métodos, mais ou menos especiosos, se imponha à consideração dos demais... Mas é também importante impor a sua Candidatura a nível Distrital e Nacional. Ora no meu caso, saído de uma Corporação militar, sem filiação partidária, que podia recomendar tal candidatura? E aqui está o principal aspecto de um “segredo”, nunca até agora suficientemente conhecido do vulgo em geral, e que, me parece útil desvendar, até por haver certos indivíduos que, na impossibilidade de um entendimento mais directo, continuam a laborar em erro, tomando por imperdoável oportunismo o que não passa de um conceito que ultrapassa os acanhados limites do mundo político em que se movimentam. É preciso tomar em consideração o contexto em que tudo de passou.

A Câmara de Valença acabava de ver condenado a dois anos e meio de prisão o seu Presidente de Câmara e corria o risco de perder a Autarquia. Era, pois, necessário, conseguir alguém com suficiente credibilidade para assumir a candidatura. A minha eventual disponibilidade era algo que lhes caía do céu. Alguém fora da habitual esfera política e com as mãos limpas. E por isso quando, após as eleições, reunimos os presidentes de Câmara eleitos com Cavaco Silva, este, ao declinar-lhe a minha identidade de Presidente da Câmara de Valença sorriu dizendo: “foi uma bela vitória!”

3. De facto, desde cerca de vinte anos antes, aí por 1978, eu vinha sendo assediado por determinado elemento da vida política local para aceitar candidatar-me a presidente da Câmara de Valença, (soube depois que se tratava de uma segunda escolha) penso que dado o meu trabalho em prol da Comunidade, sobretudo através da Delegação de Valença da Liga dos Combatentes (que tornei, em poucos anos, uma das mais importantes do País) e pela actividade sócio - cultural exercida através desta e de outras Instituições. O conhecimento do concelho e o suposto prestígio junto das populações recomendavam, naturalmente, uma tal indicação que, no entanto, recusei com a observação óbvia de que era,

sobretudo, elemento de uma força policial de que teria que sair para uma tal “aventura”... Mas tendo, muitos anos mais tarde, passado, à situação de Reserva, tal óbice deixava de ter significado. Só que, nesta altura, (avizinhandos-se novas eleições autárquicas) o mesmo indivíduo que tão insistentemente me convidara, e já se me a influência partidária de outros tempos, (estava fora da esfera política) promoveu uma reunião em certo restaurante supostamente para apresentar a minha candidatura, mas que, na realidade, era a sua própria candidatura, pois, munido de um caderno, começou por dizer que o Presidente fora ele que o pusera lá e queria ser ele a tirá-lo. Esta era a base de toda a sua estratégia, o que, convenhamos, como programa eleitoral, era muito pouco. Demais, todo o comportamento era o de um candidato a presidente de Câmara... Com efeito, no dia seguinte, numa reunião com outro elemento preponderante, dizia-me que por imposição de umas pessoas cujos nomes não referiu, (nem era preciso...) estas tinham dito que achavam muito bem que eu fizesse parte do grupo, mas não como candidato a Presidente... Dinheiro, acrescentava, havia como m... (Eu sabia por quê. Mas este é um assunto que acho prudente não tratar aqui, pois trata-se de situações com que nos vimos confrontados, que tratamos com o maior cuidado, bom senso e sentido de responsabilidade e que devemos, em princípio, guardar para nós. Digo apenas que não sou, felizmente! aquele género de pessoa em cuja secretária possa deixar -se “esquecido” um envelope com dinheiro... De facto, há momentos na vida em que, em face de certas circunstâncias, é necessário ponderar muito bem as situações: cumprindo um dever, pode provocar-se uma “revolução” com sucessão de factos em cadeia que dificilmente podem controlar-se. Se perante uma eventual tentativa de suborno, tomasse a atitude limite aconselhável, seguramente a minha vida não seria a mesma. Escuso-me a explicar por quê. A decisão tem de ser tomada em fracções de segundo e eu evitara o mal maior. Não tardei, porém, a arrepende-me. O povo diz - e com razão - que quem os seus inimigos poupa às mãos lhe morre. E ali estava um flagrante exemplo. Portanto, eu não era, agora, pessoa que conviesse... Apesar disso, mantive-me no meu lugar e colaborei sinceramente com os meus ditos companheiros contribuindo para arranjar alguns colaboradores... até que, inesperadamente, e através de um compadre meu de Esposende, me chega um convite do Doutor Marques Mendes que, por essa altura, fazia a sua época de veraneio naquela concorrida praia nortenha, para, juntamente com o Presidente da Câmara, Dr. Mário Pedra, nos encontrarmos em Vila Nova de Famalicão, onde aquele compareceu acompanhado do deputado António Martins, Secretário - Geral do Partido Social Democrata, e de Roleira Marinho, então Governador Civil do Distrito. A ideia era eu candidatar-me a presidente da Câmara de Valença, o que, em princípio, se me afigurou uma traição ao meu anterior compromisso, que geri o melhor que pude, não dando qualquer resposta definitiva. Também não me merecia confiança o pronto assentimento do Dr. Mário Pedra, para mais Presidente também da Comissão Política de Valença do Partido Social Democrata, que (visivelmente) se sentia pressionado e que em situação normal eu era a última coisa que ele desejava para o desempenho de tal cargo. Só no dia seguinte, pesados os prós e os contras, autorizei aquele meu compadre a transmitir ao Doutor Marques Mendes a minha decisão afirmativa...

4. Ora é aqui que se cruzam interesses diversos: por um lado, o suposto dono de um “jornal” que, em certa altura, dominava, por compadrio com interposta pessoa, a vida camarária, e via, agora, a oportunidade de voltar a

dominar, bastando, para tanto, que o seu protegido fosse escolhido, o que não aconteceu; por outro, uma certa empresa de construção que havia anos assentara os seus arraiais em Valença e que pretendia continuar a preponderar arrematando todas as grandes obras postas a concurso. Um dos elementos desta Firma preponderava, de resto, no Partido (que devia apoiar financeiramente) onde costumava debitar as suas considerações. Eu sou, tanto para um como para outro, um intruso. E é neste “caldo de víboras” que tenho de movimentar-me perseguindo um objectivo bem definido: valorizar o concelho, melhorar o bem-estar das suas populações, promover a coesão social destas, privilegiar a administração e a cultura, quer a nível local, quer transfronteiriço, indiferente aos ataques mais soezes e mais vis que imaginar se possa e que chegaram a configurar o crime de assassinio de carácter. Por outras palavras: eu fui presidente de Câmara para servir e não para me servir nem ser servido, para cumprir uma Missão, finalidade de que nem por um segundo me desviei e à qual dediquei toda a minha inteira disponibilidade. Evidentemente, não vou seriar aqui todas as obras e iniciativas levadas a cabo, que, de resto, constam de artigos e fotografias do Boletim Municipal, e foram referidas, de modo sucinto no meu discurso de despedida. Mas, a título de exemplo: limpeza e iluminação da fortaleza, reconstituição e divulgação em Encontros, Feiras e Certames, do Caminho Português a S. Tiago, grandes iniciativas de natureza cultural como Feira Medieval com jantar e Torneio, a que assistiram mais de 8000 pessoas, exibição da Banda de Música da GNR, Ballet Rei de Viana, Encontro de Coros, Visitas Guiadas à Fortaleza, Edição de várias obras de carácter monográfico, formação da Casa da Cultura com passagem da Biblioteca para local mais acessível aos estudantes, e outras iniciativas, apoio às actividades sócio - desportivas (incluindo o arrelvamento do Campo e iluminação do Valenciano) instalação do Arquivo Municipal (o segundo no Alto Minho depois de Viana do Castelo), aquisição do edifício da Fronteira e remodelação do edifício da antiga Escola Primária e sua adaptação a Serviços Técnicos Camarários, montagem da Cantina, instalação de uma bomba de gasolina própria, construção de diversos equipamentos como edifícios da Junta, (Ganfei, Arão e S. Pedro da Torre), infantários, Cantina, habitação social em S. Pedro da Torre e Cerdal, Valença (a custos controlados) e Friestas, Feiras de Mostras Expo - Valença, Concessão de Bolsas a Estudantes do Concelho necessitados, abertura de caminhos vicinais e estruturantes, etc. etc. Acima de tudo, foi feita uma cultura da Organização criando infra-estruturas para o futuro que ainda hoje funcionam. Direi apenas que no final, pude dar público testemunho das minhas mãos limpas (tal como quando assumi o cargo) e da minha coluna vertebral direita, desejando que quem então me substituíria pudesse um dia dizer a mesma coisa... Terminei o meu discurso com as seguintes palavras: “Aprendi que na política se deve estar com humildade e sair com desprendimento. (...) Bem hajam quantos, apoiando-me, ou combatendo-me, ou mesmo traindo-me, me ajudaram a sair desta maneira, porque cada um a seu modo, e por diferente motivo, contribuiu para que nas horas difíceis tivesse a coragem suficiente para não desistir, antes bater-me pelos meus ideais de serviço, de coerência e de dignidade, sendo, enfim, fiel ao lema que guiou o meu programa eleitoral de 1993: depois de Deus e da Família, Valença - chão sagrado da minha Pátria - está acima de tudo. Bem hajam V.sas Excias pela paciência de terem-me escutado. A todos desejo um Novo Ano repleto de felicidade”. Dito isto, fui aplaudido de pé, demoradamente, por toda a Assembleia. E esta é, na realidade, a minha verdadeira coroa de glória...

Origem da capela de Barata – S. Paio

José Marques*

O conhecimento dos oragos ou padroeiros das igrejas paroquiais de uma diocese e das ermidas ou capelas dispersas no respectivo território constituirá um suporte indispensável para se poder ter uma ideia fundamentada e mais aproximada da história da mentalidade religiosa das suas populações. Nesse sentido, em relação às capelas, será do maior interesse religioso e cultural esclarecer, entre outros aspectos: quando foram construídas, quem as mandou fazer, as circunstâncias determinantes das decisões da erecção de cada uma, as obrigações impostas pelos fundadores aos futuros administradores, etc^a.

O que se afirma para uma região com a dimensão de uma diocese, tem plena aplicação ao nível das paróquias, quando se pretende proceder a uma análise mais pormenorizada. Situando-nos no âmbito do nosso arcebispo e concelho de Melgaço, além daquelas capelas a que já prestámos alguma atenção, nas páginas deste jornal, há ainda muitas outras que aguardam a atenção dos investigadores.

Continuando a dar o nosso contributo, aqui deixamos os dados que nos foi possível reunir acerca da origem da capela, vulgarmente, dita de S. Bento de Barata, mas que o seu fundador dedicou a Nossa Senhora da Esperança. Introduzida esta primeira nota, que poderá constituir surpresa para os vizinhos desta capela e para os devotos de S. Bento, que aí se deslocam frequentemente, esclarecemos que a afirmação decorre do conteúdo do registo do seu processo de licenciamento, promovido pelo seu fundador, transcrito no Livro 84, fls. 81-83, do *Registo Geral* da Cúria Arquidiocesana de Braga, então designada *Corte*. Dada a sua importância, publica-se, como apêndice, pelo que nos limitaremos a sintetizar os elementos mais importantes para a informação apresentada aos leitores, recordando, entretanto, que o processo de licenciamento respeitou as condições estabelecidas no *Concílio III^o Bracarense*, convocado pelo arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires – desde 10 de Novembro de 2019, oficialmente, venerado como Santo –, e reunido em 1566. Conforme o que aí foi determinado, a licença para se benzer qualquer lugar do culto, novo ou profundamente restaurado, só seria concedida depois de se ter verificado que estavam satisfeitas todas as condições estabelecidas no mencionado Concílio Bracarense.

Pelo teor do processo acima referido, transcrito no *Registo Geral* da antiga Cúria Arquidiocesana, ficamos a saber que o fundador desta capela foi o Padre João Lourenço e que a mesma já estava construída, quando, em 11 de Março de 1651, fez a escritura do dote a favor da mesma, expressamente destinado à sua conservação e do que fosse necessário adquirir para se poder celebrar missa e outros actos do culto divino, nesta ermida, dedicada à «**Virgem Senhora Nossa da Esperança**», situada junto a Barata, pegada à «estrada que vay da igreja de São Payo pera a Villa de Melgaço». A escritura foi feita na casa do dotador, Padre João Lourenço, situada no lugar da Ponte de Alote, pelo notário Francisco Soares de Brito, que para o efeito aí se deslocou. O património então constituído para esta capela constava de uma «vinha nova chamada *Das Fernandes*», com a extensão de «sete cavaduras de vinha pouco mais ou menos», cerrada e fechada sobre si, confinando, do lado nascente, com o caminho «que vem dos Barreiros para o Outeiro, e do poente com vinha de Lourenço da Gaia pai do dotador». Além desta propriedade, que era a parte mais significativa do dote, acrescentou-lhe um «pedaço de soute que está por baixo da dita vinha que levará de sementeira dois alqueires pouco mais ou menos que parte do nascente com soute de João de Fontes, e do poente com caminho que vem dos Barreiros para o Regueiro».

Na escritura que estamos a seguir, o fundador, Padre João Lourenço, fixou as normas a observar na sucessão dos familiares que viriam a ser administradores desta capela, em que ele tanto se empenhou, e dotou-a tam-



Fig. 1 – Início do registo do processo de licenciamento.

bém com: cálice, missal, paramentos e outros objectos indispensáveis para as funções litúrgicas, que aí teriam lugar, pois sabia que a vistoria por que passaria, antes da concessão da desejada licença, prestaria atenção ao estado do edifício e existência e qualidade destes bens móveis.

Entre as obrigações impostas aos futuros administradores, avulta a de mandarem celebrar cada ano seis missas por ele, nos dias dedicados a Nossa Senhora, seguindo a ordem litúrgica anual: Purificação, Anunciação, Assunção, Nascimento, Conceição e **Esperança**, isto é, *Expectação* ou *Senhora do Ó*, em 18 de Dezembro, oito dias antes do Natal.

Este processo de licenciamento percorreu os diversos departamentos da Cúria Arquiepiscopal – *sede vacante* –, em Braga e na Câmara e Administração de Valença, tendo sido incumbido de proceder à indispensável vistoria o pároco de Rouças, Pe. João Lopes Vilarinho, que deu parecer favorável à concessão da necessária licença, tendo o processo sido encerrado, em 9 de Julho de 1651, com a transcrição e o registo que nos proporcionou estas preciosas informações.

Mas, quem era o Pe. João Lourenço?

O caminho normal para obtermos uma resposta segura a esta e outras interrogações, que se poderiam formular, seria consultar a sua *inquirição de genere*, a que se procedeu, quando se candidatou à recepção de ordens sacras, como exigia a legislação canónica. Durante essa minuciosa indagação sobre a personalidade deste candidato – tal como acontecia com todos –, por exigência da Inquisição, que a legislação eclesiástica incorporou, procurava-se saber também se, entre os pais ou outros ascendentes, haveria alguém *judeu, mouro, mourisco* ou *de qualquer outra infecta nação*, pelo que a investigação deveria remontar a três ou quatro gerações, como já tivemos oportunidade de demonstrar noutros casos.

Como ficou insinuado, o Pe. João Lourenço, a que ficamos a dever esta capela, inicialmente dedicada a Nossa Senhora da Esperança, era natural de S. Paio, filho legítimo de Lourenço da Gaia e de sua mulher, Maria Rodrigues, moradores na sua Quinta de Alote, mas o projecto de conhecermos os seus ascendentes foi gorado, dada a falta, no Arquivo Distrital de Braga (ADB), de um conjunto de processos de *inquirições de genere*, entre os quais se incluía o de João Lourenço.

A menção dos nomes dos pais encontrámo-la na escritura de constituição do património eclesiástico, que eles lhe fizeram, quando, ainda estudante, se candidatava à recepção de ordens sacras. Com esse intuito, em 9 de Fevereiro de 1636, os pais deslocaram-se à casa do tabelião Gonçalo Rodrigues de Araújo, na vila de Melgaço, onde lhe outorgaram diversos bens destinados ao citado património, dispersos pela freguesia de S. Paio, que nos dispensamos de referir exhaustivamente, bastando afirmar que o primeiro aí referido foi a vinha, chamada das **Devandoiras**, como consta do ADB, *Património* 12.233.



Fig. 2 – Capela da Senhora da Esperança / S. Bento – de Barata.

Aproveu-nos revelar as circunstâncias da fundação desta capela, que sempre ouvimos chamar **de S. Bento** e, só há pouco, descobrimos ter surgido como fruto da intensa devoção mariana do Pe. João Lourenço, por ele dedicada a Nossa Senhora da *Esperança*, que bem identificava como Senhora da *Expectação* ou Senhora do *Ó*, de *ante Natal*. Gostaríamos de saber quando se procedeu à mudança do titular desta capela e em que circunstâncias a mesma ocorreu. Se alguém nos puder esclarecer, bem como ao público em geral, desde já a nossa gratidão.

Apêndice documental

Processo de licenciamento da capela de Barata

(ADB/UM, *Registo Geral*, Livro 34, fls. 81-83)

(Fl. 81) «Titulo da hermita de Nossa Senhora da Esperança sita na freguesia de S. Payo de Melgaço da Comarca de Valença.

Saybam quantos este instromento de doação e obrigação ou como em Direito mais valha e haja lugar que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e seiscentos sincoenta e hum annos aos vinte e hum dias do mez de Março do dito anno no lugar da Ponte d' Alote que he na freguesia de São Payo do termo da Villa de Melgaço e cazas da morada do Reverendo Pe. João Lourenço ahii onde eu Francisco Soares Britto tabalião cheguei, ahii perante mim tabalião e das testemunhas ao diante escritas pareceo prezente e outorgante o Reverendo Pe. João Lourenço pessoa por mim tabalião reconhecida e por elle foi dito que elle com a ajuda de Deos Nosso Senhor tinha determinado e assentado de fazer como de feito tinha feito h-ua hermita junto a Barata pegado da estrada que vay da igreja de São Payo pera a Villa de Melgaço do orago e invocação da Virgem Senhora Nossa da Esperança; e pera a fabrica e repario e ornamentos e missas e culto divino pera nella se celebrar, e mais cousas necessarias a queria dotar como de feito logo dotou de hoje pera todo sempre jamais a dita hermita e capella as pessoas e propriedades seguintes, a saber: a sua vinha nova chamada *Das Fernandes*, sita na dita freguesia de S. Payo assy como está serrada e cercada sobre si, que serão sete cavaduras de vinha pouco mais ou menos, que parte do nascente que vem dos Barreiros para o Outeiro, e do poente com vinha de Lourenço da Gaia pai d'elle dotador e das mais partes com quem directamente deve partir que he dizimo a Deos, e assi mais lhe dottava hum pedasso de soute que está por baixo da dita vinha que levará de sementeira dois alqueires pouco mais ou menos que parte do nascente com soute de João de Fontes, e do poente com caminho que vem dos Barreiros para o Regueiro e das mais partes com quem direito partir deva que he dizimo a Deos as quais propriedades dottava e avia por dotadas de hoje pera todo sempre jamais a dita capella pera a fabrica e ornamentos della e era contente de em tempo algum não fazer das ditas propriedades cousa alg-ua

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

elle nem seus herdeiros e sucessores porque sempre estarião obrigados a dita capella contanto que o Senhor Arcebispo ou seus Governadores e Comissários sejam contentes que na dita (fl. 81 v.) capella e hermidia se possam dizer missas e fazer officios divinos como se costuma em semelhantes capellas e hermidas, e que deixaria nomeado por sua morte administrador da dita capella, e não nomeando ficaria por administrador della seu irmão ou irmã que a esse tempo se achar ser mais velho contanto que o nomeado não caze com pessoa de nação digo com pessoa que tenha rassa de mouro nem judeu, nem de outra mor septa e fazendo o contrario perderá o direito todo da dita capella e dos bens a ella impostos, e sucederá nelle o parente mais chegado, ainda que seja clérigo, e o que suceder na dita capella por nomeação ou sucessão em nos bens a ella dotados que sempre serão os assim nomeados à dita vinha e souto andarã sempre no parente mais chegado, os quais bens aqui obrigados não poderão ser vendidos alheados, nem troquados, nem descambados, nem apenhados, nem sobte eles feito algum contrato de penhora, nem venda nem os frutos della, e fazendosse o contrario tudo fique nullo, e de nenhum valor, e va correndo pelo herdeiro mais chegado e na forma sobredita com tal condição que o que suceder na dita capella será obrigado a mandar dizer seis missas em cada anno resadas em seis dias de Nossa Senhora, que são os seguintes: na Purificação, Anunciação, Assunção, o Nascimento, Conceição, e Esperança, e isto pera sempre em cada hum anno emquanto o mundo durar pela alma delle instituidor cada qual com seu responso no fim della e que as ditas missas poderão mandar dizer os sucessores pelo clérigo que lhes parecer; e que pedia ao Reverendo Abade ou parochio da dita freguesia que então for tome conta das ditas missas pera que se cumpra com ellas na forma sobredita e nos dias limitados, e quando achar se não cumpre com ellas dê conta ao Prelado pera no cazo proceder como lhe parecer justiça. E outrossi o que suceder na dita capella terá obrigação de a administrar e reparar a dita capella e fabricar de todo o necessário com calix vestimenta e mais ornamentos necessarios tanto que se acabe o que elle dotador deixou como he calix de prata, e vestimenta, missal, e mais necessario pera nella se poder dizer missa e assi o disse, e que pera isso se obrigava com sua pessoa e bens moveis e de raiz avidos e por aver, em especial o terço de sua alma que pera isso i+otecava, e eu tabalião como pessoa publica estipulante e aceitante em nome dos presentes e futuros e da dita Capella aceitei esta es ritura tanto quanto em Direito podia (fl. 82) fazer e assi o disse e outorgou e de tudo mandou a mim tabaliam fazer este instrumento nesta notta que floi feito e outorgado dia mez e anno lugar sobredito estando ao tudo presentes por testemunhas Pedro de Freytas e seu filho Miguel de Freytas e Francisco Gonçalves filho de Gonçallo Matheus todos da freguesia de S. Payo, e Pedro de Sousa de Castro que todos assina-

ram, e declarou mais elle dotador que no que toquava aos sucessores desta capella sempre se prefereria o macho a femea e no que toquava a nomeação della se entendia somente a elle instituydor, e que ainda que a deixe nomeada em femea por testamento à hora de sua morte a dita nomeação valerá, testemunhas sobreditas e eu Francisco Soares de Britto tabalião, que o escrevi. O padre João Lourenço // Pedro de Freytas Sousa // de Miguel de Freytas, de Francisco Gonçalves. O qual treslado de escritura de doação eu sobredito Francisco Soares de Britto tabalião do publico e judicial e nottas nesta villa e termo de Melgaço por provimento do Ouvidor de Barcellos tresladei de meu Livro de nottas onde foi outorgada e assinada e vay na verdade e sem cousa que duvida faça. E ao dito Livro que fica em meu poder me reporto e assino de meu sinal publico e acostumado que tal he. Pagou desta nota e caminho duzentos e oitenta reis // Despacho do Provisor: «Passe licença e se registre a escritura de dotte e mais papeis; oito de Junho de mil e seiscentos e sincoenta e hum». Comissão: «O Doutor Domingos Carvalho de Oliveira Dezembargador na Rellação desta Corte e Juizo dos Cazamentos e Provizor nesta Corte por impedimento do Proprietario Francisco Pereira Salgado pelos muyto Reverendos Senhores do Cabido *Sede Vacante*, etc^a., pela presente cometto ao Reverendo João Lopez Vilarinho abade de Sancta Marinha de Roussas termo da villa de Melgaço comarca de Valença que pessoalmente va ver a hermidia da invocação de Nossa Senhora da Esperança se está descente (*sic*) pera nella se poder dizer missa se tem todos os ornamentos necessarios conforme se requer e conforme ao que della lhe resultar fara termo por elle assinado, o qual com esta serrado e fechado sera remetido ao Escrivão que esta fes pera tudo autuar e fazer concluso pera se lhe deferir. Dada em Braga sob meu sinal e sello desta Corte aos dous de Maio de mil e seiscentos e sincoenta e hum annos. Andre Francisco da Rocha Notayro Apostólico a fes no Officio da Camara (fl. 83) e Administração de Valença o escrevi // Francisco Pereira Salgado //. Ao Sello quatrocentos reis // Ao Escrivão cento. Gouvea. Registado Gomes, o que tudo eu João de Gouvea escrivão do Registo Geral desta Corte fis registrar e sobescrevi e se fes bem fielmente sem couza que fassa duvida e por verdade me assino. Braga oje nove de Julho de mil e seiscentos e hum annos. João de Gouvea».

«Titulo da hermidia de Nossa Senhora da Esperança sita na freguesia de S. Payo de Melgaço da Comarca de Valença.

Saybam quantos este instrumto de doação e obrigação ou como em Direito mais valha e haja lugar que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e seiscentos sincoenta e hum annos aos vinte e hum dias do mez de Março do dito anno no lugar da Ponte d' Alote que he na freguesia de São Payo do

termo da Villa de Melgaço e cazas da morada do Reverendo Pe. João Lourenço ahii onde eu Francisco Soares Britto tabalião cheguei, ahii perante mim tabalião e das testemunhas ao diante escritas pareceo presente e outorgante o Reverendo Pe. João Lourenço pessoa por mim tabaliã reconhecida e por elle foi dito que elle com a ajuda de Deos Nosso Senhor tinha determinado e assentado defazer como de feito tinha feito h-ua hermidia junto a Barata pegado da estrada que vay da igreja de São Payo pera aVilla de Melgaço do orago e invocação da Virgem Senhora Nossa da Esperança; e pera a fabrica e reparo e ornamentos e missas e culto divino pera nella se celebrar, e mais cousas necessarias aqueria dotar como de feito logo dotou de hoje pera todo sempre jamais a dita herrmidia e capella as pessoas e propriedades seguintes, a saber: a sua vinha nova chamada *Das Fernandes*, sita na dita freguesia de S. Payo assy como está serrada e cercada sobre si, que serão sete cavaduras de vinha pouco mais ou menos, que parte do nascente que vem dos Ferreiros para o Outeiro, e do poente com vinha de Lourenço da Gaia pai delle dotador e das mais partes com quem directamente dve partir que he dizimo a Deos, e assi mais lhe dottava hum pedasso de souto que está por baixo da dita vinha que levará de semente dois alqueires pouco mais ou menos que parte do nascente com souto de João de Fontes, e do poente com caminho que vem dos Barreiros para o Regueiro e das mais partes com quem direito partir deva que he dizimo a Deos as quais propriedades dottava e avia por dotadas de hoje pera todo sempre jamais a dota capella para a fabrica e otrnamentos della e era contente de em tempo algum não fazer das ditas propriedades cousa alg-ua elle nem seus herdeiros e sucessores porque sempre estariãoobrigados a dita capella contanto que o Senhor Arcebispo ou seus Governadores e Comissários sejam contentes que na dita (fl. 81 v.) capella e hermidia se possam dizer missas e fazer officios divinos como se costuma em semelhantes capellas e hermidas, e que deixaria nomeado por sus morte administrador da dita capella, e não nomeando ficaria por administrador della seu irmão ou irmã que a esse tempo se achar ser mais velho contanto que o nomeado não caze com pessoa de nação digo com pessoa que tenha rassa de mouro nem judeu, nem de outra mor septa e fazendo o contrario perderá o direito todo da dita capella e dos bens a ella impostos, e sucedem nelle o parente mais chegado, ainda que tenha que seja clérigo, e o que suceder na dita capella por nomeação ou sucessão em nos bens a ella dotados que sempre serão os assim nomeados à dita vinha e souto andarã sempre no parente mais chegado, os quais bens aqui obrigados não poderão ser vendidos alheados, nem trtoquados, nem descambados, nem apenhados, nem sobte eles feito algum contrato de penhora, nem venda nem os frutos della, e fazendosse ocontrario tudo fique nullo, e de nenhum valor.

* O autor não segue o Acordo Ortográfico

Resumo do ano 2019

Abílio Francisco Conde



No final do ano fazem-se listas dos melhores livros, de filmes, dos acontecimentos importantes, etc. Não somos pessimistas. Acreditamos num futuro melhor. Mas observando o que se passa neste mundo que nos rodeia ficamos perplexos como a humanidade está a

evoluir. A terra aquece, a água é um bem ameaçado, os gelos dos polos derretem e os desertos aumentam. Não se consegue um programa eficiente para inverter esta situação. Por outro lado, a população cresce, os nacionalismos engalfinham-se, as opiniões divergem, as questões territoriais confrontam-se e o equilíbrio da sustentabilidade parece mais improvável. A acrescentar a isto, figuras internacionais que pudessem resolver esta crise em que vivemos apostam mais na sua sobrevivência e na ocupação do poder. Sempre houve dirigentes bons e maus mas este ano que passou foi glorioso para os maus. De norte a sul e de este a oeste, os dirigentes eleitos democraticamente ou com aldrabice sobrepuseram a sua vontade aos direitos humanos ou aos ditames religiosos. Foi um ano mau, de recuo.

O calendário é uma invenção científica universal-

mente aceite pela política como código de referência; os astros giram, as gerações sucedem-se, os pássaros continuam a bater as asas e a matéria decompõe-se e volta a compor-se porque segundo Lavoisier “*na natureza nada se cria, nada se perde; tudo se transforma*”. A passagem dos anos serve para estabelecer balizas e para fazer comparações entre o passado e o presente e pensar no futuro. Dos Estados Unidos ao Brasil e da Rússia à Coreia, os maus governantes tiveram um ano em cheio. Têm apoiantes para se aguentarem nos lugares que ocupam mas o mundo estaria muito melhor se eles em vez de governarem fossem limpar as florestas que eles negociam e ganham milhões. A história é assim, instável e cheia de surpresas. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Janeiro 2020

Argélia, o mais extenso país de África | 3

M. J. Lobo



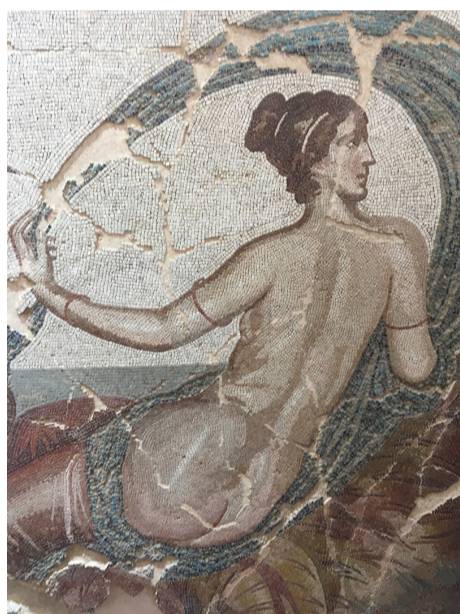
Arco do Triunfo em Timgad



Rapando as ervas do chão árido



Garganta de Ghoupfi



Um mosaico lindíssimo



Difícil a escolha entre tantas maravilhas



Mosaico do Museu de Timgad



Para calcular o tamanho dos fragmentos segue uma mão sobreposta. As unhas servem de escala.



PARA SUL: DA TIMGAD ROMANA ATÉ BISKRA

Partimos de Constantina de manhã bem cedo em direcção a sul. Inesquecível esta cidade em que sete pontes unem os bairros e palácios separados por um profundo desfiladeiro, surpreendente e inesquecível. A escolta policial recém regulamentada como obrigatória e que veio para nos escoltar pelo caminho dava-nos uma sensação acrescida de importância...

A saída para Sul tendo como destino final Gardaiha, já próximo do deserto do Sahara, seria alcançado só ao fim do dia seguinte. Partimos cedo para poder visitar com calma a surpreendente cidade romana de Timgad.

De início percorremos quilómetros de estrada la-deada de edifícios quase exclusivamente destinados a grandes marcas da indústria automóvel: peças e serviços de assistência sucediam-se em série ao longo da estrada. Surpreendente o número e a diversidade de marcas anunciadas nessas instalações!

A seguir apareciam as vendas à beira da estrada das frutas da estação a lembrar-nos o Outono: ao lado de peras e maçãs as inevitáveis romãs. Além das bananas universalmente presentes em todas as latitudes.

Sucediam-se depois pelas planuras fora, os rebanhos de ovelhas e cabras misturadas que, em conjunto, iam tosando umas ervas meio secas.

Timgad - Uma cidade romana

A meio da manhã deixamos a estrada principal para ir ao encontro das extensas e surpreendentes ruínas de Timgad, a cidade romana planificada e construída como investimento de ocupação e domínio territorial por Roma, sendo a cidade mais a sul de todo o Império Romano.

Já situada longe da costa do Mar Mediterrâneo, mais vulgarmente procurada como apoio ao comércio marítimo desde os fenícios, esta decisão política singular de ocupar uma posição no interior do território africano

Continua na pág. seguinte

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO) PESO MONÇÃO

Continuação da pág. anterior



Fragmentos minúsculos de pedras coloridas geram obras de arte



Enormes e duma minúcia extrema



Lindíssimo, com pedrinhas coloridas



Museu do Sítio Arqueológico de Timgad



Influência das cabeças africanas

destinava-se a aumentar a área de domínio e influência de Roma naquela região de África em direcção ao interior do continente.

A instalação desta cidade iniciou-se no início do século II durante o reinado do imperador romano Trajano (98-117). Uma iniciativa de ocupação por militares já na reserva, sem ter fins de conquista militar, e que acabou por dar origem a uma típica e pacífica cidade ao estilo romano com tavernas, lojas, um fórum e um enorme teatro que podemos hoje contemplar perfeitamente conservado na sua estrutura. Esta cidade protegia as rotas dos comerciantes e os habitantes da região contra os nómadas vindos do sul. Chegou a albergar cerca de 10.000 habitantes. Na região cultivavam-se em larga escala olivais e trigo e transformou-se num celeiro de Roma, com o seu azeite também muito procurado. E ainda de vinho.

O transporte até Roma por via marítima num mar calmo como o Mediterrâneo garantia o escoamento destes produtos muito apreciados. Abandonada alguns séculos mais tarde com as invasões bárbaras que provocaram o fim do Império Romano, ficou abandonada e foi lentamente soterrada pelas areias do deserto trazidas pelos ventos.

Descoberta a sua localização no século XVIII (1765) pelo explorador escocês James Bruce que descobriu e sinalizou um Arco do Triunfo romano a emergir no meio da aridez do solo africano que pisava, sem se aperceber nesse momento que estava em cima das ruínas da maior cidade romana do Norte de África, só em 1881, mais de um século depois de Bruce ter assinalado o facto, teve efeitos práticos. Arqueólogos franceses interessaram-se e conseguiram pôr a descoberto o que era afinal uma cidade romana planificada e construída de raiz. As surpreendentes escavações realizadas revelaram um património onde se descobriu muito do estilo de vida da época. Essa cidade fora conceptualizada, como referimos, para veteranos de guerra da Legião

Romana, dando um sinal de ocupação pacífica do território africano na direcção do interior. Com o decorrer do tempo os romanos integraram, como habitantes, populações naturais daquela área geográfica que vinham negociar os seus produtos e mostraram desejo de se estabelecer ali. Desenvolveu-se então para essa população local uma solução de compromisso: garantia-se a permanência durante 25 anos e ser-lhes-ia concedida a cidadania romana para si e para os seus filhos. Esta promoção de igualdade entre os cidadãos – sábia norma desenvolvida por Cícero – atraiu muitos africanos que deram inesperada vida e importância a esta região árida e com clima bastante seco. Assim, tornando-se estes africanos cidadãos romanos, as terras eram divididas em partes iguais por veteranos e africanos, uma justiça que transmitia segurança e estabilidade. Cultivavam cereais, azeite e vinho, que exportavam principalmente para Roma, por mar. Cerca de cinquenta anos depois da sua fundação a população da cidade era maioritariamente de africanos. Além de um comércio activo, atraía muita gente pelos jogos, pelos espectáculos, e pelas notícias trazidas por comerciantes e viajantes. Um fórum de vida social intensa.

A cidade foi projectada globalmente de uma forma ordenada, dividida em quarteirões de 400m² definidos por ruas perpendiculares que os enquadravam. Além do Arco de Triunfo que serviu, pelas suas dimensões, de periscópio a Bruce para assinalar a sua existência oculta no subsolo, descobriu-se depois, durante as escavações, um interessante teatro romano: com capacidade para mais de 3.500 pessoas, enchia-se com os entusiasmados habitantes de Timgad e das cidades vizinhas. Os africanos além da cultura, também foram influenciados pela religião romana. As decorações das casas de banho incluíam mosaicos coloridos retratando a mitologia romana. O banho era um ritual importante no dia a dia, e os africanos iam-se familiarizando com os deuses romanos. A abordagem de vivências com es-

sas imagens reproduzidas em vários locais levaram os africanos a adoptarem a cultura romana e essa sugestão foi tão eficiente que os africanos passaram a incluir na decoração das suas lápides figuras de deuses romanos.

Além do traçado da urbanização geral da cidade com as ruas paralelas e perpendiculares, ainda existem hoje bancas de mercado em pedra, assinaladas com relevos na pedra a explicar o que vendiam. Observamos a localização de fontes, de casas de banho públicas, zonas de lazer, de jogos, de convívio. Timgad foi incluída na lista de Património Mundial da UNESCO em 1982, por representar um dos melhores exemplos do planeamento em grelha das cidades romanas e de vivências culturais do dia a dia.

Museu de Arqueologia de Timgad

Um museu surpreendente que se torna inesquecível pelo surpresa que provoca e certamente pelo registo inapagável na memória de qualquer observador: as representações em mosaicos de figuras humanas ou míticas, em pedrinhas coloridas minúsculas com tons combinados, são fascinantes e inacreditáveis. Seguem algumas fotos para dar uma ideia. Captá-las presencialmente aumenta o impacto. Algumas esculturas também merecem contemplação. Muitas outras peças de uso corrente ou decorativas dão ideia do engenho e capacidade de manusear os materiais com uma harmonia estética sempre na preocupação de quem as idealiza e trabalha. Inesquecível. As fotografias ajudam a dar uma ideia. O conjunto torna-se fascinante pela capacidade da invenção de soluções engenhosas, estéticas com recurso à utilização dos materiais e cores naturais disponíveis. Belíssimo!

Percurso até Biskra O nosso percurso de Constantina para sul até Ghardaia teve duas etapas: a primeira com cerca de 260km até à cidade de Biskra, onde pernoitamos, que percorremos em carros de aluguer com uma escolta policial à nossa frente, de acordo com uma legislação implementada menos de uma semana antes da nossa chegada, sem qualquer encargo. A escolta policial mudava cada vez que entrávamos noutra concelho. E assim atravessamos oito concelhos, de escolta em escolta, sempre sem qualquer problema. Depois da visita a Timgad o almoço introduziu um intervalo para o percurso da tarde em que seguimos em direcção à garganta de Ghoufi, um longo e um imponente e extensíssimo “canyon” – ou desfiladeiro – que segue em fotografia muito parcial. O conjunto destes fenómenos geológicos imponentes com as suas dimensões raras foram classificados como Património Natural pela Unesco. Chegamos à cidade de Biskra, onde pernoitamos, para continuar o percurso em transporte público de camioneta na manhã seguinte. Já sem qualquer escolta, durante mais 400km até ao Vale do M’zab, nos limites do deserto do Sahara.

Figuras & Factos

por
João
Martinho



Lucinda Rodrigues, a influencer melgacense que já chega a milhares

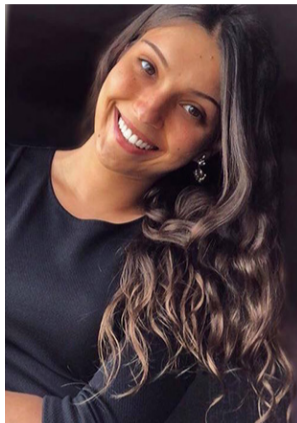
Lucinda Rodrigues (@lucinda.rodrigues, no *instagram*) nasceu ao segundo mês do ano de 1997 em França, mas é em Melgaço, onde vive actualmente, que passa para a grande nuvem informativa que é a internet as suas experiências saudáveis de vida.

Há cerca de um ano criou o *site* Um Cantinho Fitness, um espaço de experiências e conselhos relativos à qualidade de vida, saúde, beleza, bem-estar e fitness.

Os mais conservadores (ou que ainda não conheçam a página) poderão dizer que o contexto social em que Lucinda se move não permitirá grande *hype* ao site, mas o contabilizador de acessos diz o contrário. As dicas da jovem geram um acesso diário de mil a dois mil visitantes e, em dia de publicações, “já chegou a atingir cerca de cinco mil”. Sobre a missão nas plataformas digitais, Lucinda Rodrigues diz que tudo o que sugere e propõe é experimentado por si. É portanto a primeira cobaia dos conselhos saudáveis que coloca em pequenos textos, com fotos que tornam a experiência da visita mais apelativa.

“Tem como interesse ajudar as pessoas a melhorarem os seus estilos de vida. Contém receitas saudáveis elaboradas por mim, com alimentos benéficos para o nosso organismo; exercícios de actividade física, cuidados de estética elaborados e testados em mim, pequenos desabafos e textos de motivação em que as pessoas se possam enquadrar e perceber que embora sejamos diferentes, somos todos iguais”.

Ressalva para os textos sobre alimentação e exercício: Qualquer tema abordado no blog tem a aprovação de um profissional da área.



Bruno Pereira canta-nos Melgaço... e vai cantar ‘Abril’



Também conhecido por cá por cantar *covers*, sobretudo de artistas portugueses, Bruno Pereira saltou para o estatuto de figura pública – se quisermos considerar a vida cultural de Melgaço como um universo com ‘bolha’ própria – quando começou a cantar a sua versão, à guitarra, do tema “Recanto do Alto Minho”, musicado por Sérgio Fernandes, com letra de António Moura Alves e arranjos de Mário Monteiro.

A sua versão acústica foi ganhando expressão e em Agosto de 2019, no concerto de António Zambujo, integrado no programa “Melgaço em Festa”, conquistou um honroso momento de destaque, tocando e cantando ao lado do reconhecido artista nacional.

Zambujo acompanhou à guitarra e deu uns toques no refrão, mas foi Bruno Pereira que aguentou toda a lírica da mensagem, com a tensão de tocar ao lado de um dos seus ídolos musicais e em frente a milhares de melgacenses. Há provas disso no YouTube, com vídeo do concerto.

Bruno Pereira vai voltar a cantar para a comunidade em breve. É um dos cinco artistas convocados para ‘cantar Abril’, em que dividirá o palco com mais quatro músicos locais.

Valter Alves e a busca pelo rigor da história melgacense

Já todos nós, comunidade que lida com as tecnologias e a internet ou mesmo na rubrica “Viagens Nesta Nossa Terra” publicada mensalmente neste jornal, nos cruzamos com um dos textos de resenha histórica de Melgaço, compilados ou tratados pelo professor Valter Alves.

Por isso, ou em papel ou em computador, no blog “Melgaço, entre o Minho e a Serra”, entramos em vários momentos chave da História de Melgaço, ou de passagens lenda que tornam a história de cada local tão peculiar.

Natural de S. Paio, o incansável investigador da história melgacense mostra que não há séculos que não tenham informação digna de nos enriquecer a cultura dos dias de hoje. É o autor do livro “Santa Casa da Misericórdia de Melgaço – 1517-2017: Um Compromisso no Cinco Séculos”, lançado por altura da comemoração dos 500 anos da Misericórdia melgacense, e é também um dos investigadores – a par do antropólogo Álvaro Campelo – da rigorosa tarefa que deu origem ao Grupo Etnográfico da Casa do Povo de Melgaço, apresentado publicamente em Agosto de 2019.

O texto, mas sobretudo o levantamento fotográfico efectuado para que os trajes não desvirtuassem os hábitos melgacenses, tornam esta actividade – um trabalho de bastidores geralmente pouco conhecido – merecedora de reconhecimento. Porque o rigor da História, na maior parte das vezes, não é tão ‘pop’ como as histórias de hoje.



Luís Domingues, homenagem à história de um homem

Quando quis a profissão e o contexto de trabalho, que conhecesse de perto Luís Domingues, o ex-emigrante, ex-contrabandista e homem de projectos a longo prazo deslumbrava-me com as histórias dos tempos do contrabando.

Era a criatividade na passagem dos produtos, quando havia que passar valores, mas sobretudo a ‘luta’ diária de um modo de vida que raramente deixava viver qualquer homem da raia um sono descansado.

E Luís Domingues conseguia contar isso com o rigor de quem o viveu, mas enriquecia-o com apontamentos de humor, porque aquele tempo, embora nos chegue hoje através de testemunhos sofridos e fotografias a preto e branco e sépia, não era tão ‘cinzento’ como nos faz pensar.

Era um tempo de homens fortes, que trabalhavam de noite, de dia e ainda arranjavam tempo para se divertir. E em Cristóval, de onde ele era natural, havia uma actividade comercial e vida social que sempre lembrou com muito orgulho do seu cantinho raiano.

Faleceu a 29 de Agosto de 2019, aos 74 anos, vítima de uma doença que lhe roubava a cada dia a memória da sua vida tão vivida e cheia de objectivos para cumprir, como se lhe quisesse tirar um dos grandes troféus pelo qual sempre lutou.

Não teve tempo para desfrutar das suas conquistas e do conforto que sempre quis para si e para os seus, mas se a escrita serve para fazer justiça às conquistas de homens e mulheres que foram heróis na História mundial, que esta, na humildade do espaço que lhe cabe e universo de influência que possa ter, faça justiça à história de Luís Domingues e às memórias que deixou.



Maria Pires e a frescura na voz da pop

Com uma musicalidade na voz que não passa indiferente, Maria Pires também já não é uma ilustre desconhecida na comunidade melgacense. Não raras vezes, a jovem de Parada do Monte tem actuado em eventos e bares locais, em duo ou mesmo acompanhada pelos irmãos, Paulo e Luís Pires, nos instrumentos.

Tem um canal na plataforma de vídeos YouTube onde tem alguns *covers* de hits nacionais ou mundiais. E dá, com voz de veludo, uma fresca mas intimista camada musical às canções que ouvimos diariamente na rádio. Já cantou algumas das melhores de Carolina Deslandes, de Sam Smith, de Calum Scott e da banda (portuguesa) The Gift, cujos vídeos podemos encontrar no YouTube.

Em 2020 promete voltar a actualizar a página de partilha de vídeos, com os *covers* que já lhe renderam milhares de visualizações, mas promete novidades, uma vez que se tem dedicado à escrita para lançar alguns originais este ano. Ainda vai dar que falar, por isso não diga que não foi avisado deste pré-sucesso.

